

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEORIA PSICANALÍTICA

Manoela Nunes de Freitas

**O DELÍRIO E A ESCRITA COMO FORMAS DE TRATAMENTO DO GOZO  
E DE CONSTITUIÇÃO DO CORPO NAS PSICOSES**

Rio de Janeiro  
2018

Manoela Nunes de Freitas

**O DELÍRIO E A ESCRITA COMO FORMAS DE TRATAMENTO DO GOZO  
E DE CONSTITUIÇÃO DO CORPO NAS PSICOSES**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestre em Teoria Psicanalítica

Orientadora: Prof. Dra. Angélica Bastos de Freitas Rachid Grimberg

Rio de Janeiro  
2018

Manoela Nunes de Freitas

**O DELÍRIO E A ESCRITA COMO FORMAS DE TRATAMENTO DO GOZO  
E DE CONSTITUIÇÃO DO CORPO NAS PSICOSES**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Teoria Psicanalítica.

Aprovada em: \_\_\_\_\_

---

Orientadora Profa. Dra. Angélica Bastos de Freitas Rachid Grimberg  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Dr. Carlos Alberto Ribeiro Costa  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Dra. Doris Rangel Diogo  
Centro Psiquiátrico Rio de Janeiro

---

Dra. Nuria Malajovich Munoz  
Instituto de Psiquiatria da UFRJ

Rio de Janeiro  
20178

F866 Freitas, Manoela Nunes de.

O delírio e a escrita como formas de tratamento do gozo e de constituição do corpo nas psicoses / Manoela Nunes de Freitas. Rio de Janeiro, 2018.  
137f.

Orientadora: Angélica Bastos de Freitas Rachid Grimberg.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, 2018.

1. Psicanálise. 2. Gozo (Psicanálise). 3. Prazer. 4. Delírio. 5. Linguagem escrita. I. Bastos, Angélica. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia.

CDD: 150.195

*Aos “escritoristas” do Caps*

## AGRADECIMENTOS

À Angélica Bastos, por acolher minha questão de pesquisa, tornando possível escrever sobre a minha prática clínica. Pela orientação precisa e leitura atenta, pelo compromisso e seriedade na transmissão da psicanálise.

À Nuria Munoz, por aceitar mais uma vez acompanhar o meu percurso tão de perto, por me apresentar à clínica da psicose e à potência da psicanálise na saúde mental e pela parceria que viemos construindo desde então.

À Doris Diogo, por aceitar o convite de compor a banca e compartilhar mais uma vez parte do meu trajeto, pelas trocas na EBP/ICP-Rio, me mostrando desejo e leveza na formação e nas transferências de trabalho.

A Carlos Costa, por gentilmente aceitar participar da banca, pela leitura do meu texto e indicações no exame de qualificação.

Aos usuários do Caps III Franco Basaglia, que me permitem testemunhar a multiplicidade de modos de estar no mundo e por me ensinarem sobre as invenções para tratar o que há de mais radical no viver. Em especial, aos participantes da oficina de jornal, por me mostrarem toda semana o esforço de tentar colocar em palavras o que não cabe na vida.

A todos os profissionais do Caps III Franco Basaglia, pela experiência de viver a cada dia a construção de um trabalho em equipe e de uma clínica ética, trazendo alegria a um cotidiano tão árduo. Em especial, à Eliza Picoli, Conrado Tapajós e Bianca Bruno por apostarem no meu trabalho e tornarem possível conciliá-lo com o mestrado e à Bianca Dantas e à Laurinda Freitas pela companhia e amizade sincera.

À Ana Carolina Simões, Clara Reis, Bruna Tabak, Michelle Pastorini, Ingrid Valério, Marina Morena, Raquel Lacerda, Alessandra Martins e Luccas Trindade, amigas tão queridas que a psicanálise me deu.

À Gabriela Tinoco, Maxnelli Cruz, Bárbara Penteado, Bethânia Joshua, Marina Matos, por todo crescimento que este encontro permite.

À Caroline Mignot, Manuella Libardi, Igor Manhães, Helena Granitoff e Luísa Sartori (*in memoriam*), pelo laço que me acompanha desde a infância.

À minha família, por todo amor, carinho e apoio de sempre.

## RESUMO

FREITAS, Manoela Nunes. **O delírio e a escrita como formas de tratamento do gozo e de constituição do corpo nas psicoses**. Rio de Janeiro, 2018. Dissertação (Mestrado em Teoria Psicanalítica).

Este trabalho busca analisar a relação entre os modos de tratamento do gozo inventados pelos psicóticos e a estruturação do corpo nesses casos. A partir da indicação de S. Freud de que há, nas psicoses, um desligamento da libido dos objetos e um retorno desta ao eu, nossa hipótese de pesquisa é que a escrita, assim como o delírio, se coloque como um modo de reinvestir a libido e de estruturar um corpo. Schreber, Joyce e os casos atendidos na oficina de jornal de um Caps nos ensinam sobre essas maneiras de regular e apaziguar o que é vivido como excesso, possibilitando uma relação possível com o corpo. Partimos da constatação freudiana de que há um insuportável colocado para todos os sujeitos e da de J. Lacan de que há um excesso inaugurado pelo encontro do vivente com *lalíngua*, para investigar os modos de defesa possíveis contra esse mal-estar. Na medida em que, na neurose, uma escrita é feita a partir do inconsciente estruturado como uma linguagem e a desordem pulsional originária a todo ser falante se unifica como uma *Gestalt* devido à extração do objeto *a*, nos perguntamos quais são os modos de *saber-fazer* com o gozo de *lalíngua* nas psicoses e de amarração do corpo nessa estrutura. Assim, apontamos com Schreber a construção do delírio como uma tentativa de cura, uma invenção de saber para lidar com o que é invasivo, localizando o gozo no Outro, fornecendo uma forma ao corpo. A partir da escrita endereçada de seu livro, analisamos como o ato de escrever tem a função de organização do próprio delírio e como a publicação de um texto se coloca como um ato que possibilita a cessão de um objeto, produzindo alívio. Com James Joyce, vemos que a escrita teve a função de enodar o imaginário que se soltou dos demais registros – um recurso que trata o parasitismo da linguagem e tece seu corpo, ao aparelhar o gozo. Ao final, trazemos duas vinhetas clínicas nas quais a escrita se impôs como ferramenta de trabalho para pensar o lugar do analista frente ao texto dos psicóticos.

**Palavras-chave:** Psicanálise; Clínica das psicoses; Delírio; Escrita; Gozo; Corpo.

## RÉSUMÉ

FREITAS, Manoela Nunes. Le délire et l'écriture comme des formes de traitement de la jouissance et de la constitution du corps dans psychoses. Rio de Janeiro, 2018. Dissertation (Teoria Psicanalítica).

La relation entre l'invention de modes de traitement de la jouissance par les psychotiques et la possibilité de structuration du corps est analysée. A partir de l'indication de S. Freud à propos d'un retrait de la libido d'objet dans la psychose et son retour au moi, nous soutenons l'hypothèse que l'écriture, ainsi que le délire, est un moyen de réinvestir la libido et de structurer un corps. A partir de Schreber, de Joyce et des cas cliniques d'un atelier de journal dans un Centre-jour nous pouvons connaître quelques façons de réguler et pacifier ce qui est vécue comme excès, tout en fournissant une relation possible au corps. Nous partons de l'observation de Freud d'un insupportable pour tous les sujets et de celle de J. Lacan à propos d'un excès inauguré par la rencontre du vivant avec la langue, pour étudier les moyens possibles de défense contre ce malaise. Étant donné que, dans la névrose, l'inconscient structuré comme un langage fait écriture et que le trouble pulsionnel qui provient de tout être parlant s'unifie en tant que Gestalt en raison de l'extraction de l'objet, nous nous demandons quelles sont les possibilités de savoir-faire avec la jouissance de la langue et de ratage du corps dans les psychoses. Ainsi, nous signalons la construction du délire de Schreber comme tentative de guérison, comme invention d'un savoir face vis à vis de ce qui est invasif et qui localise la jouissance dans l'Autre et donne forme au corps. A partir de la fonction du destinataire, nous analysons comment l'acte d'écriture permet l'organisation du délire lui-même, mais aussi comment la publication d'un texte se présente comme un acte qui permet l'extraction d'un objet et produit soulagement. En James Joyce, l'écriture permet le nouage de l'imaginaire qui s'était détaché des autres registres – recours qui traite le parasitisme du langage, tisse son corps et peut appareiller la jouissance. Nous présentons deux vignettes cliniques dans lesquelles l'écriture permet penser la place de l'analyste face au texte psychotique.

**Mots-clés:** Psychanalyse; Psychose clinique; Délire; Écriture; Jouissance; Corps.

*Preciso do desperdício das palavras para conter-me.*

Manoel de Barros

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	12
<b>CAPÍTULO I. AS PSICOSES DE FREUD A LACAN</b>	16
<b>1.1 As psicoses em Freud: da constituição às tentativas de cura</b>	16
1.1.1 Os modos de defesa na neurose e na psicose	17
1.1.2 O delírio como forma de reinvestir a libido	22
<b>1.2 As psicoses em Lacan: a <i>foraclusão</i> e o retorno no real</b>	26
1.2.1 <i>Bejahung</i> ou <i>Verwerfung</i> e seus destinos	27
1.2.2 A <i>foraclusão</i> do Nome-do-Pai	32
1.2.3 Desencadeamento e seus efeitos no corpo	33
1.2.4 Estabilizações psicóticas: seguindo por pequenos caminhos	36
<b>CAPÍTULO II. CONSTITUIÇÃO DO CORPO E OS IMPASSES COM O GOZO DESLOCALIZADO NAS PSICOSES</b>	39
<b>2.1. Os destinos do gozo na neurose e na psicose</b>	40
2.1.1 A imagem velando a desordem	40
2.1.2 Esquema óptico: uma releitura do estádio do espelho	42
2.1.3 O objeto <i>a</i> como resto e o enquadramento da angústia	45
2.1.4 O corpo nas psicoses: impasses com o gozo deslocalizado	51
<b>2.2 A construção do delírio como um modo de localizar o gozo no Outro</b>	56
2.2.1 O trabalho do delírio	58
2.2.2 Do corpo despedaçado ao corpo de mulher em Schreber	61
<b>CAPÍTULO III. A ESCRITA COMO MODO DE APARELHAMENTO DO GOZO</b>	65
<b>3.1 Sobre a escrita</b>	65
<b>3.2. O trabalho sobre <i>lalíngua</i> e seu gozo</b>	67

<b>3.3 A letter, a litter</b>	71
<b>3.4 O inconsciente: um trabalho de escrita e leitura</b>	76
<b>3.5 <i>Lituraterra</i>: litoral, sulcos e rasuras</b>	81
<b>3.6 A escrita dos nós</b>	85
<b>3.7 A escrita na psicose</b>	89
<b>3.8 Endereçamento, publicação e circulação: a escrita em André Gide e Schreber</b>	93
<b>3.9 A escrita do corpo em Joyce</b>	99
<b>CAPÍTULO IV. A ESCRITA NA CLÍNICA</b>	106
<b>4.1 O caso João: o uso de artifícios para regular o gozo que retorna no corpo</b>	106
4.1.1 Começo dos atendimentos	106
4.1.2 O uso de artifícios	108
4.1.3 A invenção de uma escrita	109
<b>4.2 A oficina de jornal</b>	110
4.2.1 Começando a navegar: a escrita como solução singular	110
4.2.2 Secretariando os textos	113
4.2.3 Tecendo trocas: de <i>lalíngua</i> singular a uma <i>lalíngua</i> de transferência	115
4.2.4 Três casos: reconstruindo o mundo a partir da escrita	116
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	120
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	126

## INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende investigar os modos que um sujeito psicótico inventa para dar tratamento ao gozo e quais as consequências dessas soluções na relação do psicótico com seu corpo. Deste modo, a clínica com as psicoses e toda a sua intensidade foi o que moveu a escrita desta dissertação e, ao longo deste percurso, a prática clínica e a teoria psicanalítica orientada por S. Freud e por J. Lacan foram se articulando e construindo um trabalho possível com esses casos. Ao trabalhar com psicóticos, me salta aos olhos as invenções para regular o excesso vivido por esses sujeitos e, assim, tentar construir uma relação mais apaziguada com o corpo. A partir disto, foi de nosso interesse acompanhar de que ordem é esse mal-estar e como o tratamento psicanalítico pode ajudar a construir algum modo para lidar com ele.

Nossa hipótese teórico-clínica é que se trata de uma desregulação do gozo, nesses casos, que requer um trabalho de localização do que é vivido como excesso. Este é o ponto central que perpassará todo este trabalho a partir do qual lançamos uma pergunta: a construção de um delírio e o ato de escrever podem ser recursos para lidar com o gozo desregulado e possibilitar a confecção de uma estruturação corporal? Tentaremos desenvolvê-la ao longo das páginas que se seguem.

Nosso objetivo durante esta pesquisa, portanto, será o de analisar e acompanhar o trabalho do psicótico de inventar soluções para lidar com o excesso que invade o sujeito e, nosso ponto de chegada, a questão da escrita na psicose como uma possibilidade de trabalho sobre o gozo que retorna, interrogando se escrever pode possibilitar um esvaziamento e construir alguma relação possível do psicótico com seu corpo e com o mundo.

Foi percorrido um caminho até chegar a essa questão e, para orientar o leitor, consideramos necessário indicar brevemente como ela foi se desdobrando e os trilhos seguidos para chegar até ela, situando as mudanças e os desvios que foram percorridos devido ao estudo teórico, às orientações do mestrado e à minha prática clínica.

Inicialmente, a temática da constituição do corpo a partir de seu encontro com a linguagem na neurose e na psicose e dos impasses enfrentados pelos sujeitos para lidar com questões corporais graves se destacava como temática principal de minha investigação. O ponto de partida, portanto, foi a constituição do corpo, o que nos indicou que nem mesmo para os neuróticos ele é dado de saída.

A partir deste estudo, perguntamos como seria possível se fazer um corpo nas psicoses, já que nessa estrutura o encontro do corpo com a linguagem não produz unidade. De modo geral, minha questão referia-se às diferentes vias de constituição corporal, o que incluía a

neurose como uma via possível e me fazia interrogar outras formas de amarração. Me perguntei se, além da imagem, a escrita seria uma forma de enlaçamento do corpo.

Diante do trabalho em um CAPS III - um serviço 24h de saúde mental aberto e comunitário do Sistema Único de Saúde (SUS) criado para ser substitutivo do hospital psiquiátrico atendendo pessoas em grave sofrimento psíquico (BRASIL, 2004) – uma questão se colocou: qual o lugar nesta pesquisa para um estudo mais minucioso sobre a psicose? A partir daí segui para uma nova rota, não mais incluindo a psicose na pesquisa como antes, mas colocando essa estrutura como tema central, ao escolher acompanhar os caminhos auxiliares nas soluções com o corpo que os psicóticos percorrem diante da falta de uma estrada principal.

Assim, iniciamos uma investigação das psicoses em Freud (1911/2006) e nos deparamos com a indicação de que nessa estrutura há uma retirada da libido dos objetos e um retorno desta ao eu e que o delírio seria *uma* forma de reinvestir a libido. A partir da colocação de minha orientadora de que, em meu texto, pontuei o delírio como uma forma direta de resposta frente ao retorno da libido, abriu-se a possibilidade de pensar que tipos de respostas são possíveis frente ao excesso de gozo na psicose, situando o delírio como apenas uma dessas formas.

A partir disto, com as indicações freudianas sobre a problemática da libido nas psicoses, minha questão se especificou mais: das soluções de amarração do corpo na psicose ao tratamento do gozo nessa estrutura. Quais são as formas de localização do gozo e de esvaziamento do excesso que invade o sujeito? Assim, conceitos como “solução/invenção”, “saber-fazer”, “estabilização” passaram a se impor e a requisitar um estudo. Uma pergunta começou a se articular: *os modos de tratamento do gozo na psicose proporcionam uma forma de amarração do corpo?*

Um fato clínico importante para o redirecionamento da minha questão é a oficina de escrita e produção de um jornal que eu coordeno neste Caps. A partir do trabalho tão intenso feito pelos usuários (delirantes ou não) nessa oficina, e fora dela, com o ato de escrever, me perguntei se, assim como o delírio, tal como Freud (1911/2006) indicou, a escrita pode servir como um modo de reinvestir a libido, como via de escoamento do gozo e um modo de construir um lugar no Outro que não seja radicalmente o de objeto. Passei a me perguntar que trabalho é esse feito pela escrita, sobre o que se trabalha, o que se constrói com o texto, qual a relação dela com o corpo e, além disso, qual seria o meu lugar diante dos escritos dos psicóticos.

Para tentar responder a essas perguntas, este trabalho foi se organizando na forma de quatro capítulos. No primeiro, veremos as elaborações de Freud e Lacan acerca da clínica das psicoses e como a questão do mal-estar está colocada desde o início da obra freudiana quando se constata que há um excesso insuportável a todo vivente (FREUD, 1894/2006).

Acompanharemos os modos de defesa a isso nas neuroses e nas psicoses e veremos que, nessa última, a defesa implica uma rejeição a partir da qual ocorre uma retirada da libido dos objetos e um retorno dela ao eu requisitando um trabalho de reinvesti-la. Estas conclusões são traduzidas por Lacan (1955-56), a partir do termo freudiano *Verwerfung*, como a *forclusão* do significante Nome-do-Pai no lugar do Outro e seu retorno no real. Veremos como esse modo de constituição do sujeito acarreta uma outra maneira de estar na linguagem, de se relacionar com o corpo e com a escrita.

Como destacaremos os efeitos corporais vividos após um desencadeamento e as possíveis estabilizações da desordem que foi provocada, no segundo capítulo analisaremos a constituição do corpo na neurose e na psicose e concluiremos que na primeira o excesso é localizado, enquanto nas psicoses ele é deslocalizado (LACAN, 1962-63) e nos interessará pensar as maneiras de localizá-lo. Assim, com uma análise do caso Schreber, indicaremos, com Freud (1911/2006) e com Lacan (1957-578a), o delírio como uma forma de reinvestir e localizar a libido e de articular os fenômenos invasivos, dando uma forma ao corpo.

No terceiro capítulo, a partir do último ensino de Lacan (1972-73) entraremos na questão da escrita como um recurso que pode servir a todo ser falante para lidar com esse excesso primordial que se instaura a partir do encontro com *lalíngua* e que atordoia a todos. Veremos como na neurose há um trabalho frente a isso a partir de uma inscrição psíquica que possibilita que o inconsciente se escreva e se estruture como uma linguagem, dando um contorno ao corpo. E, nas psicoses, investigaremos que outras formas de solução são inventadas e que escrita é possível já que não se trata da escrita do inconsciente. Assim, nos perguntaremos se o ato de escrever pode servir para delimitar o gozo e tecer um corpo, pontos que analisaremos a partir da investigação de Lacan (1975-76) sobre o escritor irlandês James Joyce.

No último capítulo, traremos duas situações clínicas nas quais a escrita se impôs como solução: a primeira, o caso João, na qual a ausência de contornos corporais e de modos de regular o que é excessivo fica evidente, o que suscitou muitas das questões colocadas neste trabalho. Nos atendimentos, eu lanço mão do recurso de escrever durante as consultas como uma maneira de mediar a transferência, de inventar um lugar no mundo para ele e uma relação mais apaziguada com o corpo. A segunda, a oficina de escrita do jornal, que se colocou como nosso ponto de chegada, em que eu me coloco disponível para acompanhar psicóticos que têm uma relação muito particular e intensa com a escrita.

Todo este estudo se justifica pelo grande sofrimento vivido na psicose com um excesso que acomete de forma deslocalizada esses sujeitos. Na medida em que o psicanalista não deve recuar diante dessa clínica e com sua inserção cada vez maior dentro de instituições que tratam

da psicose, investigar e acompanhar as soluções psicóticas peculiares para tratar e localizar esse excesso é de extrema importância.

## CAPÍTULO I. AS PSICOSES DE FREUD A LACAN

Neste capítulo, faremos um percurso sobre os fundamentos teórico-clínicos a respeito das psicoses na obra de Freud e no ensino de Lacan. Temos como objetivo circunscrever o mecanismo fundante desta estrutura – a *foraclusão* do Nome-do-Pai –, chegando às possibilidades de reconstrução da relação com o mundo feitas pelos psicóticos.

Veremos as repercussões na relação com a linguagem que esse modo de constituição do sujeito acarreta, na medida em que se vive, nesses casos, uma relação de exterioridade em relação ao aparelho de linguagem. Veremos ainda como isso leva a modos diferentes de lidar com um excesso que acomete a todo ser falante. Nossa hipótese é que as maneiras de se relacionar com o corpo, e com a escrita também, tenham suas particularidades em função da *foraclusão* e da maneira como a linguagem se constitui.

Ao final deste capítulo, trabalharemos as indicações de Freud e Lacan sobre as formas de reinvestir a libido que se deposita no eu como modos de estabilização possíveis. Ou seja, como pequenas invenções de localização da libido e de reconstrução do mundo. A partir desse percurso, analisaremos, nos capítulos seguintes, como o delírio pode ser um recurso para lidar com o excesso que atordoa o psicótico e fornecer alguma amarração ao corpo até chegarmos na hipótese do ato de escrever, como um modo de lidar com o mal-estar das palavras e do corpo.

### 1.1 As psicoses em Freud: da constituição às tentativas de cura

Freud não atendeu em seu consultório muitos casos de psicose, sua clínica era majoritariamente composta por pacientes neuróticos. No entanto, mesmo com as dificuldades de acesso ao tratamento dessa estrutura, principalmente por não trabalhar em instituições públicas, como nos informou (FREUD, 1911/2006), ele não deixou de ser sensível às questões colocadas por esses casos, e de aprender com eles, para formular conceitos e avançar na construção da teoria psicanalítica.

Mesmo que de forma pontual, nos fornecia orientações sobre a clínica das psicoses já em suas cartas, rascunhos e em seus primeiros artigos. Anos à frente, retoma essa temática no texto em que analisa o caso do presidente Daniel Paul Schreber e segue com as investigações sobre a psicose até o final de suas publicações. Um caminho, delineado a seguir, que vai da pesquisa sobre o mecanismo específico que funda a psicose até as possíveis maneiras de reconstrução do mundo realizadas por esses casos.

Podemos dizer que a comparação entre neurose e psicose foi crucial na elaboração de sua teoria a respeito do funcionamento neurótico e de seu tratamento e que foi a partir das aproximações e diferenças entre uma estrutura e outra que ele foi demarcando o que era muito específico de cada uma, assim como fez Lacan. Esse modo de estudo nos será útil e nos autoriza a também ir cotejando as duas estruturas a fim extrair as indicações sobre as psicoses que servirão ao nosso tema de pesquisa.

Veremos agora, de maneira minuciosa, esses momentos precisos no texto e na clínica de Freud para adiante trazer a leitura feita por Lacan deles e sua contribuição a essa temática. É importante sublinhar que, apesar de poucos, esses momentos foram fundamentais para os avanços e reformulações na obra freudiana.

### 1.1.1 Os modos de defesa na neurose e na psicose

No começo de sua obra, Freud estava interessado pelo modo como cada estrutura e, dentro delas, como cada modalidade clínica, trata de algo insuportável que acomete o corpo e a relação com a linguagem. Ele notou que há um excesso insuportável, requisitando um trabalho psíquico, que está colocado para todos. Assim, foi a partir do termo “defesa” (FREUD, 1894/2006) que ele introduziu essa questão, buscando discernir o que é específico e peculiar no modo de tratar esse excesso no caso da histeria, das obsessões/fobias e das psicoses – aqui abordadas, sobretudo, pela confusão alucinatória e pela paranoia.

Logo de saída, percebeu que há, em qualquer estrutura, algo de excessivo que requisita algum tratamento. Percorreremos a maneira como se trata isto que é insuportável, que Freud localiza a partir da presença de um afeto, na histeria e nas obsessões para chegar às psicoses, na medida em que nos interessa, sobretudo, o modo como isto é feito nesta clínica.

Em *As neuropsicoses de defesa*, Freud (1894/2006) nos apresenta esta experiência aflitiva que um sujeito vive e os modos de lidar com ela: trata-se de um afeto suscitado por uma representação que não consegue ser tratada apenas por um esquecimento voluntário. Devido a essa impossibilidade, tem-se, como resultado para o conflito que se impõe, ou uma histeria, ou uma obsessão ou uma psicose alucinatória. Nos três casos, o eu não consegue tratar a representação incompatível – que é localizada aqui como provinda da vida sexual – pelo recurso do esquecimento. Nas psicoses, ela é tratada como se não tivesse acontecido, como veremos mais detalhadamente adiante.

Na *Carta 46*, Freud (1896a/2006) indica que não basta apenas um excesso de sexualidade para adoecer, é preciso também que a defesa opere para que se produza uma

*neurose*, termo que abrange, nesse texto, tanto as neuroses quanto as psicoses. O que ocorre é que esse excesso não consegue ser *traduzido* em imagens ou em palavras. É importante destacar o termo “tradução” na medida em que falaremos sobre a escrita mais adiante.

No *Rascunho H* (FREUD, 1895/2006), o que intriga Freud e o que o faz avançar nessas questões é pensar o que faz com que um sujeito, diante de uma defesa a esse conflito, seja levado a respostas tão diferentes e, no caso das psicoses, tão radicalmente diferentes. Nesse texto, a paranoia é tratada como um “modo patológico de defesa” (p.254), assim como as neuroses o são. Ou seja, há um modo de defesa tanto na neurose quanto na psicose, mas uma diferença entre elas se coloca.

O que é percebido é que a neurose tem como recurso possível separar esta representação incompatível do afeto que é ligado a ela. Assim, tanto na histeria quanto nas fobias e obsessões, o eu transforma essa representação poderosa numa representação fraca, ao lhe retirar o afeto do qual ela estava carregada e, desse modo, a representação fraca não exige mais o trabalho que exigia. No entanto, o afeto que estava ligado a ela precisa ser utilizado de alguma forma. É a partir desse emprego do afeto, ou angústia, que Freud vai distinguir os tipos de neuropsicoses e os caminhos percorridos por cada uma delas (FREUD, 1984/2006).

Lacan (1962-63), no *Seminário 10*, nos ajuda a pensar essa separação, que ocorre na neurose, da representação e do afeto e o destino dado a cada um deles, quando nos afasta da ideia da angústia ser uma emoção, localizando-a claramente como um afeto. Diz que o afeto, tal como Freud nos indicou acima, não é recalcado, ele se desprende, ficando à deriva e requisitando que se dê algum destino a ele. O que é recalcado, portanto, são os significantes que o amarram.

No caso da histeria, a representação incompatível torna-se inócua ao ser recalcada e formar o “núcleo de um segundo grupo psíquico” (FREUD, 1984/2006, p.57)<sup>1</sup>, enquanto a soma de excitação é transformada em “alguma coisa somática” (p.56), o que Freud nomeia, pela primeira vez, de “conversão”. Assim, o eu consegue se libertar da contradição à qual se via confrontado. Portanto, notemos que o que é específico da histeria é a capacidade de conversão, ou seja, de transpor somas de excitação para a inervação somática.

Freud (1894/2006) nos diz que a neurose obsessiva carece dessa aptidão à conversão, mas que, de qualquer modo, ela também rechaça a representação incompatível e a separa de seu afeto. A representação fica enfraquecida, permanecendo na consciência, e seu afeto é tornado

---

<sup>1</sup> Freud ainda não tinha em mãos o conceito de inconsciente, que só é lançado em 1900 no texto *A interpretação dos sonhos*.

livre. No entanto, esse afeto não segue pela via somática como na histeria, ele permanece na esfera psíquica e liga-se a outras representações, que por si só não são incompatíveis. Acontece, assim, uma “falsa ligação” e essas novas representações, ligadas agora ao afeto, tornam-se representações obsessivas. “A obsessão representa um substituto ou sucedâneo da representação sexual incompatível, tendo tomado seu lugar na consciência” (p.59).

Em sua clínica, Freud (1894/2006) percebe que a defesa histérica, a partir da conversão do afeto, parece ser muito mais eficaz para o eu e ter mais êxito do que o destino dado ao afeto na neurose obsessiva, visto que nesta ele permanece e não é diminuído. Nesta modalidade clínica, apenas a representação incompatível é abafada, enquanto a angústia continua assolando o sujeito.

Nessas duas psiconeuroses, identifica-se a defesa contra a representação incompatível a partir da separação desta de seu afeto, como vimos acima. O que se percebe é que a defesa na psicose não se dá dessa maneira. Freud (1984/2006) nos diz que “há, entretanto, uma espécie de defesa muito mais poderosa e bem-sucedida. Nela o eu *rejeita* a representação incompatível juntamente com seu afeto e se comporta como se a representação jamais lhe tivesse ocorrido” (p.64, grifo nosso). Trata-se da psicose, abordada aqui pela psicose alucinatória.

Freud (1894/2006) afirma que nessa estrutura o eu *rechaça* a representação incompatível através da *fuga para a psicose*. O eu rompe com esta representação, que fica ligada a um fragmento da realidade, e, na medida em que ele consegue seu resultado, o eu também se desliga total ou parcialmente da realidade. Desde já, é indicado que esse distanciamento do mundo é a condição para que o sujeito, por exemplo, alucine. Este ponto é retomado nos textos escritos ao final da obra freudiana, como veremos, o que será apontado como um trabalho de reconstrução da realidade feito pelo psicótico. Mas, desde já, nos é dado o exemplo do caso de uma mãe que adoce ao perder seu bebê e que passa a embalar em seus braços um pedaço de madeira e o caso de uma noiva abandonada que continua a andar por anos com seus trajes nupciais esperando pelo noivo.

Um outro exemplo nos é fornecido a partir de um caso atendido por Freud no qual a censura que a paciente se fazia por ser uma “mulher depravada” passa a ser uma censura “proveniente de *fora*” (grifo nosso), alucinada na fala de suas vizinhas. Freud (1895/2006) percebe que o tema continuou o mesmo, mas que a “*localização da coisa*” mudou. “Antes, tratara-se de uma autocensura interna; agora, era uma recriminação *vinda de fora*” (p.255, grifo nosso). Nessa passagem, fica claro como se antecipa algumas formulações que só serão trabalhadas no texto sobre Schreber (FREUD, 1911/2006), ao já apontar que é de outro lugar que o que foi “rechaçado” retorna.

Nesse momento, o termo “projeção” é utilizado para explicar esse “vindo de fora”: na paranoia, uma ideia que é incompatível ao eu é rechaçada e seu conteúdo é projetado no mundo externo. No entanto, na medida em que a projeção de forma consciente também ocorre na vida normal, Freud (1985/2006) diz que se trata, na paranoia, de um *abuso do mecanismo psíquico da projeção* para fins de defesa, na qual se esquece uma das premissas do silogismo e se dá uma supervalorização ao que as pessoas sabem ou ao que elas fizeram. Deste modo, conclui que a “ideia delirante é sustentada com a mesma energia com que uma outra ideia, intoleravelmente penosa, é rechaçada do ego. Assim, essas pessoas amam seus delírios como amam a si mesmas. É esse o segredo” (p.257).

A partir destas conclusões, Freud (1985/2006) resume os caminhos trilhados diante da defesa realizada em cada caso:

1) Na histeria, a ideia incompatível não tem acesso à associação com o eu, seu conteúdo é retido em compartimento separado, ausente da consciência, e seu afeto é eliminado pela conversão somática;

2) Na ideia obsessiva, também a representação incompatível não tem acesso à associação, o afeto, no entanto, é mantido e o conteúdo é representado por um substituto;

3) Na confusão alucinatória, a totalidade da ideia (afeto e conteúdo) é afastada do eu às custas de um desligamento parcial do mundo externo, tendo-se o recurso às alucinações;

4) Na paranoia, o conteúdo e o afeto da ideia são mantidos, mas projetados no mundo externo e as alucinações são hostis ao eu.

Neste ponto fica claro como já é distinguido, dentro do campo das psicoses, uma diferença entre a confusão alucinatória – esquizofrenia – e a paranoia, ainda que essa diferença seja melhor trabalhada anos à frente. Mais tarde, em 1912, essa linha divisora de águas entre paranoia e a esquizofrenia é retomada, o que faz Lacan (1955-56, p.12) afirmar que o campo das psicoses é dividido em dois para Freud.

Em *Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa* (FREUD, 1896b/2006), é apontado que o que desperta a doença não é o evento traumático em si, mas a lembrança, o traço mnêmico dele. Nesse texto, interroga-se sobre este mecanismo especial de “recalcamento”<sup>2</sup> nas psicoses, já que na histeria trata-se do recalque pela *conversão em inervação somática* e na neurose obsessiva pelo método da *substituição*. Trata-se de um

---

<sup>2</sup> Na medida em que Freud utiliza diversas vezes o termo *recalque* em alguns textos para falar também da psicose e em outros utiliza o termo *rejeição*, optamos por colocar o termo recalque entre aspas sempre que Freud estiver se referindo à psicose. Do mesmo modo, colocaremos o termo *neurose* entre aspas quando este for usado para tratar tanto da neurose quanto da psicose.

mecanismo de defesa, mas ainda não se localizou qual a peculiaridade dele em relação ao que ocorre nas neuroses. Nota-se também que em todas as estruturas há o retorno do que foi “recalcado”, ou seja, que as defesas são malsucedidas. É indicado que, na psicose, esse retorno se dá via alucinações, nos pensamentos “ditos em voz alta” e que a formação delirante combinatória se coloca como uma tentativa de interpretação do que retorna. Este ponto é importantíssimo para pensarmos adiante sobre o que Lacan chama por um retorno no real e um trabalho sobre isso.

No *Rascunho K*, Freud (1896c/2006) se debruça mais sobre o “retorno do recalcado” e pontua que a principal diferença entre as “neuroses” está na forma como retornam as ideias recalçadas. No entanto, o caráter específico de uma “neurose” está no modo como se realiza o recalque.

Na neurose obsessiva, ocorre a lembrança de uma experiência primária que foi prazerosa e, junto com ela, emerge uma autocensura por isso. Tanto a lembrança quanto a autocensura são recalçadas, aparecendo um sintoma primário de defesa: a escrupulosidade. Depois, aparece o retorno do recalcado quando a autocensura retorna como sentimento de culpa sem conteúdo, que vem a ligar-se a outro conteúdo por substituição, formando as ideias obsessivas. Podem aparecer ainda sintomas secundários de defesa contra a obsessão (FREUD, 1896c/2006).

Na paranoia, também ocorre “recalque” depois de uma lembrança que causa desprazer. Contudo, não se forma uma autocensura que precisa ser recalçada, como na neurose obsessiva, há uma *recusa* na crença da autocensura. O desprazer gerado é atribuído a outras pessoas que se relacionam com o paciente, segundo a fórmula da projeção. O sintoma primário que se forma é a desconfiança, no qual a pessoa se recusa a crer na autocensura, esta, então, aparece como vinda de fora. A crença é separada da autocensura primária e o ego não reconhece os sintomas como estranhos a si mesmo, há uma tentativa de explicá-los, o que Freud aborda como delírios assimilatórios ou interpretativos (FREUD, 1896c/2006).

Deste modo, Freud indica que uma diferença crucial está localizada no modo como se dá o “recalque” nesses dois tipos clínicos, visto que, na psicose, parece-lhe ocorrer uma defesa muito mais poderosa. Indica também que tanto na neurose como na psicose há um retorno do “recalcado”, no entanto, na psicose o que retorna vem de fora. Mesmo nomeando-se a defesa psicótica também pelo termo “recalque” em algumas passagens, fica claro como Freud indica tratar-se de uma “recusa”, de um “rechaço”, de uma “rejeição”. Veremos que vai se concluindo que a maneira como o “recalcado retorna” está na dependência do tipo de recalque operado.

Um ponto de suma importância para este trabalho localiza-se na indicação das diferentes formas que ocorrem o retorno do “recalcado” nas psicoses, isso ficará mais claro quando as

investigações freudianas se aproximarem das pesquisas sobre os pontos de fixação e regressão da libido.

Uma dessas formas é caracterizada pelo retorno apenas do afeto aflitivo, o que podemos ler com Lacan como o retorno do gozo no corpo que ocorre na esquizofrenia, sem ligação com a representação rejeitada. Outra forma ocorre quando, junto com o afeto, também retorna o conteúdo da experiência, a representação, sob a forma de alucinação (FREUD, 1986c/2006). A questão que impulsiona nossa pesquisa refere-se aos modos possíveis na psicose de se tratar esse excesso de gozo, que invade o sujeito, retornando de fora.

Como pudemos ver, Freud está às voltas com o problema da etiologia das neuropsicoses. Diz ele na *Carta 125*, de 1899: “tenho diante de mim o problema da ‘escolha da neurose’. Quando é que uma pessoa se torna histérica em vez de paranoica?” (p.331). Nessa carta, ele traz um ponto inteiramente novo que adianta o que será tratado no caso Schreber e no texto *Sobre o narcisismo*: há um momento na constituição do sujeito em que a sexualidade é autoerótica e um momento de aloerotismo que o sucede. A histeria é aloerótica, enquanto a paranoia seria um retorno à posição do autoerotismo. É importante frisar que já está indicado um desligamento dos objetos na psicose, o que veremos mais à frente.

### 1.1.2 O delírio como forma de reinvestir a libido

Depois de um período de muitos anos sem a questão das psicoses aparecer nas publicações freudianas, em 1911, no texto *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (dementia paranoides)*, esse tema retorna a partir de uma análise minuciosa do livro *Memórias de um doente dos nervos*, escrito por Daniel Paul Schreber (1905). A história clínica desse caso será examinada mais detalhadamente em outro momento deste trabalho. Por ora, nos interessa pontuar algumas colocações precisas desenvolvidas nesse texto freudiano sobre o mecanismo da paranoia e sobre os avanços nas indicações a respeito da psicose.

É importante lembrar que Schreber não foi paciente de Freud e que o caso foi construído a partir de sua leitura das *Memórias*. Como disse Lacan (1955-56), foi a partir do “encontro excepcional entre o gênio de Freud e um livro único” (p.19). Essa análise só foi possível porque os psicóticos possuem a peculiaridade de revelar exatamente o que os neuróticos mantêm em segredo (FREUD, 1911/2006).

Deste modo, ao analisar o caso Schreber com os conceitos que tinha elaborado até então, Freud (1911/2006) investiga a especificidade da paranoia, como vinha fazendo, visto que

encontrou nesse caso também um “complexo paterno” e “fantasias de desejo”, assim como encontrava nas neuroses. Afirma que a distinção entre a paranoia e as neuroses deve ser procurada na formação assumida pelos sintomas. A diferença, então, não será encontrada na natureza dos complexos, “mas pelo mecanismo mediante o qual os sintomas são formados ou o recalque é ocasionado” (p.67). Assim, pontua que Schreber, diante de uma “fantasia de desejo homossexual”, reage com delírios de perseguição.

Freud (1911/2006) antecipa as formulações que fará em 1914, no texto *Sobre o narcisismo*, dizendo que há um momento no desenvolvimento da libido em que as pulsões, que estavam desempenhando atividades autoeróticas, reúnem-se para poderem dirigir-se a um objeto amoroso. Este momento localiza-se, portanto, entre o autoerotismo e o amor objetal, e chama-se narcisismo, quando o próprio corpo começa a ser tomado como objeto amoroso, para, em seguida, ter-se um objeto externo.

Há possibilidades de “fixação” em cada tempo de constituição do sujeito e, na medida em que se apresenta uma frustração, pode haver uma regressão da libido a um desses pontos. A hipótese de Freud é que o ponto de fixação da paranoia deve ser localizado entre o autoerotismo, o narcisismo e o homossexualismo e algo parecido ocorre com a esquizofrenia, diferença que ele ainda não conseguiu formular muito bem (FREUD, 1911/2006).

Concluí que as formas de paranoia derivam de uma defesa contra a proposição “eu (um homem) o amo (outro homem)”. Deste modo, a frase “eu o amo” pode ter alguns destinos: a negação do verbo (eu não o amo - eu o odeio), seguida de sua projeção resultaria em “ele me odeia” e constituiria o delírio de perseguição; a negação do objeto (eu não o amo - eu a amo), seguida de sua projeção, ficaria “ela me ama”, dando a forma da erotomania; a negação do sujeito (eu não o amo - ela o ama) constitui os delírios de ciúme; e a negação de toda a frase resultaria na megalomania com a gramática “eu só amo a mim mesmo” (FREUD, 1911/2006).

Além desta conclusão, dois pontos cruciais são destacados por Freud (1911/2006) nesse trabalho. Primeiro, faz a leitura de que há na psicose uma retirada da libido que estava investida nos objetos e um redirecionamento dela ao eu, requisitando que se faça algo com esse excesso de libido que se desligou. Um caminho possível de tratar essa libido e reinvesti-la ocorre quando o paranoico constrói novamente o mundo com o trabalho de seus delírios, ponto que Freud vai desenvolver ao longo do caso Schreber. Essa indicação é de suma importância neste trabalho, já que pesquisamos caminhos possíveis percorridos na psicose para tratar esse retorno da libido. Além do delírio, quais outros modos são possíveis de se reinvestir a libido? Ficaremos com esta questão em suspenso por ora.

Assim, o processo de “recalque” na psicose consiste em um desligamento da libido das pessoas e das coisas que foram amadas, o que acontece de forma silenciosa. E, o que ocorre de forma ruidosa – a possibilidade de reconstrução desse mundo, reinvestindo a libido a partir do delírio e das alucinações, por exemplo – é o processo de restabelecimento (FREUD, 1911/2006). Essa conclusão é bastante subversiva, na medida em que os sintomas são considerados como um momento próprio dos psicóticos no sentido de algum restabelecimento.

Consideramos, deste modo, que há um trabalho constante na psicose de dar tratamento a esse retorno da libido ao eu. Freud nos indica que este tratamento, ou dito nos termos freudianos, as tentativas de reinvestir a libido, constituem um processo de restabelecimento, uma tentativa de cura. Temos em vista analisar as invenções feitas pelos psicóticos para, ao reinvestir a libido, localizar o gozo.

O outro ponto de suma importância no texto de 1911 é a retificação do que vinha sendo indicando até então como um mecanismo de projeção na psicose. Este ponto é reformulado com a afirmação de que o que foi abolido internamente não é *projetado* para o exterior, mas *retorna desde fora* (FREUD, 1911/2006). Assim, a ideia de que há uma projeção na psicose é abandonada, não é disso que se trata como veremos melhor adiante.

Portanto, Freud (1911/2006) conclui o que ele vinha desenvolvendo ao afirmar que tanto na paranoia quanto na esquizofrenia há um desligamento da libido e um retorno desta ao eu, mas que na paranoia a regressão é ao estágio do narcisismo – o que caracteriza os sintomas de megalomania tão comuns – enquanto que na esquizofrenia estende-se até um “completo abandono do amor objetal e um retorno ao autoerotismo infantil” (p.84).

Anos à frente, Freud (1923/2006) continua investigando a diferença entre a neurose e a psicose. Indica que a neurose é o resultado de um conflito entre o eu e o isso, ou seja, um conflito em que o eu, a serviço do supereu e da realidade, põe o recalque em movimento contra um impulso do id. Já a psicose é um desfecho de um distúrbio nas relações do eu com o mundo externo. Assim, se, normalmente, o mundo externo fornece percepções ao eu e possibilita a formação de um mundo interno a partir das lembranças e percepções anteriores, na psicose há uma recusa a aceitar as percepções, como se o mundo exterior não fosse percebido ou não tivesse efeito e o mundo interno, dessa maneira, também perde seu investimento.

Um ponto, acrescentado neste texto para diferenciar a neurose da psicose, é o caso de se permanecer fiel ao mundo externo e tentar silenciar o id, como se faz na neurose, ou o caso de ser derrotado pelo id e arrancado da realidade, como na psicose. Também há a pergunta sobre qual é o mecanismo, análogo ao recalque que permite ao eu se desligar do mundo dessa maneira (FREUD, 1923/2006).

Diante de uma fenda nas relações do eu com o mundo, que também podemos ler com a retirada da libido dos objetos, o psicótico cria um novo mundo externo e interno, nos diz Freud (1923/2006). O delírio, então, se aplica como um “remendo” onde se localiza essa fenda na relação do eu e do mundo externo. Deste modo, as manifestações do processo patológico são indicadas como manifestações de uma tentativa de cura ou de uma reconstrução do mundo, como pôde ser demonstrado a partir do caso Schreber.

Esses pontos continuam a ser desenvolvidos no texto *A perda da realidade na neurose e na psicose*. O que Freud (1924/2006) pontua é que na neurose, o eu, a serviço da realidade externa, suprime um fragmento da vida pulsional, do id; ao passo que na psicose, o eu, a serviço do id, se afasta de um fragmento da realidade.

De forma mais detalhada, na neurose há este primeiro momento em que o ego se dispõe ao recalque de uma moção pulsional, o que pode ter êxito e evitar que a pessoa caia enferma. No entanto, como foi visto acima, pode haver um segundo momento em que esse recalque fracassa, quando nos deparamos com o retorno do recalcado sob a forma dos sintomas neuróticos. Como consequência disso, há um afastamento da realidade também na neurose.

Na psicose, também se distinguem duas etapas: primeiro o desligamento do ego da realidade e depois uma tentativa de reparar esse dano a partir de uma construção de uma nova realidade. Ou seja, se, na neurose, a perda da realidade seria evitada e aconteceria num momento posterior, na psicose, ela está de fato presente e ocorre logo de saída. Freud (1924/2006) nos diz que “a neurose não repudia a realidade, ela apenas a ignora; a psicose repudia e tenta substituí-la” (p.207). O que ele afirma é que ocorre uma perturbação da realidade e um trabalho de reparação nas duas estruturas.

Se na neurose o que ocorre é o recalque da exigência pulsional, um afastamento da realidade e uma reconstrução via fantasia, na psicose o que ocorre é uma *rejeição* de algo e uma tentativa de reparar o dano nas relações com o mundo, criando uma nova realidade pelas alucinações e delírios, por exemplo. O que Freud localiza como patológico na neurose está na segunda etapa, já que o recalque pode ter sucesso em alguns casos. Na psicose, o que é patológico localiza-se na primeira etapa, enquanto que a segunda, mesmo muito barulhenta, trata de um remodelamento, de uma tentativa de cura, o que fica muito claro com a reconstrução do mundo feita por Schreber.

Vemos, deste modo, como Freud dá ao delírio o estatuto de um trabalho, feito pelo psicótico, de uma tentativa de cura, de uma solução delirante. Podemos resumir a função do delírio para o psicótico, a partir das indicações freudianas apontadas ao longo deste trabalho, em três pontos. Primeiro, o delírio como um caminho que pode possibilitar ao sujeito reinvestir

a libido que se desligou dos objetos e retornou ao eu, numa forma de localizar essa libido, dando destino ao afeto. Segundo, o delírio pode fazer um remendo nas relações do sujeito psicótico com o mundo, na medida em que antes havia um buraco, um abismo. Terceiro, a possibilidade da construção de uma nova realidade a partir do delírio, ou seja, a construção de uma realidade delirante que dá um lugar ao sujeito no mundo.

Portanto, no começo de seus escritos sobre as psicoses, o que Freud mais estava às voltas se referia ao mecanismo fundante dessa estrutura em contraposição ao mecanismo do recalque na neurose e os modos como isso retorna a partir de cada tipo de defesa realizada. Ou seja, o que é recalado retorna de um modo e o que é rejeitado retorna de outro. A partir do estudo do texto do presidente Schreber e no decorrer de sua obra, Freud abre espaço na sua investigação para as soluções encontradas na psicose diante da problemática da libido e para as tentativas de cura e de restabelecimento, sobretudo a partir do delírio, o que muito nos interessa. Vejamos agora como Lacan trabalha estas indicações freudianas.

## **1.2 As psicoses em Lacan: a *foraclusão* e o retorno no real**

Vimos nos itens acima como Freud investiga a fundo o mecanismo fundante das psicoses e formula muitos conceitos da psicanálise a partir dessa clínica. Contudo, no que se refere ao tratamento destes casos, Lacan (1955-56) comenta que esse ponto quase não foi abordado na obra freudiana, a não ser de maneira bastante alusiva. Em alguns momentos, o tratamento psicanalítico aos psicóticos foi inclusive contraindicado, devido às dificuldades na transferência (FREUD, 1912/2006). No entanto, Lacan nos autoriza e nos indica a não recuar diante das psicoses e pontua ser útil ocupar-nos delas (referindo-se aqui à paranoia), por mais “íngrato e árido que isso possa ser para nós” (p.25), na medida em que é por este caminho que se trabalhará na elaboração e no exercício dos conceitos freudianos e também na nossa formação na análise.

Ou seja, Lacan indica o trabalho com a psicose como uma importante via na formação do analista e segue os trilhos de Freud para construir sua teoria a respeito dessa estrutura, a partir dos poucos momentos em que este se dedicou ao estudo desta clínica, avançando também sobre a direção do tratamento com esses casos.

Neste momento, portanto, veremos como Lacan, sobretudo no *Seminário 3*, dedicado às psicoses, e no texto dos *Escritos – De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*, retoma e desenvolve o termo “rejeição” a partir de textos freudianos, localizando os pontos em que o termo *Verwerfung* indica a especificidade da defesa nas psicoses. Assim,

veremos como ele investiga sobre esse mecanismo, sobre a indicação de que o que foi abolido internamente “retorna desde fora” e como segue adiante com as soluções inventadas na psicose, indicando um tratamento possível.

### 1.2.1 *Bejahung* ou *Verwerfung* e seus destinos

Meleval (2002) esclarece que, em Freud, o termo *Verwerfung* não foi tão decisivo para circunscrever a especificidade da psicose, na medida em que foi utilizado de forma indiferenciada algumas vezes. Apenas no escrito sobre o Homem dos lobos esse termo aparece claramente como um rechaço de saber, mas isso não aparece nos trabalhos freudianos posteriores. Este foi um conceito apenas esboçado na obra de Freud.

Em seu *Seminário, Livro 3*, sobre as psicoses, Lacan (1955-56) localiza duas importantes referências em Freud a respeito desse termo. Primeiro, no caso clínico do Homem dos Lobos e, segundo, no texto *A negativa*. Nesse texto, no qual Freud está às voltas com o processo de representação de um objeto na ausência deste, Lacan (1955-56) explica que nele está articulado com precisão que há um momento que é a origem da simbolização. Ou seja, Freud está tratando do fato de que, no inconsciente, é preciso primeiramente uma afirmação primordial (*Bejahung*) para um início da simbolização: uma admissão no sentido simbólico antes mesmo de um processo de verbalização.

A partir desta afirmação primordial, pode-se produzir o mal-entendido, o recalque e a negação. Ou seja, a afirmação dá a possibilidade de que algo seja inscrito e que possa, posteriormente, ser recalçado e desconhecido ao sujeito após ter sido verbalizado. A afirmação permite ainda que, em algum momento do desenvolvimento, possa ter a negação (*Verneinung*) do que foi afirmado. Portanto, para se ter o recalque e a negação de algo, é necessário antes ter havido essa afirmação. É importante destacar esses dois mecanismos como distintos da afirmação, mas como relacionados a ela.

Trata-se da questão da entrada do sujeito no mundo simbólico, do acesso do ser humano à sua realidade e do fato de que a realidade é marcada de saída por uma aniquilação simbólica. A apreensão da noção de dia e noite, por exemplo, não é uma apreensão empírica, essa noção não é obtida pela experiência, dia e noite são códigos significantes. O dia implica a conotação simbólica, a alternância de presença e ausência. Da mesma forma, a função de ser homem ou mulher só é possível a partir do momento em que ela sai do domínio imaginário e que a realização genital se submete à simbolização. Deste modo, é a partir do significante que o sujeito se reconhece como homem ou como mulher (LACAN, 1955-56).

É importante sublinhar que não se trata de um momento do desenvolvimento, mas uma exigência de um começo para a simbolização que implica uma maneira específica de estar na linguagem. Lacan (1955-56) indica que é isto que o Édipo freudiano quer dizer: uma lei que está na origem e que essa Lei fundamental é a Lei de simbolização. Deste modo, esse é um momento mítico, pois não se trata de uma etapa em que o sujeito adquire um primeiro significante primitivo, e que depois o jogo das significações seria introduzido, no qual significante e significado entram no domínio do discurso, que é uma cadeia temporal significante.

Portanto, antes que a criança saiba articular a linguagem, os significantes, que já são da ordem simbólica, aparecem no mundo. Lacan fala de uma aparição primitiva do significante que implicaria a linguagem e sua articulação. Este ponto sobre a afirmação e seu desenrolar no sujeito nos ajudará sobremaneira a pensar no Capítulo III como Lacan (1972-73) trata do inconsciente e da linguagem ao final de seu ensino, sobretudo no *Seminário 20, mais ainda*.

No entanto, essa *Behajung* primitiva, que permite a negação, pode realizar-se ou não, e este é o ponto chave para pensar a psicose: nela essa afirmação pode faltar, ou seja, o sujeito pode recusar o acesso, ao seu mundo simbólico, da ameaça de castração. Isso implica uma outra relação do sujeito com a linguagem no momento de sua constituição. No texto do *Homem dos Lobos*, Freud (1918[1914] 2006) usa o termo *Verwerfung* (recusa/rejeição) para esse fenômeno de exclusão, que é distinto da *Verneinung* (negação), nos diz Lacan (1955-56).

É dentro desse campo de articulação simbólica visto acima que se produz a *Verwerfung*. “Há, portanto, na origem, *Bejahung*, isto é, afirmação do que é, ou *Verwerfung*” (LACAN, 1955-56, p.101). É um mecanismo ou outro que vai determinar o destino estrutural de um sujeito: a partir da afirmação, uma neurose, ou pela *forclusão*, no caso das psicoses. Estes avanços, feitos por Lacan, nos ajudam a esclarecer os diferentes tipos de “recalque” que Freud foi diferenciando nestas duas estruturas, como foi visto anteriormente.

Em um parágrafo de suma importância, esta questão é resumida:

Previamente a qualquer simbolização – essa anterioridade não é cronológica, mas lógica – há uma etapa, as psicoses o demonstram, em que é possível que uma parte da simbolização não se faça. Essa etapa primeira precede toda a dialética neurótica que está ligada ao fato de que a neurose é uma palavra que se articula, na medida em que o recalçado e o retorno do recalçado são uma e mesma coisa. Assim, pode acontecer que alguma coisa de primordial quanto ao ser do sujeito não entre na simbolização, e seja, não recalçado, mas rejeitado (LACAN, 1955-56, p. 100).

Ou seja, na relação do sujeito com o símbolo, há na psicose uma *Verwerfung* primitiva, e não uma *Bejahung* primitiva como há na neurose. Deste modo, Lacan destaca o termo

*foraclusão* para falar do mecanismo fundante da psicose, a partir de sua leitura dos textos freudianos que indicam uma defesa muito mais poderosa nesses casos, um mecanismo de “rejeição”.

De que se trata quando falo da *Verwerfung*? Trata-se da rejeição de um significante primordial em trevas exteriores, significante que faltará desde então nesse nível. Eis o mecanismo fundamental que supponho na base da paranoia. Trata-se de um processo primordial de exclusão de um dentro primitivo, que não é o dentro do corpo, mas aquele de um primeiro corpo de significante (LACAN, 1955-56, p. 178).

Na medida em que Freud ([1896b] 2006) diz que há, em qualquer estrutura, o retorno do recalçado, esse retorno se dará de maneiras diferentes conforme for o tipo de “recalque”. Portanto, o que cai sob o golpe da *Bejahung* – a simbolização primitiva – tem algumas possibilidades de destinos, mas sempre de uma forma simbólica, ou seja, o que cai sob o golpe do recalque retorna de maneira articulada nos sintomas. “Em compensação, o que cai sob o golpe da *Verwerfung* tem uma sorte completamente diferente. (...) tudo o que é recusado na ordem simbólica, no sentido da *Verwerfung*, reaparece no real” (LACAN, 1955-56, p.22).

É desse modo que Lacan (1955-56) vai ler a indicação contida no texto freudiano sobre Schreber, de que na psicose algo “retorna desde fora”. Portanto, o mecanismo da *foraclusão* vai implicar um retorno no real e não no simbólico. É concluído, nessa linha, que há uma relação estreita entre a *Verwerfung* e a alucinação, ou seja, há uma relação entre o que é recusado na ordem simbólica, o que é recusado pelo sujeito, com o que ressurgue no real.

Miller (1995) sistematiza essa proposição de Lacan nesse seminário sobre as psicoses propondo a fórmula de que o fenômeno elementar – nesse caso a alucinação – está para a psicose, assim como a formação do inconsciente – sonhos, atos falhos, etc. – está para a neurose. No último caso, o retorno se dá no simbólico e, nas psicoses, o retorno é no real.

No caso *Homem dos Lobos* (Freud, 1918[1914]2006), por exemplo, Lacan (1955-56) nos diz que a rejeição do acesso à castração no registro da função simbólica, a assunção da castração que foi impossível por um eu, tem ligação com a alucinação do dedo cortado. A cena é de uma brincadeira com uma faca que faz seu dedo ficar preso por um pedaço de pele. Nesse momento, desaparece toda referenciação temporal para o sujeito e há uma suspensão da possibilidade de falar. “Um abismo, uma imersão temporal, um corte de experiência” (p.22).

É nesse sentido que Lacan (1955-56), tal como fez Freud – conforme vimos no item anterior, propõe uma reformulação do termo “projeção” para falar das psicoses, pois não é possível projetar para fora algo que não existe no interior. Assinala que, nessa estrutura, a projeção diz respeito ao “mecanismo que faz voltar de fora o que está preso na *Verwerfung*, ou

seja, o que foi posto de fora da simbolização geral que estrutura o sujeito” (p.60). Portanto, aquilo que não foi simbolizado se manifesta no real. Ou seja, o “desde fora” de Freud refere-se a um retorno que vem de fora do campo do simbólico, que Lacan localiza no campo do real.

Outra questão com que Freud esteve às voltas, como vimos, refere-se à perda da realidade. Na psicose, este fato diz respeito a essa não simbolização primordial. Lacan (1955-56) explica que, na neurose, parte da realidade – realidade psíquica – é sacrificada e continua a fazer-se ouvir de maneira simbólica – nos sonhos, atos falhos, sintomas – e há uma fuga da realidade num segundo tempo, como vimos com Freud (1924/2006). Já na psicose há uma ruptura, uma hiância com a realidade exterior, buraco que está em primeiro lugar.

Quando se fala em realidade, trata-se de uma realidade que é estruturada por um significante que é herdado, transmitido ao se falar do sujeito, herdado a partir do Édipo. E, na medida em que não se atravessa a prova do Édipo, em que não a tenha resolvido, o sujeito fica numa certa falta e impotência em realizar as justas medidas da realidade humana, nos diz Lacan(1955-56). Isso implica um outro modo de se relacionar com as questões referentes ao dia e à noite ou a ser homem ou ser mulher, por exemplo, como foi visto acontecer a partir da afirmação primordial.

Não se trata, portanto, de procurar saber se o psicótico acredita na realidade de sua alucinação, ele pode até mesmo dizer que se trata de outra coisa. Não é essa a questão que interessa. Ao contrário do sujeito neurótico em que “a realidade lhe chega de bandeja” (LACAN, 1955-56, p.93), na psicose o que é crucial é que há aí uma certeza: o que retorna nas alucinações concerne a este sujeito. Um ponto a destacar é que a certeza é a coisa mais rara num sujeito normal(Ibid.); “Não é de realidade que se trata com ele (o psicótico), mas de certeza. Mesmo quando ele se exprime no sentido de dizer que o que sente não é da ordem da realidade, isso não atinge sua certeza, que lhe concerne. Essa certeza é radical” (LACAN, 1955-56, p.93).

Portanto, não importa se o que retorna no real seja ou não admitido pelo sujeito como realidade, o que é certo é que isso que retorna diz respeito a ele, lhe concerne e quer lhe dizer alguma coisa. Sendo assim, as concepções que tratam o delírio como uma defesa, e que norteiam intervenções que mostram a realidade ao sujeito, são insuficientes. Lacan orienta que se faça a distinção de onde se manifesta a defesa e nos leva a localizá-la nesse momento em que a simbolização não ocorreu. A intervenção do analista é orientada de outro modo, como veremos no Capítulo III.

Como se pode notar, Lacan (1955-56) aponta que a relação do psicótico com a linguagem é radicalmente diferente da relação que o neurótico estabelece, ponto que será crucial

quando falarmos sobre a escrita. Na psicose, vive-se uma relação de exterioridade do sujeito com o significante, exterioridade em relação ao conjunto do aparelho de linguagem. Há uma relação do sujeito psicótico com o significante puro e tudo que se constrói são reações de afeto ao fenômeno primeiro, a relação com o significante. Essa linguagem, que fala sozinha, em voz alta, com grande ruído, mostra que, se o neurótico habita a linguagem, o psicótico é habitado, possuído, por ela.

Guerra (2010) esclarece que a *foraclusão* implica uma não representação de uma marca perceptiva inaugural e isso a modifica estruturalmente, tornando-a real. Apesar da percepção receber um primeiro registro, não é possível transformá-lo em lembranças conceituais por falta da inscrição que corresponderia a um traço do inconsciente, o traço unário. Portanto, a percepção não passa ao estado de representado.

A *Verwerfung* atinge o ponto em que uma marca deveria apagar-se para tornar-se significante, constituindo o sujeito psicótico pela exclusão de um dentro primitivo. O retorno do *foraclusão* marca, assim, a ausência de uma *escrita* e da rememoração, o que faz materializar a exterioridade do Outro e da linguagem (GUERRA, 2010).

Portanto, nesse momento do ensino de Lacan, a noção de *foraclusão* indica que há algo que falta na relação com o significante, ou seja, na primeira introdução aos significantes primordiais. Há, uma ausência irreparável que implica uma impossibilidade de inscrever/escrever uma marca e, como consequência disso, tem-se uma relação de exterioridade com a linguagem e uma impossibilidade de responder de forma simbólica aos apelos da vida. Estudaremos mais a fundo no Capítulo III como uma marca se inscreve no aparelho psíquico e como a *foraclusão* implica mais uma outra maneira de estar na linguagem do que uma falta irreparável.

Na medida em que investigamos no começo deste capítulo quais são as formas possíveis de respostas na psicose frente a algo insuportável que está para todo sujeito, o que foi desenvolvido nesse item vai auxiliar a nossa questão. Uma pergunta já se coloca a partir deste estudo e seguiremos com ela: vê-se que na psicose muito se escreve, folhas e mais folhas. Seria o ato de escrever uma forma de lidar com essa não inscrição e com a exterioridade do sujeito em relação ao significante? Visto a relação do psicótico com a linguagem, devido a *foraclusão*, há algo de estrutural peculiar na relação do psicótico com o ato de escrever? Ficaremos com essas questões.

### 1.2.2 A *foraclusão* do Nome-do-Pai

No texto *De uma questão preliminar a todo tratamento possível na psicose*, Lacan (1957-58a) amarra o que iniciou no *Seminário 3* e nos indica com mais precisão que significante é este que é *foraclusido* na psicose: trata-se do significante Nome-do-Pai. Portanto, ele continua investigando a causalidade significante dessa estrutura, mas também avança no que diz respeito ao desencadeamento e às possíveis soluções psicóticas frente ao mal-estar com a linguagem e com o corpo.

Lacan (1957-58a), para explicar o significante Nome-do-Pai, nos introduz ao conceito de inconsciente, tal como Freud o formulou, remetendo-o a uma Outra cena com outras leis, um Outro do sujeito, que ele grafa com a letra A, de *Autre*, em francês. Diz que o estado do sujeito, uma neurose ou uma psicose, depende do que se desenrola nesse Outro (A). É desse lugar A que pode ser formulada uma questão sobre a existência do sujeito, sob a forma de uma pergunta articulada: “Que sou eu nisso?”.

Esta pergunta concerne ao sexo e sua contingência no ser, ou seja, sobre ser homem ou ser mulher, questões sobre a procriação e sobre a morte. A significação dessa questão só é evocada pela metáfora paterna, que significa um enigma sobre o desejo da mãe a partir do significante do Nome-do-Pai. Esse nome substitui o lugar primeiramente simbolizado pela operação da ausência da mãe (LACAN, 1957-58a), o que é bem trabalhado ao longo dos Seminários 4 e 5.

No *Seminário 4*, Lacan (1956-57/1995) começa a desenvolver esmiuçadamente essa questão ao extrair a lógica do complexo de Édipo formulado por Freud. Assim, localiza que, na primeira relação amorosa, a mãe é situada como objeto de apelo da criança, podendo responder ou não ao *infans*. A partir do fato dela poder estar tão presente quanto ausente, a criança percebe que alguma coisa falta à mãe e a ela imaginariamente, e realiza que o que falta à mãe, e o que justamente esta deseja, é o falo.

A criança, então, pode vir a tentar substituir imaginariamente o falo e a se propor como o que preencheria a mãe. É preciso um momento de virada para que a criança saia deste engodo de ver onde o falo estava ou não, para assumi-lo como significante, fazendo dele instrumento da ordem simbólica das trocas, o que faz do pai o pivô do drama, nos diz Lacan (1956-57/1995).

A partir daí, o sujeito, ao endereçar sua demanda ao Outro materno, encontra o Outro do Outro<sup>3</sup>, o que remete à mãe a uma lei que não é dela e desvincula o sujeito de sua

---

<sup>3</sup> Esta é uma referência ao Lacan dos anos 50. Sabemos que, com o decorrer de seu ensino, esse autor afirma que não há Outro do Outro. Apesar de atentos à essa reformulação, optamos por manter a

identificação inicial, ligando-o ao primeiro aparecimento da lei. A função do pai desaloja a criança da posição ideal, na qual ela e a mãe poderiam se satisfazer (LACAN, 1957-58b/1999).

Portanto, é o Nome-do-Pai, como função simbólica, que proíbe a mãe de seu objeto de desejo, a priva de seu objeto fálico, castrando-a. A criança, a partir da inscrição desse significante, significa o falo como o motivo do vai e vem da mãe, não mais pelo falo imaginário, mas pela via da metáfora: o Nome-do-Pai vem substituir o que foi simbolizado pela ausência da mãe no que concerne ao seu desejo (LACAN, 1957-58b).

A partir dessa operação, inaugura-se a cadeia significante (S1-S2) que se desenvolve segundo ligações lógicas: S1 se liga a um S2 desdobrando uma significação. Essa cadeia se articula a partir dos efeitos significantes da metáfora e da metonímia e influencia, assim, o que há por significar, ou seja, o ser do sujeito. A partir disto, é possível construir uma resposta para o enigma do ser (LACAN, 1957-58a). Sobre as psicoses, Lacan (1957-58a) afirma:

É num acidente desse registro e do que nele se realiza, a saber, na *foraclusão* do Nome-do-Pai no lugar do Outro, e no fracasso da metáfora paterna, que apontamos a falha que confere à psicose sua condição essencial, com a estrutura que a separa da neurose (p.852).

Maleval (2002) destaca que a *foraclusão* afeta especificamente o Nome-do-Pai e não um significante qualquer ou experiências singulares, o que fica explícito nesse texto da *Questão preliminar*. Ou seja, o que acontece na psicose é a não inscrição desse significante Nome-do-Pai, uma ausência da *Bejahung* e, nesse ponto faltoso há uma questão impossível do psicótico formular sobre o seu ser. A resposta a isso vem de fora, como foi visto no item anterior.

Portanto, Lacan (1957-58a) indica mais precisamente que a *Verwerfung* é a *foraclusão* do significante Nome-do-Pai no lugar do Outro, sendo essa a questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. Avança dizendo ser “em torno desse buraco que falta ao sujeito o suporte da cadeia significante (...) que se trava toda a luta em que o sujeito se reconstrói” (p.570). Veremos, então, o momento do desencadeamento e um processo de reconstrução frente a ele.

### 1.2.3 Desencadeamento e seus efeitos no corpo

Lacan (1955-56) nos indica que o desencadeamento ocorre quando há uma exigência da ordem simbólica que não pode estar integrada com o que já viveu o sujeito, como um momento

---

referência de 1957, apenas para mostrar de que maneira a mãe se torna castrada e para nos auxiliar a pensar como a noção de Outro avança ao longo de seu ensino.

de tomar a palavra, um momento em que há um apelo ao qual o sujeito não pode responder. Há um chamado em que nada de significante pode responder no sujeito, instante crucial de entrada na psicose.

Este é um momento em que, ao apelo do Nome-do-Pai, corresponde à carência do próprio significante. Ou seja, no ponto em que é chamado o Nome-do-Pai, responde no Outro um furo que provocará um furo correspondente na significação fálica, pela carência do efeito metafórico. Ou seja, para que uma psicose se desencadeie, é preciso que o Nome-do-Pai, *foracluso* – nunca advindo no lugar do Outro –, seja invocado em oposição simbólica ao sujeito (LACAN, 1957-58a). Dessa exigência, resulta “uma desordem provocada na junção mais íntima do sentimento de vida no sujeito” (p. 565).

Nesse momento, que caracteriza o início de uma psicose, o que não foi simbolizado aparece no real. Portanto, o fenômeno psicótico é a emergência na realidade de uma significação que não se parece com nada, que não se pode ligar a nada, já que ela não entrou no sistema da simbolização. Há uma irrupção no real de algo que nunca se conheceu, uma manifestação que concerne ao sujeito, mas que foi rejeitada e que lhe causa enorme estranheza (LACAN, 1955-56).

Lacan (1955-56) nos mostra que o recalque e a negação não dão certo nesse momento, o sujeito está completamente desarmado e o que se produz é excluído do compromisso simbolizante, que caracteriza a neurose. O que se produz, assim, é “uma verdadeira reação em cadeia ao nível do imaginário” (p.107), sem a mediação simbólica que produziria remanejamentos possíveis ao nível do significante.

Nesse momento, o sujeito, que estava até então “conformado com o aparelho de linguagem” (p.327), é chamado justamente de um lugar que ele não pode responder. Deste modo, vive-se uma “decomposição do significante”, que se produz em torno de um ponto de apelo de um certo significante que o sujeito não tem como responder simbolicamente. (LACAN, 1955-56). Vejamos como isso ocorre com o nosso presidente.

Schreber se vê ascender à presidência do tribunal de apelação com uma idade muito inferior ao que ele teria previsto para essa função, diante do tanto de responsabilidades que ela requisita, maiores do que as que tinha até então. Lacan (1955-56) indica que há uma relação entre esse fato e o desencadeamento de sua psicose. Ele vive, então, um aparecimento de algo que determina a invasão psicótica – momento em que o que não foi simbolizado reaparece no real – com a ideia de que seria bom ser uma mulher e ser copulada. Isso provoca um desmoronamento de todo seu edifício e o força a um “verdadeiro remanejamento de seu mundo” (p.105).

A Schreber falta o significante primordial, que o possibilitaria afirmar-se no sexual como homem ou mulher. O desenvolvimento do seu delírio mostra que não há outro modo de realizar-se senão como transformando-se na mulher de Deus. Com a sua entrada na psicose, ele reconstituiu seu mundo a partir de um consentimento, pois admite que a forma de ter alguma estabilidade com o que lhe invade é aceitando sua transformação em mulher (LACAN, 1955-56).

Devido a impossibilidade de recorrer a um significante que diria sobre o ser do sujeito, o desencadeamento acarreta esta desagregação em cadeia. Assim, com a proliferação imaginária que se dá a partir do desencadeamento, o que seria velado para o homem normal – a dialética do corpo despedaçado em relação ao imaginário – fica a céu aberto na psicose.

Como foi desenvolvido por Lacan (1949) no texto sobre o estágio do espelho, é a imagem especular que fornece ao homem a ilusão de algo ortopédico, e de um corpo unificado diante da imaturidade constituinte do ser humano. Essa unificação nunca é completa, visto que é realizada por uma via alienante, a partir da relação com o outro. A relação imaginária, portanto, comporta esta tensão agressiva entre o eu e outro. O sentido do complexo de Édipo é manter uma distância nessa ambiguidade imaginária.

Deste modo, se essa relação imaginária está destinada à ruína, para que se possa estabelecer uma relação que não fique pura e simplesmente calcada numa base narcísica, é preciso que intervenha um terceiro:

É preciso aí uma lei, uma cadeia, uma ordem simbólica, a intervenção da ordem da palavra, isto é, do pai. Não o pai natural, mas do que se chama o pai. A ordem que impede a colisão e o rebotar da situação no conjunto está fundada na existência desse nome do pai (LACAN, 1955-56, p.118).

O nome do pai fornece um certo equilíbrio à relação imaginária, pois possibilita que, frente a ser chamado a responder de um lugar simbólico, o sujeito tenha meios de se servir do significante e da articulação deste com o significado. Portanto, para que a psicose se desencadeie, é preciso que o Nome-do-Pai seja invocado em oposição simbólica ao sujeito e, justamente por ele jamais ter advindo no lugar do Outro, é que há esta cascata de remanejamentos do significante (LACAN, 1955-56).

Lacan (1955-56) nos diz que há, na noção do pai, um “nó” essencial que fornece o “ponto de basta” entre o significante e o significado, ponto em que os dois se atam. É esse ponto de basta que permite um momento de parada no discurso, na medida em que neste a significação vai sempre em direção a outra significação. Portanto, há um ponto onde o discurso para, e este ponto é o que ele chama de ponto de basta.

Na medida em que não há, na psicose, o recurso ao nome do pai e ao ponto de basta, se vive uma relação com a linguagem muitas vezes de forma descarrilhada e um desmoronamento imaginário com uma redistribuição da libido quando se desencadeia uma psicose. Com isso, se compromete uma imagem do corpo unificada no desencadeamento.

Há aí uma desamarração do que estava se sustentando até então de alguma maneira. A leitura que Lacan (1975-76) faz no *Seminário 23*, muitos anos depois, nos possibilita analisar essa situação de desencadeamento como um desenlace dos registros Real, Simbólico e Imaginário, um rompimento do nó que unia os registros ou do arranjo até então em vigor.

Schreber não poupa exemplos dessa desagregação: ele vive todos os fenômenos de invasão no seu corpo, sente-se um cadáver e vive uma decomposição da função da linguagem. O presidente vive fenômenos de linguagem alucinados, parasitários, persecutórios, intuitivos, etc. É preciso um trabalho, a partir de todo esse caos vivido com a linguagem e com o corpo para que algo volte a se arranjar melhor. Um trabalho minucioso que só pode ser acompanhado caso a caso.

Como pudemos demonstrar, há algo na relação do psicótico com o corpo que desmorona radicalmente com o desencadeamento. Veremos no capítulo a seguir quais são as consequências na relação das psicoses com o corpo próprio, na medida em que não há o recurso ao Nome-do-Pai. Isto vai nos ajudar a pensar tanto a relação depois do desencadeamento, quanto em casos em que não localizamos uma ruptura tão clara assim. O importante é pensar as maneiras de lidar com o excesso que invade o corpo.

#### 1.2.4 Estabilizações psicóticas: seguindo por pequenos caminhos

Mesmo que Lacan (1975-76) use os termos amarração/desamarração e enodamento, por exemplo, no *Seminário 23*, já no *Seminário 3*, como vimos, ele indica o pai como um “anel”, como um ponto que faz manter tudo junto (LACAN, 1955-56, p.368). Indica que a introdução do Nome-do-Pai- introdução do significante- fornece uma ordenação na linhagem, na série de gerações. Ou seja, há a introdução de uma ordem e, na medida em que se está inserido nesse significante que se chama Nome-do-Pai, isso se arranja aparentemente bem. O psicótico, porém, não tem esse recurso e precisa inventar, então, uma solução. É disso que trataremos neste item.

Também no texto *Da questão preliminar*, Lacan (1957-58a) já antecipa questões que são avançadas ao final de seu ensino. Neste texto, nos indica que, a partir do desencadeamento psicótico se dá início a uma cascata de remanejamentos do significante, que resulta no desastre crescente do imaginário. No entanto, aponta que pode ser alcançado, pelo sujeito, um nível em

que significante e significado se estabilizam novamente, se rearranjam mais uma vez, a partir da metáfora delirante, assim como fez Schreber. Veremos mais detalhadamente essa indicação no próximo capítulo.

Portanto, nesse momento de seu ensino, Lacan (1955-56) atribui ao significante do Nome-do-Pai a função de união do Real, do Simbólico e do Imaginário, o que impediria uma dissociação dos registros. Por isso fala do pai como um anel. Justamente pela ausência desse significante, o psicótico estaria sujeito ao desenlace dos três registros, o que requisita uma resposta singular, não compartilhada, como ela é na neurose.

Vinte anos depois, no *Seminário 23* (LACAN, 1975-76), a psicose é vista menos como uma falha nessa operação significante e mais como uma outra maneira de enlace dos registros, e o Nome-do-Pai como um modo particular de amarração entre eles. Lacan passa a se utilizar dos nós para tratar do enodamento dos registros, indicando ser preciso a todo ser falante encontrar um modo de atá-los. O Nome-do-Pai seria, então, um *sinthoma*: um quarto elo que faria o laço borromeano, juntando o imaginário, simbólico e real, de modo que, se um dos anéis se soltar, os outros também se soltam. Deste modo, o Nome-do-Pai passa a ser um dos *sinthomas* possíveis<sup>4</sup> que caracteriza a neurose, podendo haver outros tantos nas psicoses.

De qualquer modo, na década de 50, Lacan (1955-56, p. 339) já lança mão de uma bela metáfora para falar da presença ou não do significante Nome-do-Pai na vida de um sujeito, que nos vale para pensar o que é indicado ao final de seu ensino. Quando há o recurso a ele, é possível uma estrada principal para seguir no campo das significações. O significante que dá acesso a essa estrada se chama “ser pai”, na medida em que a função da procriação só é pensável na experiência humana com a categoria significante.

Mas, quando o significante não funciona, no caso das psicoses, Lacan (1955-56) nos diz que não se tem acesso a essa estrada, sendo preciso percorrer *pequenos caminhos elementares* para ir de um ponto ao outro. Deste modo, quando não há a estrada principal, as palavras aparecem escritas nos letreiros à beira desses pequenos caminhos. Aparecem a partir dos comentários, do zumbido que os alucinados ouvem, nos significantes que se põem a falar. Esta é para Lacan a função das alucinações auditivas verbais: elas são os letreiros nas margens das pequenas estradas que indicam vagamente uma direção ao psicótico.

Neste ponto, avançaremos no trabalho minucioso e singular feito nessa clínica devido a não inscrição desse significante primordial, ou, dito de outra forma, os modos que fazem ser possível alguma amarração singular entre real, simbólico e imaginário. Acompanharemos o

---

<sup>4</sup> Este assunto será abordado mais afundo no Capítulo III.

trabalho do psicótico de seguir uma direção, à margem da estrada principal, para localizar, de alguma forma, o que retorna no real.

Seguiremos com a indicação freudiana, advinda da leitura do livro de Schreber, de que o que parece a forma da doença na psicose é, na verdade, uma tentativa de cura, de enlaçamento do que foi rompido de forma silenciosa, e de trabalho frente à libido que retornou ao eu e que não pôde seguir pela fantasia. Apostamos, nesse sentido, que os ruídos dos sintomas psicóticos mostram um percurso do sujeito, mostram que ele está a trabalho, tentando localizar e dar algum destino, a partir do que vai lhe indicando a direção, ao que se dispersou.

Estendemos o trabalho, descrito acima, à clínica da psicose de maneira geral, mesmo aos casos em que não é evidente um desencadeamento, por exemplo. Na medida em que entendemos ser uma exigência, em todos esses casos, a de se fazer um trabalho diante desse excesso que retorna no real. Consideramos, assim, as soluções psicóticas como invenções para localizar o gozo, possibilitando a construção de um contorno corporal e de pontos de parada na linguagem descarrilhada como um parasita, seja a partir da construção de um delírio, de uma obra, de algum sintoma, ou seja, de alguma amarração.

Mesmo com essa metáfora que Lacan lança mão para comparar neurose e psicose, entendemos, e tentaremos indicar, a estabilização entre os registros como provinda de um esforço constante de todos os sujeitos, mesmo dos que têm o recurso ao Nome-do-Pai. Mostramos esse ponto no próximo capítulo quando falamos da fragilidade da relação com o corpo na neurose, mesmo diante de uma “estrada principal”, por exemplo. Portanto, a estabilização se coloca neste trabalho mais como um processo do que como um fim a ser alcançado.

## CAPÍTULO II. CONSTITUIÇÃO DO CORPO E OS IMPASSES COM O GOZO DESLOCALIZADO NAS PSICOSES

*É dito: pelo chão você não pode ficar  
 Porque lugar de cabeça é na cabeça  
 Lugar de corpo é no corpo  
 Pelas paredes você também não pode  
 Pelas camas também você não vai poder ficar  
 Pelo espaço vazio você também não vai poder ficar  
 Porque lugar de cabeça é na cabeça  
 Lugar de corpo é no corpo.  
 (Stela do Patrocínio, 2009)*

Neste capítulo, veremos como a relação com o corpo nas psicoses evidencia a necessidade de uma estrutura de ficção para uma constituição corporal de forma unificada. Aprendemos com os casos de psicose que a fabricação de um corpo não é dada de saída a nenhum ser falante, e sim que precisa ser inventada. No caso das neuroses, há uma “estrada principal” pela qual se segue na constituição de um corpo: chega-se a uma unificação da imagem que vela uma desordem pulsional originária, que, no entanto, é sempre frágil. Nosso interesse é perpassar por esse modo de constituição corporal para pensar os pequenos caminhos feitos pelos psicóticos para se inventar um corpo ou, pelo menos, alcançar alguma relação mais apaziguada com este, localizando de alguma forma o excesso de gozo, seja a partir do delírio, seja a partir da escrita.

Deste modo, veremos como na neurose, com o recurso ao Nome-do-Pai, há uma experiência de organização das pulsões autoeróticas proporcionando uma imagem unificada do corpo a partir da experiência do estádio do espelho e da relação com o grande Outro. Nisto há uma perda de gozo e uma localização deste nas zonas erógenas do corpo, na medida em que se condensa o gozo a partir da extração do objeto *a*. Entendemos que esta é a maneira como os neuróticos tentam dar um destino ao excesso de gozo que acomete o corpo.

Nos interessa pensar quais são as soluções nas psicoses para localizar o gozo, produzir algum contorno corporal e algum alívio ao que é vivido como excesso, devido à presença não destacada desse objeto do corpo. Para pensar essa questão, faremos um percurso que vai das formulações de Lacan sobre o estádio do espelho, passando pelo esquema óptico e chegando ao *Seminário 10*, sempre calcados nas formulações freudianas sobre essa temática para pensar o corpo na neurose, cotejando com as questões sobre corpo e o excesso nas psicoses. Todo este

caminho foi o modo que nos ocorreu para chegar até as elaborações do objeto *a* de Lacan. Ao final, pensaremos o delírio como uma forma de localizar o gozo no Outro e arriscaremos pensar a construção delirante de Schreber como um modo de reinvestir a libido e lhe fornecer um molde ao corpo.

## **2.1. Os destinos do gozo na neurose e na psicose**

### **2.1.1 A imagem velando a desordem**

Lacan nos ajuda muito a pensar as questões, introduzidas por Freud, sobre a invenção do corpo nos seres falantes. Podemos fazer um percurso em seus seminários que nos aponta uma via possível de constituição corporal: na neurose há uma passagem do corpo fragmentado pelas pulsões ao corpo unificado como uma imagem. Veremos que essa é uma das maneiras de se constituir o corpo e que nas psicoses muitos outros caminhos são percorridos para alcançar alguma organização.

No começo de seu ensino, a partir da experiência vivida por uma criança na frente de um espelho, Lacan (1949) demonstra e ressalta a relação que a imagem tem na produção de uma organização corporal, como um recurso que pode proporcionar uma unidade ao corpo do *infans*. O que ele nos mostra, nesse momento, é a importância que a imagem tem para a criança, capturando-a antes mesmo que ela ande ou fale, confeccionando um corpo a partir de uma ilusão. A imagem, assim, produz efeitos reais de constituição do sujeito e de seu corpo, criando um eu e distinguindo dele o que é do mundo, como veremos.

Essas questões são tomadas por Lacan (1949; 1953-54) a partir de sua leitura de *Sobre o narcisismo* de Freud (1914/2006), texto que foi incitado pelos os impasses clínicos colocados pelas psicoses, em especial pelo caso Schreber. Deste modo, perceberemos como a psicose, e a fragmentação corporal que acomete alguns casos, nortearam e impulsionaram a construção de uma teoria de um corpo unificado na neurose. Não é à toa que, em meio aos textos sobre o narcisismo, no estágio do espelho e no esquema óptico são trazidos casos de psicose.

No texto dos *Escritos*, intitulado *O estágio do espelho como formador da função do eu*, Lacan (1949) vai apresentar a concepção da experiência no espelho, na medida em que ela fornece esclarecimentos sobre a função do eu e do imaginário. Ele parte de um aspecto comportamental no qual a criança, num certo período bem prematuro, é superada em inteligência instrumental pelo chimpanzé. No entanto, é destacado que, mesmo nesse tempo,

por volta dos seis meses, ela consegue reconhecer a imagem refletida no espelho como sendo sua.

Esta cena é descrita por Lacan (1949) como um *espetáculo cativante*, onde um bebê, ainda sem o controle da marcha e da postura ereta, se encontra diante do espelho numa atitude jubilatória, tentando inclinar seu corpo para resgatar e fixar um aspecto instantâneo da imagem. A consequência dessa experiência é “a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem” (p. 97). Há uma assunção da imagem especular pelo *infans*, sendo a função da imago a de estabelecer uma relação do organismo com sua realidade, *Umwelt*, que é sempre frágil devido à prematuração específica do nascimento do homem.

O que Lacan (1949) indica é que a assunção jubilatória nesse estágio de *infans* parece manifestar a matriz simbólica em que o [eu] se precipita, antes da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua sua função de sujeito. Ele pontua essa forma como o *eu ideal* e fala que se trata de um dinamismo libidinal. Essa forma situa a instância do eu, numa linha de ficção, antes de sua determinação social. Lacan está tratando da constituição do eu e sustenta que o sujeito ainda está por vir.

O que é importante destacar como a função dessa experiência é a apreensão pela criança de uma forma total do corpo, que é alcançada de forma antecipada à condição orgânica na qual ela vive. Essa função se deve a apreensão da Gestalt no espelho que fornece essa forma, portanto, mais “constituente do que constituída” (Ibid., p98). O estágio do espelho é, deste modo, descrito como um *drama* que precipita um impulso interno “da insuficiência para a antecipação (p.100)”.

O momento de conclusão dessa experiência possibilita a identificação com a imago do semelhante no espelho, o que faz do [eu] um aparelho em que qualquer exigência das pulsões seja um perigo. Ele fornece ainda à vivência da criança, que era a de um “corpo despedaçado” (Ibid., p100) pelas pulsões, uma forma *ortopédica* da totalidade de seu corpo, bem como fantasias de uma imagem fragmentada dele, que podem aparecer nos sonhos ou em situações que tocam um nível de desintegração do eu (LACAN, 1949).

Ou seja, Lacan aponta, com esse texto tão precioso, que há um artifício de unificação do corpo na neurose, que, no entanto, não exclui uma tensão constante entre a imagem unificada do corpo que se sobrepõe ao corpo despedaçado. A psicose evidencia essa desordem – que pode ser velada pela imagem na neurose – a céu aberto, ou seja, esta estrutura desvela o que está encoberto na neurose e indica que o neurótico lança mão de um modo de amarração preciso. A imagem especular que se forma a partir desta experiência é o “limiar do mundo visível” (Ibid., p.98). Estas indicações serão importantes para pensar as questões trazidas no *Seminário 10*.

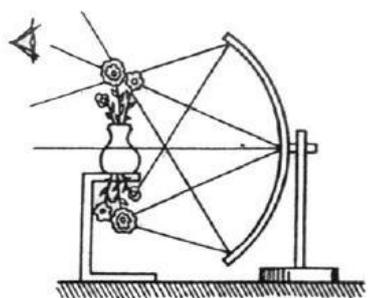
### 2.1.2 Esquema óptico: uma releitura do estádio do espelho

No *Seminário, Livro I*, Lacan (1953-54) vai retomar o estádio do espelho a partir de um modelo sucedâneo. Sublinha que essa experiência não é um momento do desenvolvimento da criança, mas que tem uma função enquanto matriz do eu, além de revelar certas relações do sujeito à sua imagem.

O estádio do espelho tem uma apresentação óptica, nos diz Lacan (1953-54), e não é por acaso que a tem. A partir da indicação de Freud (1900/2006), em *A interpretação dos sonhos*, que se utilize de relações auxiliares para se aproximar de um fato desconhecido, como ele fez ao aproximar o aparelho psíquico a um aparelho fotográfico, Lacan se autoriza a construir um esquema: o esquema óptico e é por esse esquema que ele interpreta as instâncias psíquicas fundamentais.

Na óptica, há uma diferenciação entre imagens virtuais, puramente subjetivas, e imagens reais, como quando certos prismas se comportam como objetos e podem ser tomados como tais, ou quando podemos ver um arco-íris, por exemplo. Então, Lacan (1953-54) se utiliza de um exemplo da física- na época em que essa ciência era divertida, diz-, que é o Experimento do Buquê Invertido de Bouasse. O que é importante nesse experimento é a produção, por um espelho esférico, de uma imagem real, e não virtual, como veremos.

Nessa experiência, tem-se um espelho esférico e uma caixa oca. Em cima da caixa coloca-se um vaso e dentro dela, as flores. Esse buquê é refletido na superfície esférica, formando um buquê imaginário no gargalo do vaso, ou seja, uma imagem real dele. Assim, se tem uma impressão de realidade, mas um pouco borrada, não completamente nítida, como é o caso das imagens reais, tal como na ilustração abaixo:



Para articular esse experimento, Lacan (1953-54) retoma o que ele sublinha na experiência do estádio do espelho: antes de o sujeito aceder fisiologicamente a um domínio real de seu corpo, ele toma consciência do corpo como totalidade a partir da visão da forma total deste no espelho: é isso que ele quer demonstrar aqui. Trata-se “da constituição da realidade e o relacionamento com a forma do corpo” (p.167). A imagem do corpo dá ao sujeito a primeira forma para situar o que é e o que não é do eu.

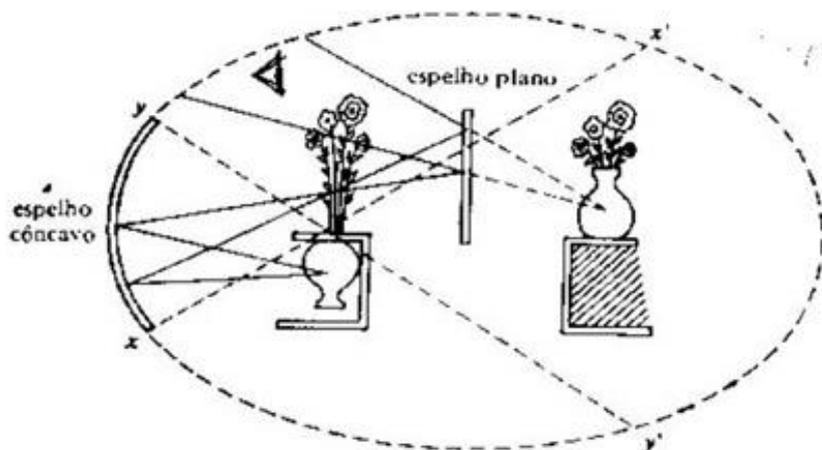
A partir dessa articulação, Lacan relaciona essa imagem do corpo com a imagem do vaso que contém as flores (as pulsões) e diz que este experimento serve para representar “o sujeito anterior ao nascimento do eu, e o surgimento deste” (Ibid., p.109). No entanto, é preciso que o olho, o sujeito, esteja situado numa posição específica: no interior do cone, pois fora dele verá o vaso vazio. Tudo depende da situação do sujeito, seu lugar no mundo simbólico, no mundo da palavra. Um exemplo é dado a partir do caso Dick, no qual o eu não apareceu devido a uma má posição do olho.

Freud, (1914/2006) em *Sobre o narcisismo*, destaca a indicação de que o eu não é uma unidade que existe desde sempre, mas que precisa ser desenvolvida, ao contrário das pulsões autoeróticas, que estão lá desde o início. Por isso, nos indica o narcisismo como um processo secundário. Lacan (1953-54) nos diz que essa ideia confirma o que ele trata no estádio do espelho, na medida em que uma unidade comparável ao eu se constitui em um certo momento da existência do sujeito, a partir do qual passa a assumir suas funções. Ou seja, são necessárias operações de formação do eu, que se constitui sobre o fundamento da relação imaginária.

O que é ressaltado é a “extrema importância da imagem” (LACAN, 1953-54, p.183) e como ela tem efeitos na formação do eu. É por esse motivo que ele usa exemplos da etologia nos quais a imagem, a captação por uma Gestalt, é decisiva no que se refere aos comportamentos sexuais de certos animais. Como na relação do esgana-gata macho com o esgana-gata fêmea, por exemplo, em que a imagem é decisiva para que haja o acasalamento. Brousse (2014) pontua que o que interessa a Lacan na imagem é o seu poder de repercussão e de produção de efeitos reais para o sujeito. É este ponto que ele demonstra na relação da criança com o espelho e o que o interessa a respeito do imaginário.

Lacan (1953-54) dá mais um passo inventando seu esquema óptico, pelo qual materializa mais detalhadamente o que Freud indicou no texto sobre o narcisismo. Para montar esse esquema, portanto, ele inverte o experimento do buquê invertido, ao colocar as flores em cima da caixa e o vaso dentro dela; assim, o vaso é que passa a ser reproduzido como imagem real envolvendo as flores.

Como foi dito acima, essa imagem real formada pelo espelho côncavo não é completamente nítida. Deste modo, Lacan (1953-54) complementa o esquema de Bouasse mudando a posição do olho, que agora fica entre o espelho côncavo e o objeto, e acrescenta um espelho plano, a partir do qual se vê a imagem real refletida nele, ou seja, como imagem virtual e mais nítida. Com a mudança da posição do olho, não se vê a imagem real de maneira direta, só seu reflexo, de forma virtual, no espelho plano. A visão de uma imagem mais bem acabada depende da posição do sujeito em relação à imagem real. Vejamos o esquema:



No *Seminário I*, Lacan (1953-54) já indica como o espelho plano está ligado à relação simbólica, a inclinação dele é “comanda pela voz do outro” (p.187), diz. Dependendo da inclinação desse espelho, vê-se mais ou menos perfeitamente a imagem. A regulação do imaginário, deste modo, depende da ligação simbólica entre os seres humanos. É nesta direção que Lacan (1961) grafa, anos depois, a letra A para representar o espelho plano.

É importante destacar como o sentimento de desapossamento do corpo é comum em casos de psicoses, como assinala Lacan (1962-63). Pode-se ficar muito cativado na imagem especular, recusando esse momento de assentimento do Outro sobre a imagem, na medida em que a relação dual pura despoja o sujeito de sua relação com o grande Outro.

Deste modo, mesmo em um curso sobre a tópica do imaginário, não se deixa de ressaltar a importância do simbólico na constituição do eu e do corpo. É a partir desse esquema divertido da física que se materializa e demonstra uma operação complexa do nascimento do sujeito a partir da imagem e do Outro, sobretudo. Ele nos demonstra a constituição de uma unidade corporal e de um sentimento que o ser humano tem de seu próprio corpo, a partir da ligação ao Outro.

### 2.1.3 O objeto *a* como resto e o enquadramento da angústia

No *Seminário 10, A angústia*, Lacan (1962-63) retoma o estádio do espelho e o esquema óptico ao fazer uma articulação mais precisa entre a imagem especular e o significante, ressaltando o que escapa aos registros do imaginário e do simbólico. Esse percurso se faz em torno do desenvolvimento do conceito de objeto *a*, que iremos introduzir ao longo deste item.

Mesmo articulando de forma mais aprimorada a relação entre os três registros na constituição do corpo a partir desse seminário, Lacan nos alerta que não há dois tempos em seu ensino, um centrado no imaginário a partir do Estádio do espelho e outro marcado pela descoberta do significante, tal como no texto *Relatório de Roma*. Como tentamos demonstrar, ele sempre lançou mão do entre jogo entre os registros, o que fica melhor definido com a introdução do objeto *a* no *Seminário 10*.

O que Lacan (1962-63) recorda a seu interlocutor é o modo como a relação especular toma seu lugar e depende do fato de que o sujeito se constitui no lugar do Outro, e que sua marca se constitui na relação com o significante. Ele nos ajuda a localizar essa relação com o simbólico na experiência do espelho no momento em que a criança vira sua cabeça ao adulto que se encontra atrás dela, invocando-lhe seu assentimento e a ratificação do valor de sua imagem.

O esquema óptico é retomado pela última vez nesse seminário depois dele ter sido trabalhado no texto *Observação sobre o relatório de Daniel Lagache* (LACAN, 1961). É importante notar como todo esse esquema é construído para demonstrar que o corpo não é dado de saída, nem mesmo aos neuróticos, e que o vivente se encontra originalmente numa dispersão das pulsões, na medida em que não há um corpo constituído previamente, mas sim um corpo que pode vir a se constituir a partir da imagem, do significante do Outro e da extração do pequeno *a*, como veremos.

Como foi visto até este momento, é através do estádio do espelho que é possível, para o vivente, uma unificação dessa desordem, a partir da formação de uma Gestalt que unifica os pedaços do corpo. Essa operação é representada pela formação de *i(a)*, imagem real produzida pelo espelho côncavo que faz o vaso envolver a flores reais. Caso contrário, essas flores estariam dispersas, ao invés de contidas num buquê, numa vivência do corpo feito de pedaços avulsos, como acontece em alguns casos de psicose.

Lacan (1962-63) passa agora a se referir a esse momento originário como uma “desordem dos pequenos *a*”, a partir do qual o *infans* pode apoderar-se ou não dessa

multiplicidade. Esta ideia nos aproxima de uma deslocalização das pulsões inaugural no vivente, que Freud (1905/2006) chamou por autoerotismo. Nas palavras de Lacan (1962-63):

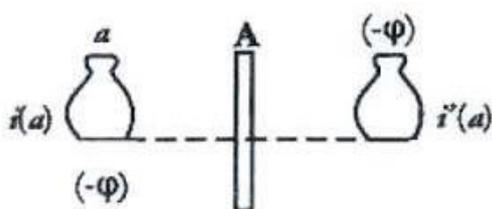
Antes do estágio do espelho, aquilo que será  $i(a)$  encontra-se na desordem dos pequenos  $a$  que ainda não se cogita ter ou não ter. Esse é o verdadeiro sentido, o sentido mais profundo a ser dado ao termo ‘auto-erotismo’ – ou sentir falta de si, se assim posso dizer, de uma ponta à outra (p.132).

Veremos mais à frente como essa noção do “sentimento de si” é retomada a partir da expressão “ideia de si como corpo” no *Seminário 23, O Sinthoma*. Mas, desde já, fica claro como o corpo é algo que se tem ou não, e que precisa ser constituído numa operação de unificação.

Há um avanço com a indicação de que o investimento libidinal da imagem especular é um tempo fundamental da relação imaginária, justamente porque ela tem um limite. Nem todo o investimento libidinal passa por essa imagem, há algo que é cortado dela, um resto, o que Lacan (1962-63) designa como o objeto  $a$ . Assim, há uma lacuna na imagem, demarcada pelo lugar de  $(-\phi)$ , no qual o falo é o que aparece sob a forma dessa falta. Trata-se, como veremos, da “relação entre menos  $\phi$  e a constituição do pequeno  $a$ ” (p.49).

Portanto, tem-se por um lado o falo com relação à imagem especular e por outro, “o objeto  $a$ , que é o resto, o resíduo, o objeto cujo status escapa ao status do objeto derivado da imagem especular” (Ibid., p.50). É essa relação que podemos ler no que é apontado no Estádio do espelho sobre a tensão do corpo unificado pela imagem com as fantasias de desintegração do eu.

Ou seja, no experimento do esquema óptico, do lado da imagem virtual  $i'(a)$ , que reflete a imagem real  $i(a)$ , não aparece nada. Portanto, em  $i'(a)$  o que há é apenas uma imagem refletida do corpo inteiro, imagem caracterizada por uma falta, animada pelo falo. No esquema, as flores – representadas pelo  $a$  – não são refletidas na imagem virtual, ficando sem nada no gargalo, este é o lugar do  $(-\phi)$ , como Lacan (1962-63) mostra no esquema simplificado:



A angústia surge justamente quando algo aparece nesse lugar  $(-\phi)$ , o que Freud chama de *Unheimlichkeit*, o fenômeno do estranho. “Este lugar, *delimitado* por algo que é materializado na imagem – uma borda, uma abertura, uma hiância –, onde a constituição da imagem especular mostra seu limite, é o lugar de eleição da angústia”, diz Lacan (1962-63, p.121, grifos nossos).

Portanto, esse lugar da falta pode comportar uma presença, uma aparição. A angústia é sinal da presença do objeto *a*, que não é especular, nesse lugar que é próprio ao aparecimento dela. Ela refere-se a tudo que pode aparecer nesse lugar de  $(-\phi)$ , nos jogando na dimensão do estranho. É o objeto como resto, esse resíduo não imaginarizado do corpo que se manifesta nesse lugar previsto para a falta. É por isso que a angústia não é sem objeto, como é dito por Lacan (1962-63) diversas vezes nesse seminário.

No entanto, por esse objeto não ser especular, torna-se difícil de situá-lo; por isso, uma das dimensões da angústia é a falta de referências. Trata-se da transformação de um objeto *situável* em um objeto *incomunicável*. Esse lugar de  $(-\phi)$ , assim, comporta um certo vazio que tem uma função estruturante no sujeito e desempenha uma função essencial no que se refere ao desejo, mas que comporta a possibilidade de uma presença angustiante (LACAN, 1962-63)

Bassols (2016) nos diz que essa ausência do objeto na imagem é o que dará brilho fálico a ela, o que ele chama aqui do *poder do invisível do falo*. É nesse invisível que se enraíza o poder de captação e fascinação da imagem. Para ficar mais clara a transformação desse objeto fálico, que anima e dá contorno à imagem, em objeto da angústia, trazendo desagregação e horror, recorreremos ao exemplo fornecido por Brousse (2014): os cabelos quando pertencem à nossa imagem são símbolos fálicos, no entanto, quando os encontramos tapando o ralo do chuveiro, isto é o objeto *a*. Ou seja, fora da imagem, eles são repulsivos.

Maleval (2002) também nos ajuda a pensar nessa relação do falo com o objeto *a*. Diz que com a separação desse objeto primordial do gozo, que é elaborado seguindo o rastro do objeto perdido freudiano, se põe em marcha a dialética do desejo, orientado pela impossibilidade de reencontrar este objeto. Como vimos, essa operação é correlata da inscrição do Nome-do-Pai e, nesse sentido, esta é uma função que assegura a inclusão do falo no objeto *a*, o que quer dizer assegurar que esse objeto se conecte com a linguagem.

Mandil (2008a) nos ajuda a esquematizar esses aspectos da constituição do corpo. Primeiramente, pontua a dimensão do autoerotismo: “desordem dos pequenos *a*”, onde “falta o si mesmo” “de uma ponta a outra” (p.2), diz citando Lacan. Um segundo aspecto é o da imagem real, como vimos no espelho côncavo, que diz respeito aos pedaços, à imagem de superfície e orifício que os recobre. E, finalmente, um terceiro campo é o que se projeta no espelho plano

em que esse conjunto real é transposto ao virtual, para a cena, o que dá origem ao corpo imaginário, que é suporte da “ideia de si como corpo”. É nessa passagem que o objeto *a* se inscreve nesse corpo imaginário apenas como falta, por não ser especulável. Ele é resto da operação de transposição, onde se constitui uma imagem enquadrada pelo Outro.

Assim, Lacan (1962-63) recusa as posições que relacionam a angústia ao momento do nascimento, sendo impossível situar no começo uma relação da angústia com o eu, que é muito complexa, visto que este deve advir. O que é indicado é que entre *i(a)* e o pequeno *a* deve haver um corte, não o corte entre a mãe e a criança- no momento de separação entre elas-, mas um corte que deixa sua marca em fenômenos clínicos importantes: o corte dos envoltórios embrionários, que faz cair o objeto *a*, a queda de uma libra de carne.

Outro modo de ler sobre a extração do objeto se dá pelo esquema da divisão. Consideramos importante pontuar como, nesse momento da obra de Lacan, o Outro, como lugar do significante, situa-se previamente ao aparecimento do sujeito. Ele é originário e o sujeito precisa alienar-se nele.

Nessa operação da divisão, temos o Outro prévio como lugar do significante (A) e o sujeito mítico, ainda inexistente (S), que, em um momento do seminário, é chamado de sujeito do gozo. Este precisa alienar-se ao campo do Outro, situando-se como determinado pelo significante, pelo traço unário do significante no campo do Outro. A partir disso, tanto o sujeito quanto o Outro ficam barrados e, no sentido da divisão, há um resto, que é o objeto *a*. Ou seja, é a partir do Outro que *a* vai assumir seu isolamento e se constituir como resto (LACAN, 1962-63). Na passagem abaixo, fica bem claro como o Outro é colocado como originário nesse momento do ensino de Lacan (1962-63), o que muda no final de seu ensino:

Já lhes ensinei a situar o processo de subjetivação, posto que o sujeito tem que se constituir no lugar do outro, sob a forma primária do significante, e com base no dado do tesouro do significante já constituído no Outro, tão essencial a todo advento da vida humana quanto tudo que possamos conceber do *Umwelt* natural. **O tesouro do significante que ele tem de situar espera desde já o sujeito**, o qual, nesse nível mítico, ainda não existe. Só existiria a partir do significante que lhe é anterior e que é constitutivo em relação a ele (p.179, grifos nossos).

O aparecimento do sujeito se dá, portanto, pela introdução primária de um significante, o traço unário, que é anterior ao sujeito, daí a formulação de que “no princípio era o verbo”. Assim, o sujeito, ali onde ele nasce, se dirige a esse Outro prévio e posiciona-se no lugar do Outro numa cadeia de significantes, isso permite que o traço seja transformado em significante. Só há sujeito através dessa passagem para o significante. Este revela o sujeito e apaga o seu

traço, o que faz com que o sujeito apareça como barrado, como não sabido, buscando reconquistar esse não sabido original de seu ser (LACAN, 1962-63).

É importante notar por agora a indicação de Lacan (1962-63) de que o que permite que esse significante se encarne é o nosso corpo, e que entre o sujeito barrado e o Outro surge o resto, a libra de carne, demarcando uma falta estrutural, um lugar vazio, que localiza o gozo no corpo e estrutura o inconsciente como uma linguagem. Essa falta é radical na constituição da subjetividade e “a partir do momento em que isso é sabido, em que algo chega ao saber, há alguma coisa perdida, e a maneira mais segura de abordar esse algo perdido é concebê-lo como um pedaço de corpo” (p.149).

Como foi visto, Lacan (1962-63) indica que a angústia é um momento no qual o objeto *a* se presentifica neste lugar em que deveria haver uma ausência. Na medida em que o real é o que se opõe ao significante, a angústia é sinal da presença de algo da ordem da irredutibilidade do real: o objeto. É justamente esse ponto que não pode ser significado, que Lacan chama de falta-de-significante, que possibilita a existência do significante, da relação com o Outro, onde se situa toda possibilidade de simbolização, do desejo e de lugar no discurso.

O *a*- apresentado por Lacan (1962-63) a partir das versões oral, anal, fálica, escópica e vocal- resiste a qualquer assimilação à função do significante, por isso ele simboliza o que é sempre perdido na esfera do significante.

É justamente esse dejetivo, essa queda, o que resiste a ‘significatização’, que vem a se mostrar constitutivo do fundamento como tal do sujeito desejante – não mais do sujeito do gozo (...) é ao querer fazer esse gozo entrar no lugar do Outro, como lugar do significante, que o sujeito se precipita como desejante (p.193).

A angústia, assim, é colocada, como mediana entre o gozo e o desejo, o que faz dela parte da constituição do desejo. No decorrer do Seminário, a operação de divisão é reordenada de alguma maneira quando o *a* não é mais localizado como termo último dela. O que é o término da operação passa a ser o sujeito barrado (LACAN, 1962-63).

Essa separação do *a* como cortado, o que sublinha uma separação de uma parte do corpo, torna-se simbólica de uma relação fundamental com o próprio corpo do sujeito alienado no Outro (LACAN, 1962-63). Segundo Miller (2012), a palavra “corte” está no centro do Seminário sobre a angústia, como pudemos notar. O corte separa um resto que não é significável. Na operação de divisão trata-se, assim, do que encontramos no *Seminário 11* (LACAN, 1964), nos esquemas de alienação e separação.

Um ponto importante a destacar, que nos interessa sobremaneira, é a indicação de Lacan (1962-63) de que o espelho tem limites, ele não se estende ao infinito. Esses limites não podem ser negligenciados em detrimento do fascínio com o conteúdo visto. Há a construção de um vazio que é delimitado por uma borda. É por isso que a angústia é “enquadrada”, pois ela aparece nesse lugar delimitado, o que faz Lacan indicar, a partir de Freud, a angústia como um “fenômeno de borda”. Ela é um sinal que se produz no eu, quando este é ameaçado por algo que não deve aparecer.

Assim, percebemos como o objeto *a*, ao ser extraído, deixa um vazio circunscrito por uma borda, que anima a imagem pelo brilho invisível do objeto fálico. No entanto, no lugar demarcado pela falta pode aparecer, ao invés do objeto como falta, o objeto *a* como presença angustiante. Contudo, mesmo que algo desagregue a imagem, é um fenômeno enquadrado, localizado. Se, como veremos, não há esse enquadre na psicose, o que acontece com o gozo disperso, sem lugar demarcado para aparecer? Guardemos esta questão.

Um modo de se defender da angústia, que surge diante da aparição desse objeto no lugar em que ele deveria estar ausente, é o recurso à fantasia. A fantasia é o que melhor serve ao neurótico para se defender da angústia, encobrendo-a, nos diz Lacan (1962-63). A metáfora usada para se referir a esta função da fantasia de velar a angústia é a de um quadro colocado no caixilho de uma janela. Seja o que for que estiver pintado nele, o importante é não ver o que se veria pela janela. Trata-se da relação da fantasia velando o real. Outra questão que se coloca sobre as psicoses é que não há o recurso à fantasia para encobrir o objeto, e nos faz interrogar sobre os modos de lidar com a presença dele.

Deste modo, com a introdução do objeto *a*, percebe-se a importância da extração dele na constituição do corpo como uma imagem unificada, e na relação do sujeito com o inconsciente estruturado como linguagem. Com a extração desse objeto, o gozo é localizado no corpo e remetido às zonas erógenas. Este é o modo de constituição do sujeito e de seu corpo na neurose, o que abre as possibilidades de pensar outras formas de lidar com essa dispersão inicial.

Lacan (1962-63) nos indica que nas psicoses esses objetos continuam dispersos, o que caracteriza a vivência do corpo despedaçado nos esquizofrênicos. Portanto, há que se fazer algo com isso, é o que estamos investigando. Nesses casos, não há a separação desse objeto *a*, perturbando, portanto, que o sujeito se constitua dessa forma: como um sujeito desejanter, com o gozo circunscrito, com o inconsciente estruturado como uma linguagem e com o recurso à fantasia. O que veremos mais detalhadamente.

Portanto, vimos que para se aceder a um sentimento de ter um corpo, é necessário um suporte narcísico que sustenta o ego e que o unifica, o que se faz a partir da relação com o

significante do Outro e a extração do objeto. No *Seminário 23*, Lacan (1975-76) avança bastante nessas questões a partir da construção do nó borromeano que ata os três registros: Real, Simbólico e Imaginário, e dá um lugar ao objeto *a*. Deste modo, ele conclui como a constituição do corpo resulta da amarração desses três registros. A construção dos nós será analisada no próximo capítulo.

Nesse seminário, analisam-se as relações do escritor James Joyce com seu corpo, pois ele evidencia ainda mais que “a relação com o corpo não é uma relação simples em homem nenhum” (Ibid., p.144) e que, para todos, há a possibilidade de se viver uma relação com o corpo como estrangeiro, o que é muito comum na psicose. Veremos, agora, como a relação com o corpo é peculiar nessa estrutura e como se inventam maneiras de atar o corpo.

#### 2.1.4 O corpo nas psicoses: impasses com o gozo deslocalizado

*Eu não sei como pode formar uma cabeça  
Um olho enxergando, nariz respirando  
Boca com dentes  
Orelha ouvindo vozes  
Pele, carne, osso  
Altura, largura, força  
Pra ter força  
O que é preciso fazer?  
É preciso tomar vitamina  
(Stela do Patrocínio, 2009)*

Como foi visto, o corpo “não nos é dado de maneira pura e simples em nosso espelho” (LACAN, 1962-63), não é algo dado previamente ao vivente, mas constituído a partir de operações bastante complexas, como pudemos demonstrar a partir do texto sobre o narcisismo, do Estádio do espelho, do esquema óptico e do *Seminário 10*.

Freud (1914/2006) e Lacan (1962-63) nos ensinaram que o que é originário é um tempo lógico de dispersão pulsional, ou seja, de fragmentação corporal, sendo preciso uma nova ação psíquica para que se passe do autoerotismo, no qual se tem uma falta de si mesmo, ao narcisismo, momento em que o eu pode advir.

Vimos, assim, a importância de uma identificação com uma imagem externa, que é organizada a partir dos significantes que vem do Outro, para que se constitua uma unidade comparável ao eu. Além disso, vimos que uma parte desse investimento narcísico não passa à

imagem especular. Há um resto, o objeto *a*, que precisa ser cortado como uma libra de carne que cai do corpo.

Essa extração é correlata da castração, ou seja, da inscrição do Nome-do-Pai como função simbólica que constitui o sujeito como barrado, separando gozo e Outro, como vimos anteriormente. Assim, é possível a instauração de uma falta constituinte da função do desejo, que demarca um lugar vazio circunscrito por uma borda. Esse lugar é animado pela presença invisível do falo, que dá brilho à imagem, mas pode comportar a aparição deste objeto *a* sob a forma da angústia, como fenômeno que ocorre sempre de forma enquadrada. A fantasia é um recurso neurótico que vela e recobre, como uma tela, o horror desse objeto.

A psicose nos demonstra que não é por este caminho – o da alienação na imagem do Outro, recortando o objeto *a* do corpo – que se dá a constituição corporal nessa estrutura. A vivência destes sujeitos não é, como na neurose, de uma consistência corporal, de um corpo com o gozo circunscrito às zonas erógenas e com lugar delimitado para a presença da angústia.

O que Lacan (1962-63) nos aponta é que nas psicoses não há o corte entre *i(a)* e *a*, corte que destacaria a libra de carne, separando o objeto *a* do corpo e localizando de forma enquadrada a angústia. Na psicose, “o *a* fica em seu lugar do lado da *i(a)*” (p.154), o que faz com que, nessa estrutura, o objeto como causa de sua falta seja estranho ao sujeito. Esta indicação o faz formular que o psicótico carrega o objeto *a* no bolso (LACAN, 1967).

É a partir dessa indicação que localizamos um problema crucial na psicose no que diz respeito à relação com o corpo e com o excesso: o corpo não porta uma unidade suportada pelo simbólico e o gozo é deslocalizado, já que a não extração do objeto não o condensou sob a forma do pequeno *a*. Lacan (1962-63) nos aponta a fantasia do corpo despedaçado vivida pelos esquizofrênicos, por exemplo, e da presença invasiva desses objetos, como podemos notar no desenho de uma esquizofrênica que é olhada por todos os lados.

O que a psicose nos ensina é que nem mesmo na neurose o corpo é dado de saída, e sim que ele é fruto de uma unidade calcada numa fragmentação original. Assim, mesmo entendendo que até na neurose algo precisa ser feito com o objeto que assola de angústia o sujeito, neste trabalho, nos interessa pensar quais os impasses são colocados à psicose- pelo fato de se ter o objeto *a* no bolso- e investigar as possíveis formas de ligar o corpo, dar algum continente e localizar esse gozo.

Um ponto importante é trazido por Maleval (2002) que nos ajuda a pensar a questão das psicoses e sua relação com o gozo. Este autor nos lembra que Lacan, no *Seminário 11*, apontou haver, na psicose, uma ausência de intervalo entre os significantes S1 e S2, o que foi chamado por ‘holófrase’. Nas psicoses, há uma solda entre S1 e S2 e isso implica uma não função do falo

simbólico que, então, é correlativa a uma *deslocalização do gozo* no sujeito psicótico, ou seja, a uma *não-localização do gozo*. O gozo, então, pode se tornar invasor e, por não ter havido a separação do objeto, o psicótico permanece identificado como objeto do gozo, por isso as injúrias nas alucinações. Ou seja, o psicótico se mostra tomado pela carga de um excesso, por isso há uma possibilidade melancólica em todos eles, nos diz o autor.

A *forclusão* é entendida como homóloga à carência de um princípio regulador. E dela se daria, por um lado, uma perda do ordenamento da cadeia significante na fragmentação esquizofrênica e sua solidificação na paranoia, e, por outro, uma falta de aptidão do sujeito para localizar o gozo por meio do significante, o que implica uma dificuldade de apaziguamento (MELEVAL, 2002).

Neste ponto, retomamos à indicação de Freud (1911/2006) de que na psicose há um desligamento da libido do mundo e um retorno desta ao eu, momento silencioso do início de uma psicose. Na esquizofrenia, isso implica uma regressão da libido ao estágio de autoerotismo, e, na paranoia, ao estágio do narcisismo, o que caracteriza sobremaneira as megalomaniás. Articulamos essa indicação com o que Lacan fala sobre o corpo não esvaziado de gozo na psicose, devido à não extração do objeto *a*.

A partir dessas indicações, podemos analisar o que acontece de específico em cada um dos dois tipos clínicos e, ao mesmo tempo, distingui-los. Os fenômenos de despedaçamento corporal vividos na esquizofrenia demonstram os efeitos muito desastrosos da ausência de fabricação de unidade, que seria proporcionada pelo narcisismo. E as relações muito hostis com o outro na paranoia revelam uma relação com a imagem de puro espelhamento, sem intermédio do Outro.

Segundo Oliveira (2008), essa experiência dos esquizofrênicos evidencia a falta de acesso ao revestimento narcísico, não sendo possível ter uma consistência corporal, o que coloca o sujeito frente a uma não regulação pulsional – que pode ser representada ou pelas flores dispersas, ou por um vaso simplesmente vazio. Sem a possibilidade de uma unidade identificatória-narcísica, todo o corpo é dominado por um gozo sem norma, o que corresponde ao retorno da libido no real do corpo.

Já na paranoia, na medida em que há uma fixação ao estágio do narcisismo, é possível ao sujeito alguma alienação na imagem do outro, o que fornece um contorno corporal que, no entanto, é frágil, uma vez que é calcado numa base puramente narcísica, sem intermédio do Outro. Esse fato coloca o paranoico numa tensão hostil com o semelhante. Oliveira (2008) indica que, nesses casos, há uma paixão indômita pela própria imagem, uma crença delirante

de um eu indiviso. É essa imagem que fornece ao sujeito algum enganchamento que lhe serve de sustentação na existência.

A presença desse excesso de libido no eu – tanto no corpo despedaçado, quanto na imagem ilusoriamente inteira – requisita algum trabalho. Esse trabalho é o que Freud (1911/2006) considera como um movimento próprio do psicótico em direção a uma tentativa de cura, a um modo de tratar essa libido, reinvestindo-a novamente.

Miller (2003) situa esse trabalho do psicótico como uma “invenção”, termo ao qual ele atribui o valor de uma “bricolagem”: uma criação a partir de materiais existentes. De acordo com o autor, essa “invenção” corresponde ao que Lacan, no *Seminário 3*, chama de “construção” de reações de afeto à relação com o significante puro e à indicação, do *Seminário 20*, sobre o trabalho feito com a *lalíngua*.

A pertinência desse termo nas psicoses é justificada a partir da indicação de Lacan no texto *O Aturdido*, a de que a função dos órgãos constitui um problema para todo ser falante, e que o esquizofrênico não dispõe de discursos estabelecidos para socorrê-lo nessa questão. Assim, os órgãos, nesses casos, passam fora do corpo, têm vida própria (MILLER, 2003). Como vimos, e como atesta Miller (2003), na medida em que o corpo constitui problemas para todos, a diferença situa-se no fato de que o neurótico adota “soluções típicas” para as questões corporais, enquanto o esquizofrênico precisa lançar mão de invenções para ligar seu corpo, para reintegrar, no corpo, o órgão fora dele. O esquizofrênico “é obrigado a inventar seus socorros, seus recursos para poder usar seu corpo e seus órgãos” (p.11).

Um exemplo é o caso de um rapaz que usava anéis nos dedos e uma faixa na testa. Isso o possibilitava fazer laços com o corpo, reunificá-lo e sustentá-lo sem um discurso estabelecido. Ele usava desses artifícios para que seus dedos e demais partes de seu corpo não escapassem (Ibid., p.6). Outro exemplo é visto nas poesias de Stela do Patrocínio - epígrafes deste capítulo e deste item. No primeiro poema, é preciso que ela diga onde ficam os órgãos e as partes do corpo para que eles se montem e formem uma unidade. Na segunda, vemos que nada lhe diz, de antemão, como se constitui, para que serve seus órgãos e como se usa seu corpo. Quando ela pergunta o que é preciso fazer para tal, ela mesma responde com uma invenção singular: “é preciso tomar vitamina”.

No entanto, isso não quer dizer que as invenções sejam exclusividade da esquizofrenia. Nos parece que este termo se refere às soluções psicóticas em geral sobre o gozo deslocalizado. É neste sentido que Miller (2003) nos apresenta as invenções paranoicas, que não são do mesmo registro das esquizofrênicas. Nesses casos, não se trata do problema da relação com o corpo

que não está preso a um discurso estabelecido, mas do problema da relação com o Outro, o que faz com que as invenções incidam no laço social.

Há um ponto importante que nos ajuda a avançar: a invenção na psicose diz respeito ao modo como a linguagem incide sobre esses sujeitos. Para todos os seres falantes, é preciso encontrar uma função ao significante puro, que é enigma do desejo da mãe. No último Lacan, podemos traduzir essa tese como o traumatismo que *lalíngua* e seu gozo produzem em um sujeito, requisitando um trabalho, o que veremos melhor no próximo capítulo. Pode-se receber essa função ou inventá-la.

Na neurose, esse significante toma sentido a partir do Édipo, oferecendo ao sujeito uma identificação, uma resposta a partir de um discurso estabelecido (MILLER, 2003). Nas psicoses, segue-se por caminhos elementares e não por caminhos padrões (LACAN, 1955-56). Meleval (2002) pinça soluções nos diferentes tipos clínicos de psicose para lidar com esse excesso. Assim, retoma a aposta de Lacan na *Apresentação das Memórias de um doente dos nervos*, a de que o paranoico identifica o gozo no lugar do Outro, e o esquizofrênico o identifica no corpo, que, de acordo com *O Aturdido*, se encontra sem a ajuda de um discurso estabelecido, o que faz da função dos órgãos um problema. Indica que a difícil construção do delírio serve como uma tentativa de remediar a presença do objeto e como um esforço para obrigar o gozo desregulado a permanecer dentro das redes da linguagem.

Assim, na esquizofrenia, na medida em que há o retorno ao tempo lógico do autoerotismo- que caracteriza a dispersão pulsional-, um modo de localizar o gozo que invade o corpo, neste tipo clínico, se dá a partir de um órgão, de uma parte específica do corpo, como visto acima. Na paranoia, o retorno ao narcisismo implica o corpo como um todo tomado de gozo, e uma forma reinvestir a libido novamente seria a partir do delírio, localizando o gozo no Outro (LACAN, 1966).

Escolhemos por pensar essas invenções como formas de localização e esvaziamento do excesso de gozo, do excesso de libido que retornou ao eu, ou, se quisemos chamar, da presença do objeto *a* não destacado. A seguir, pensaremos as soluções para reinvestir a libido ou localizar o gozo no Outro a partir do delírio, recorrendo mais ao Lacan dos anos 50. Em seguida, traremos o caso Schreber para pensar de que modo seu delírio possibilitou alguma amarração corporal. No próximo capítulo, pensaremos estas soluções a partir da escrita, o que nos aproximou mais das formulações do último Lacan. O tema da escrita nos levou a analisar a constituição do inconsciente como uma linguagem, como resposta a esse traumatismo que afeta o corpo. A escrita do inconsciente como um recurso na neurose nos coloca a interrogação sobre a relação

peculiar do psicótico com o ato de escrever. Que escrita é esta e qual a sua função? Além disso, qual a relação dela com o corpo? Seguiremos.

## 2.2 A construção do delírio como um modo de localizar o gozo no Outro

Neste momento, analisaremos as invenções psicóticas para localizar e dar algum destino ao gozo que invade o sujeito e que requisita trabalho a partir da invenção de um delírio, considerando esse recurso, como um movimento próprio do psicótico, de tentativa de cura e de restabelecimento, localizando o gozo no Outro. Assim, privilegiaremos, o delírio como forma de reinvestir a libido, para, mais a frente, pensar a escrita como um outro modo de solução.

Como Lacan trata a psicose, no *Seminário 3*, a partir do momento em que ele estava em seu ensino, a saber, o de um lugar de primazia do simbólico, ao tratar dos fenômenos elementares e do delírio, ele os remete à linguística para explicá-los, coloca-os em questão no próprio nível em que o fenômeno aparece: no nível da fala. Ele se pergunta porque, ao se desencadear uma psicose, o que aparece neste buraco é algo de tão complexo e arquitetado quanto a fala. Lacan, então, vai pensar os fenômenos elementares e o trabalho do delírio a partir da relação particular do psicótico com a linguagem, diferenciando da relação do neurótico com esta. Vamos acompanhar esse remanejamento que sofre o significante na psicose e o trabalho sobre ele.

Na neurose, a estrutura das formações do inconsciente tem como base a alienação significante – o significante representa o sujeito para outro significante. Deste modo, ocorre de um significante chamar outro, resultando num lapso, por exemplo. Nessa estrutura, fica-se com a duplicidade do significante e do significado, no compromisso neurótico sempre situado na ordem simbólica, ou seja, o recalcado aparecendo sempre sob uma máscara, no meio dos mesmos símbolos (LACAN, 1955-56).

Lacan (1955-56) localiza uma oposição a isso no que se refere ao fenômeno elementar e ao delírio. O que ocorre é que, apesar do delírio ser legível, ele é *transcrito* em um outro registro, bem diverso deste da neurose. O “recalcado” na psicose retorna em um outro lugar, como vimos, portanto, esses fenômenos se passam num registro muito diferente.

A questão que Lacan (1955-56) coloca, analisando as diferenças entre a neurose e a psicose, refere-se menos à questão de saber porque o inconsciente está excluído ao sujeito nessa última estrutura e mais do porquê ele aparece no real. Deste modo, vemos na psicose se revelar o discurso interior. É nesse sentido que Lacan (1955-56) fala que as vozes que o psicótico nos dá testemunho devem ser reconhecidas como parte do próprio *texto* do vivido do sujeito. Assim,

a psicanálise dá ao delírio uma sanção singular ao legitimar seu discurso como o que se descobre no discurso do inconsciente. No entanto, por mais articulável que ele seja, ele se revela irreduzível, não curável.

Em resumo, poder-se-ia dizer, o psicótico é um mártir do inconsciente, dando ao termo mártir seu sentido, que é o de testemunhar. Trata-se de um testemunho aberto. O neurótico também é uma testemunha da existência do inconsciente, ele dá um testemunho encoberto que é preciso decifrar (LACAN, 1955-56, p. 156).

Lacan (1955-56, p. 252) retoma a frase de Freud de que os psicóticos amam seus delírios como a si mesmos. Ele nos aponta que nessa indicação freudiana é preciso localizar que há uma afeição, um apego, pois “o delirante, o psicótico, está unido ao seu delírio como a algo que é ele próprio” (p.252). Vê-se, portanto, que há um trabalho do analista a se fazer com os psicóticos sobre o testemunho aberto que estes vivenciam de seu inconsciente, trabalho diferente do que se faz na neurose a partir da decifração, o que veremos no Capítulo III.

O que chamam do conteúdo do delírio, Lacan (1955-56) chama, então, o dizer do psicótico. Nessa linguagem do delirante, certas palavras ganham um destaque especial, uma densidade, que se manifesta às vezes na própria forma do significante, dando-lhe o caráter neológico nas produções da paranoia. Diz que, para um sujeito psicótico, o mundo pode começar a ganhar uma significação, tudo para ele tornou-se signo, isto é, as coisas passam a ter, em certo nível do delírio, uma significação que se impõe e que ele não sabe qual.

Essa linguagem é analisada a partir das categorias da teoria da linguística, na qual há o significante e o significado. O primeiro deve ser tomado no sentido material da linguagem e o segundo refere-se à significação, que sempre remete a uma outra significação (LACAN, 1955-56). E, como já vimos, significante e significado não se relacionam do mesmo modo na neurose e na psicose, já que nesta não há o ponto de basta.

Lacan (1955-56) esclarece que, na psicose, a significação remete não a uma outra significação, ela remete à significação como tal, que só remete a ela própria e é irreduzível. Dois exemplos de formas que evidenciam esse caráter levado ao ponto mais eminente são a intuição delirante e a fórmula – duas formas que param a significação, como um “chumbo na malha, na rede do discurso” (p.45). Quando as palavras tomam esse peso particular, carregadas de significação, Lacan chama a isso de erotização.

Na intuição delirante, vemos um fenômeno pleno, inundante, que revela uma perspectiva nova, como a língua fundamental de Schreber. Já a fórmula é vazia e ocorre quando

a significação não remete a nada, ela se repete e insiste, o que se chama ritornelo. Nelas reconhecemos a assinatura do delírio (LACAN, 1955-56).

Lacan (1955-56) coloca o delírio ao lado do fenômeno elementar: eles têm a mesma estrutura, os dois são estruturados como uma linguagem. Ponto importante, que diz Miller (1995) ser uma descoberta lacaniana: “o fenômeno elementar está estruturado e sua estrutura é a da linguagem, tal como a do delírio” (p.10).

No entanto, o fenômeno elementar representa algo, mas o sujeito não sabe bem o quê. Ou seja, o fenômeno elementar representa algo que não se sabe para alguém, para o sujeito. Esta é a definição do signo. Já o delírio é um discurso articulado, ele é uma combinação de elementos, no qual o fenômeno assume um sentido, um valor. Mesmo assim, não se deve opor delírio e fenômeno elementar, dizendo que o primeiro é articulado enquanto o segundo não. O fenômeno elementar é um elemento simples, isolado, diferente de um *anel* (MILLER, 1995). Podemos já notar que quando Miller usa o termo “anel” para tratar do delírio, ele já indica a função de amarração que este pode ter. É o que iremos analisar adiante.

### 2.2.1 O trabalho do delírio

Miller (1995) propõe pensar que o fenômeno elementar nos coloca em presença do S1 sozinho – um significante que não se liga a outro, ao S2 –, por isso não há significação se desdobrando. O delírio seria equivalente ao S2, promovendo um sentido, o que o faz retomar a frase de Lacan de que o delírio é uma interpretação.

Deste modo, é preciso um trabalho sobre esses fenômenos para que eles ganhem algum sentido, alguma forma que possibilite ao sujeito articulá-lo. Ou seja, é preciso que o sujeito veja o que eles indicam nos letrados dos pequenos caminhos e construa uma interpretação. Podemos lembrar do que Freud (1896b/2006) diz sobre as alucinações auditivas, como o que retorna desde fora e a formação delirante combinatória como tentativa de interpretá-las.

Lacan (1955-56) diz que quando o psicótico fala com o analista, ele “fala com vocês de alguma coisa que lhe falou. (...) Alguma coisa tomou forma de palavra falada, que lhe fala (...) É a respeito da estrutura desse ser que fala ao sujeito, que o paranoico lhes traz o seu testemunho” (p.53). Pode-se realizar um trabalho diante deste retorno. Lacan (Ibid.) afirma que o sujeito delirante articula o que ele diz ouvir, articula as palavras que ele acusa as vozes de pronunciar, ponto importantíssimo para nosso trabalho.

Assim, sem desconsiderar o sofrimento do delirante, situamos que ele está em trabalho. Como diz Lacan (1955-56), em relação ao delírio, o sujeito é ao mesmo tempo agente e

paciente. Isso justifica que “o delírio é tão mais sofrido por ele quanto mais ele não o organiza” (p. 253).

Portanto, Lacan, assim como Freud, coloca o delírio como uma resposta à invasão do real, como uma articulação do que invade o sujeito, seja a partir das vozes, seja a partir do gozo no corpo, seja a partir dos pontos de parada da significação. O sujeito articula os fenômenos elementares que retornam. Deste modo, as tentativas de reconstrução delirante ganham o estatuto de um trabalho simbólico, de interpretação disso, pela via da construção de sentido, que possibilitam uma localização e um ciframento do gozo.

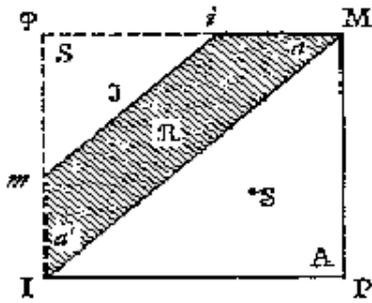
Assim, o delírio situa-se como um trabalho que se articula e se orchestra a partir dos registros falados ao sujeito devido à falta de um significante organizador. É um trabalho que se faz a partir da leitura dos escritos nos letreiros situados à beira dos pequenos caminhos elementares percorridos pelos psicóticos.

Deste modo, em Schreber, podemos pensar que há alguma relação com a emergência na fase pré-psicótica da fantasia “como seria belo ser uma mulher sendo copulada” com o delírio mais acabado de ser a mulher de Deus. Lacan (1955-56) diz que há a construção de uma nova relação com o mundo articulada com uma concepção que Schreber alcançou após a perturbação profunda que sofreu de sua existência. Essa concepção de que ele é o correspondente feminino de Deus lhe dá um certo “domínio de sua psicose” (p.95). A partir disso, tudo fica mais *arranjado*, há uma *reconciliação* na medida em que ele se situa como mulher de Deus.

Deste modo, Lacan (1955-56) vai indicando a função dessa construção do delírio a partir do que observa em Schreber: o discurso deste nos dá testemunho do que ele admitiu como *solução* de sua problemática. Seu relato não nos mostra uma experiência em que o sujeito está incluído, é um testemunho objetivado, mas que lhe possibilita uma certa estabilização.

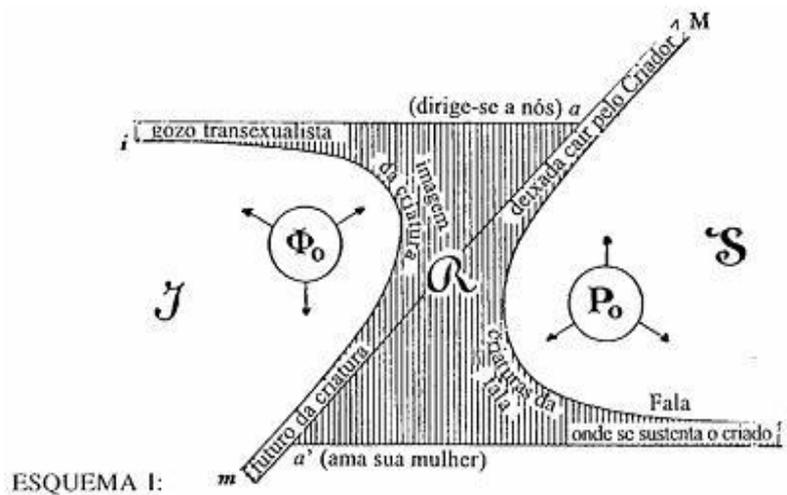
Na *Questão preliminar*, Lacan (1957-58a, p.578) nos mostra o Esquema I, próprio da psicose em seu estado terminal, ou seja, apresentando um momento de estabilização que difere do caos provocado pelo desencadeamento. Ele nos diz que esse esquema mostra o momento em que se respondeu a esse desarranjo com novos efeitos significantes.

Esse esquema é construído em contrapartida ao esquema R, no qual Lacan (1957-58a, p.559) apresenta o modo como se organiza o campo da realidade na neurose a partir da inscrição do Nome-do-Pai. No esquema R, Lacan inscreve o triângulo imaginário composto pela criança, a mãe e a imagem fálica, ao qual vem a se acrescentar o triângulo simbólico cujos vértices são Ideal do eu, a Mãe e P como a posição no Outro do Nome-do-Pai. É a significação do sujeito sob o significante do falo que sustenta o campo da realidade na neurose. Vejamos:



Em uma longa nota de rodapé, Lacan (1957-78a) informa que é como sujeito barrado do desejo que se suporta o campo da realidade. Esse campo só se sustenta pela extração do objeto  $a$ , o que confere seu enquadre, e, ao mesmo tempo, o campo da realidade fantasmática serve para barrar esse objeto, na medida em que funciona como uma tela. Com Freud (1924/2006), podemos ler que também na neurose há uma perda e uma construção da realidade a partir da fantasia.

Como na psicose não se tem o sujeito barrado do desejo, a extração do objeto  $a$ , e tampouco fantasia para velar o objeto, Lacan (1957-58a) constrói um outro esquema, o I, como falamos acima. Nele, situa-se a distorção que ocorre na psicose com os quatro vértices do quadrilátero da realidade no esquema R.



Nesse esquema, Lacan(1957-58a) aponta as respostas do sujeito psicótico, no caso de Schreber, às diferentes etapas da dissolução imaginárias, numa possibilidade de restabelecer “uma ordem do sujeito” (p.579) e construir uma realidade delirante a partir de uma “solução elegante” (p.578). O psicótico, assim, não significa o mundo a partir do significante fálico

advindo da metáfora paterna, que pode ser compartilhado. Lacan (1957-58a) conclui que, para o psicótico, o significante e significado se estabilizam na metáfora delirante.

No caso de Schreber, ele se desliga do mundo exterior, bem como das pessoas próximas a ele, tal como Freud (1912/2006) se referiu à retirada da libido dos objetos. Lacan (1955-56) nos indica que, a partir disso, ele vive uma desrealização que implicará, a seguir, toda uma reconstrução delirante. Esta permite a esse sujeito ressituar progressivamente, mesmo que de forma perturbada, um modo em que ele poderá se reconhecer como destinado a ser o receptáculo feminino que recriará toda humanidade.

Podemos retomar o que concluímos a partir de Freud: o delírio tem o estatuto de um trabalho feito pelo psicótico, de uma tentativa de cura. Ele pode ser um caminho que permite ao sujeito reinvestir a libido que fora deligada dos objetos e retornou ao eu, dando um novo destino ao afeto. O delírio, assim, faz um remendo no abismo posto entre o psicótico e o mundo, lhe dando a possibilidade de construir uma nova realidade, uma realidade delirante que lhe dá um lugar no mundo. Um trabalho de articulação significante a partir da construção de um sentido e de localização da libido que permite ainda uma organização do corpo. Vejamos como esse trabalho acontece em Schreber.

### 2.2.2 Do corpo despedaçado ao corpo de mulher em Schreber

Nos primeiros anos após Schreber ter sua psicose desencadeada, a relação com o corpo e as invasões que ele sofria apontavam para uma desregulação, uma não unificação da imagem corporal, e o gozo, não extraído do corpo, retornava de forma radical, levando-o à experiência do corpo despedaçado. Com a descrição de Freud (1911/2006) sobre o caso, temos acesso a pontos importantes das *Memórias de um doente dos nervos*, livro escrito por Schreber. A partir dessa leitura, analisaremos a passagem da vivência de uma fragmentação corporal para um momento mais apaziguado na sua relação com o corpo, o que foi construído por intermédio do delírio.

Schreber teve dois momentos de sua doença. Primeiro, em 1884, ele, que já ocupava o cargo de juiz presidente do Tribunal de Jurisdição Inferior de Chemnitz, sofreu de uma grave *crise de hipocondria* após apresentar-se como candidato ao *Reichstag*. Pouco tempo após essa apresentação, ficou internado por dois meses no Asilo de Sonnenstein e por mais seis meses na Clínica Psiquiátrica de Leipzig, do Dr Flechsig. Recuperou-se em um ano e ficou bem por volta de oito anos, feliz com a esposa, trabalhando e apenas frustrado por não conseguir ter filhos.

Depois desses anos, após ser nomeado ao Tribunal de Apelação em Dresden e tomar posse como juiz presidente, Schreber volta a tratar-se com Flechsig queixando-se de insônia e angústia. Entre a nomeação e a posse, teve alguns sonhos em que adoecia novamente e, certa vez, num estado entre o sono e a vigília, ocorreu-lhe a ideia de que seria bom ser mulher e submeter-se ao ato da cópula, o que ele rejeitaria caso estivesse consciente. Há um grande surto nesse momento e ele é internado novamente na Clínica de Leipezig. A partir daí, piora rapidamente e permanece por quase dez anos em instituições psiquiátricas.

Nesse segundo momento da doença, primeiro ele fora acometido por mais ideias hipocondríacas, queixava-se de ‘amolecimento do cérebro’, de morte eminente e tinha algumas ideias de perseguição. Nesse começo, o presidente sentia que seus órgãos tinham sofrido graves danos. Ele vivia a experiência de estar sem estômago, sem intestino, sem pulmões, sem bexiga, com o esôfago rasgado e costelas despedaçadas. Dizia que, às vezes, engolia pedaços de sua laringe e que estava morto e em decomposição (FREUD, 1911/2006). O corpo fragmentado, não unificado pela imagem e pleno de gozo, se mostrava de forma voraz nesse momento de grave sofrimento.

Mais tarde, as alucinações auditivas e visuais ficaram mais frequentes e as ideias delirantes foram *gradativamente* assumindo um caráter místico e religioso. Passou a sentir-se perseguido por algumas pessoas, especialmente pelo antigo médico Flechsig e depois pelo próprio Deus, o que consideramos como um modo de localizar, no Outro, o gozo. Com o tempo, Schreber desenvolveu uma “engenhosa estrutura delirante” (FREUD, 1911/006, p.25), sua personalidade fora reconstruída e ele se mostrava agora capaz de satisfazer as exigências da vida cotidiana, até que em 1902 seus direitos civis foram restabelecidos e ele publicou seu livro. Um longo caminho foi feito até atingir essa estabilização.

Em seu delírio, tinha a crença de ter a missão de redimir o mundo e restituir a humanidade de seu estado de beatitude, tarefa à qual foi convocado por Deus. Segundo o relatório médico, essa missão só seria possível devido à sua transformação em mulher, o que não era um desejo, mas um *dever* baseado na *Ordem das Coisas*. Estes são dois pontos de suma importância em seu delírio: seu papel de Redentor e sua transformação em mulher – a emasculação – por meio dos milagres divinos. Acreditava que era o único ser humano em que esses milagres se realizavam, o que fazia dele o ser mais notável na terra, o que nos aponta para um caráter megalomaníaco de sua psicose.

Freud (1911/2006), no entanto, não considera que a transformação de Schreber em mulher tenha surgido como uma solução posterior, que se tornou um meio para ele alcançar o papel de Redentor, como sugeriu o relatório médico. Por seu estudo minucioso das *Memórias*,

pôde perceber que a ideia de emasculação é que constitui o delírio primário e independente do presidente, que encarava essa ideia, primeiro, como injúria e perseguição, cuja finalidade era de abusos sexuais, e que, só se relacionou com o papel de Redentor de maneira secundária. Freud formula, então, que “um delírio sexual de perseguição foi posteriormente transformado, na mente do paciente, em delírio religioso de grandeza” (p.29). Para reafirmar essa hipótese, Freud relembra ainda a ideia que ocorreu a Schreber entre o sono e vigília, no período de incubação da doença, de que seria bom ser mulher e se submeter ao ato da cópula.

O perigo que Schreber sentia correr e o sofrimento vivido por ele eram devidos ao fato de que seu corpo antes deveria ser transformado num corpo feminino e ser entregue ao médico Flechsig com o intuito de abusar dele, e, então, seria simplesmente “deixado de lado”, o que podemos pensar como algo próximo de um deixar cair desse corpo. A emasculação servia para fins *contrários à Ordem das Coisas*, ou seja, para a satisfação sexual de outros. Mais tarde é que a emasculação encontrou um propósito diferente, que ficou *em harmonia com a Ordem das Coisas*, o que pôde solucionar o conflito, como disse o próprio presidente (FREUD, 1911/2006).

Com o tempo, os raios de Deus – que são o mesmo que os nervos deste ou as vozes que falam ao presidente – que antes zombavam dele, abandonam sua hostilidade, pois veem que, ao serem absorvidos em seu corpo, experimentam *voluptuosidade espiritual*. Deus também exige encontrar voluptuosidade nele e, ameaça-o com a retirada de seus raios, caso ele não pudesse oferecer o que este lhe exigia. Havia sempre a ameaça de ser largado. No entanto, Schreber arranja algumas soluções para sua relação com Deus quando diz que ele parece “ridículo” ou “pueril” e, como autodefesa, zombava dele em voz alta.

Podemos ver mais algumas soluções encontradas pelo presidente a partir do delírio: as funções de seu corpo e de seus órgãos passam a ser interpretadas de forma delirante como uma evocação por milagre realizado pelo Deus superior, como a necessidade de evacuar, por exemplo. Os milagres divinos (como “raios”) restauravam este corpo que tinha sido destruído e é importante notar que esses fenômenos de despedaçamento corporal puderam cessar quando sua ‘feminilidade’ se tornou mais presente, como é dito em um relatório médico. Trata-se de um processo que exigirá décadas ou séculos para sua conclusão (FREUD, 1911/2006).

Um grande número de nervos femininos, assim, já havia passado para seu corpo e, a partir deles, originaria uma nova raça de homens por um processo de fecundação direta com Deus. Os nervos absorvidos por ele assumiam em seu corpo o caráter feminino de voluptuosidade e deram a Schreber um “*molde* mais ou menos feminil” (FREUD, 1911/ 2006,

p.42, grifos nossos) e à sua pele a suavidade do sexo feminino. Passou a sentir esses nervos sob a *superfície da pele* ao apertar com os dedos qualquer parte do seu corpo.

Sua transformação em mulher era realizada por meio de milagres divinos e ele experimentava esses milagres justamente em seu corpo. O acúmulo de nervos femininos da cabeça aos pés desenvolveu uma voluptuosidade espiritual pela qual ele desfruta de bem-estar sexual de uma mulher durante a cópula. Freud (1911/ 2006) conclui que o delírio de emasculação era a realização do sonho que lhe ocorreu sobre ser mulher e ser copulado. Ser mulher também faria com que Deus não fizesse as retiradas de seus raios, caso estivesse sempre “modelando” sua aparência em formas femininas. Ao final de sua moléstia, há uma reconciliação com Deus, por meio dessa atitude feminina em relação a este. Schreber sentia que era a esposa de Deus.

Dois pontos saltaram aos olhos durante a leitura das indicações feitas por Freud sobre esse caso tão rico, e relacionam-se diretamente com nosso tema e nossas hipóteses de pesquisa. Primeiro, localizamos o trecho em que Freud nos diz que o delírio de Schreber de ser transformado em mulher seria a realização do sonho que teve antes do grande surto. Ou seja, Freud aponta ter havido uma construção de um saber delirante para responder a invasão de gozo que foi vivida no período entre o sono e a vigília, dando algum sentido ao que era disruptivo e retornava no real, de fora. Ser objeto do gozo do Outro lhe possibilitou dar um destino e uma localização à libido e, num momento posterior, apaziguar um pouco sua relação com esse Outro gozador.

Segundo, vemos que essa forma de um corpo de mulher fornece a Schreber um *molde* – termo que Freud nos brinda – e uma unificação corporal, que delimita uma superfície em seu corpo. Com sua emasculação, se ele estivesse sempre “modelando” seu corpo em formas femininas, Deus não efetuaría as retiradas sobre ele, ou seja, seu corpo não seria deixado largado, não seria completamente identificado com o objeto dejetado. Ou seja, recursos que Schreber lança mão de forma constante para se estabilizar, mesmo que em alguns momentos eles se mostrem mais frágeis.

Neste sentido, podemos concluir com a indicação de Miller (1995) que o delírio implica um domínio sobre a libido que sofreu uma redistribuição depois do desencadeamento da psicose, e acrescentar com as indicações de Freud que também pode proporcionar uma forma ao corpo. Mas Schreber também se utiliza de outros recursos para lidar com toda essa invasão sofrida: ele escreve suas memórias e aponta como algo foi se organizando ao longo da escrita delas. Perguntamo-nos, assim, que outras formas de solução permitem um certo ciframento de gozo. Veremos sobre a escrita.

## CAPÍTULO III. A ESCRITA COMO MODO DE APARELHAMENTO DO GOZO

### 3.1 Sobre a escrita

Neste capítulo, pensaremos quais são as formas de um sujeito se defender do que há de atordoante em sua relação com as palavras. Vimos no primeiro capítulo que nas psicoses a relação de exterioridade da linguagem é vivida de forma radical, e percebemos que na neurose algo se articula com a inscrição do Nome-do-pai, o que deixa o neurótico um pouco surdo aos ruídos da língua. Mas, na medida em que há sempre algum mal-estar que se impõe aos sujeitos e que requisita trabalho, apostamos que a escrita sirva de alguma forma para tratar isso que atordoia, tanto aos neuróticos, quanto aos psicóticos.

Nosso fio condutor, então, será a escrita como uma maneira possível de lidar com a imposição da língua que acomete a todo ser falante e pensar ainda a relação da escrita com o corpo. Vamos acompanhar, ao longo do capítulo, algumas pessoas que se deixaram levar pelo ato de escrever ou que a escrita se impôs como uma solução nessa via, são eles: Schreber, Joyce, André Gide, Manoel de Barros e, no próximo capítulo, o caso João e os escritoristas<sup>5</sup> de nossa oficina de jornal do Caps. Um trecho de Holck (2010) nos inspira neste caminho:

Fala-se da função da escrita. A escrita que salva: salvaria da loucura, da morte, da derrota diante do real. Mas não se pode prever os efeitos da escrita, nem prescrevê-la a ninguém. Mas podemos verificar seus efeitos, um a um. Não se escolhe escrever, escreve quem se deixa levar por ela, se submete, se entrega à escrita. A escrita não é útil, não serve para nada. Nem todo louco escreve, nem todo escritor é louco. Simplesmente, para alguns, é preciso escrever e eles se deixam levar (p.40).

Deste modo, atentos à ideia de que o ato de escrever pode servir a qualquer estrutura, vamos acompanhar de que maneira esse recurso pode se colocar como solução, em especial, às psicoses. Neste caminho, quando pensamos o delírio como uma tentativa de cura e de remendo, como vimos no Capítulo II, nos perguntamos se a escrita, assim como esse fenômeno, também pode ser um modo de reinvestir no mundo a libido acumulada no eu. Lacan (1955-56) trata da questão da escrita já no *Seminário 3*, mas encontramos mais referências a essa temática ao final de seu ensino. Faremos este percurso.

No *Seminário 3*, Lacan (1955-56) ressalta que uma característica importante do sujeito delirante, que o distingue dos esquizofrênicos, é que ele articula as coisas com muita abundância

---

<sup>5</sup> “Escritorista” foi um nome inventado por um participante da oficina de jornal para dizer ao grupo que ele é escritor, mas não um poeta.

e riqueza. Pudemos ver no capítulo anterior como se dá esse trabalho pela construção de um delírio, de articulação dos fenômenos invasivos que um psicótico sofre. Uma das maneiras de se desenvolver as produções delirantes, que caracterizam o registro das paranoias, é através das *produções literárias*, no sentido de literárias indicar “simplesmente folhas de papel cobertas com escrita” (p.95). Então, a escrita é proposta por Lacan como uma forma de organizar o delírio e, nesse ponto, o delirante se aproxima do esquizofrênico, que também pode escrever.

A escrita, assim, é um recurso tanto na paranoia quanto na esquizofrenia, ou seja, um recurso possível tanto a quem delira quanto a quem não delira. Isso justifica o fato de nossa oficina de jornal ser composta por participantes que deliram e escrevem e psicóticos que não têm o recurso do delírio, mas que também se utilizam da escrita.

Schreber, delirante e escritor, no testemunho que nos dá de sua experiência, fala da solução de sua problemática. Segundo Lacan (1955-56), o que inspirou a comunicação de Schreber, o livro imenso deste, foi a vivência de ser “tagarelado”, falado de todas as formas, manipulado, etc. Seu livro foi o “resultado de uma longa construção, que foi para ele a solução de sua aventura interior” (p.97).

Ele escreve seu livro justamente para que ninguém deixasse de saber sobre o que ele sofreu e para ensinar aos especialistas sobre sua moléstia. Lacan (1955-56) não deixa de frisar que há um esforço em ser reconhecido, já que se trata de um discurso publicado, o que veremos melhor adiante. É importante notar que seu livro é escrito depois que ele atinge alguma estabilização, mas que, antes disso, ele tomava notas em pedaços de papel, o que chamava de “pequenos estudos”. São escritas diferentes?

Um ponto importante para esta pesquisa situa-se quando Lacan (1955-56) fala que Schreber é com toda certeza um escritor, mas que não se trata aqui de um poeta. Chega a essa conclusão analisando a posição que estamos em relação ao discurso do presidente. Ele não nos introduz num mundo diferente do nosso ao qual podemos tornar também nosso, como acontece quando há poesia. Não há isso nas *Memórias*. Nelas vemos um testemunho de alguém que se encontra no lugar de objeto do Outro.

Mandil (2010) nos ajuda a pensar nessa frase de Schreber como escritor e não como poeta, quando diferencia, a partir de Lacan, a escrita na loucura da escrita poética. A primeira seria o testemunho do louco sem que ele esteja incluído como sujeito, tendo sempre uma tonalidade objetiva. Não há a indicação da presença de um ser que nos introduz num mundo que podemos nos apropriar. Já a escrita poética, por outro lado, implica um sujeito que assume uma nova ordem de relação simbólica com o mundo, um ser com o qual o leitor se sente de

alguma forma ligado, na qual há uma relação mais próxima da metáfora. Enquanto que na escrita na loucura o que predomina é a metonímia.

No entanto, nesse momento, Lacan não desenvolve muito o que seria próprio do escrito/escritor, e esse ponto nos intrigou. Mandil (2010) indica que essa distinção entre escritor e poeta ganha novos contornos ao final do ensino de Lacan, quando se reconhece uma outra escrita que passa longe da utilização da metáfora, de onde vem o interesse lacaniano pela obra do escritor irlandês James Joyce.

No *Seminário 23*, quando Lacan (1975-76) nos diz que não está dito que a psicanálise leva à via de escrever. Inclusive, devemos prestar muita atenção quando alguém nos procura com o pedido de se colocar em condições de escrever, pois não está definido que a psicanálise consiga fazer isto, ele propõe uma investigação sobre o que significa escrever e investiga, em particular, o que escrever significa para Joyce.

Na medida em que Lacan avança sobre a escrita ao final de seu ensino, seguiremos o que foi indicado nos últimos seminários sobre essa temática para adentrar mais na questão da escrita na psicose. Textos preciosos de Freud também serão percorridos. É neste trilho que caminharemos neste capítulo.

### **3.2. O trabalho sobre *lalíngua* e seu gozo**

Começaremos nosso percurso sobre o que Lacan desenvolveu a respeito da escrita ao final de seu ensino, na perspectiva de fazer uma leitura retroativa dessa temática – tanto em seus seminários e escritos quanto na obra de Freud – marcados pelas formulações lacanianas da década de 70, sem deixar de considerar o momento de cada texto. Miller (2003) nos auxilia a seguir dessa maneira quando nos indica que, no último ensino de Lacan, o que se considerava trabalho de todos os seres falantes, o de encontrar uma função ao significante que é enigma do desejo da mãe – que leva a respostas diferentes em cada estrutura – passa a ser lido como o traumatismo que *lalíngua*<sup>6</sup> e seu gozo produzem num sujeito requisitando trabalho.

Deste modo, trataremos dos modos de respostas ao traumatismo provocado pelo encontro do corpo com a linguagem, circunscrevendo a especificidade de um trabalho de escrita. Ou seja, veremos como a constituição do sujeito e de seu corpo está intrinsecamente

---

<sup>6</sup> Usaremos a tradução “*lalíngua*” adotada nos *Outros Escritos* para o neologismo “*lalangue*” – criado por Lacan a partir da junção do artigo *la* (“a”) com o substantivo *langue* (“língua”) –, mesmo que no *Seminário 20* a tradução utilizada seja “*alíngua*”. *Lalíngua* nos aproxima mais da ideia de uma lalação.

articulada a uma *escrita* que se dá a partir de um trabalho sobre o gozo de *lalíngua* que afeta o vivente.

Esse será o ponto que trataremos neste item, tentando cernir uma escrita em geral para, adiante, pensar a escrita na psicose. Na primeira, veremos como a linguagem se torna um modo de tratar o gozo instaurado pelo encontro com *lalíngua*, implicando um modo específico de escrita – a do inconsciente como uma linguagem – que possibilita um modo de amarração do corpo unificado, com o gozo circunscrito às zonas erógenas. Veremos ainda o que resiste desse encontro que não se escreve. Depois desse percurso, questionaremos outros modos de escrita que nos indicam inúmeras maneiras de *saber-fazer* com *lalíngua*.

Para tanto, nos serviremos do conceito de *letra*, que vai se delineando cada vez mais em contraposição ao de *significante*, na medida em que esse conceito se coloca como uma referência central no último ensino de Lacan, no qual verificamos uma promoção do escrito em relação às demais considerações sobre o campo da linguagem, como indicou Mandil (2003).

É importante localizar que, a partir dessas reformulações lacanianas, o Outro não se configura mais como um sítio prévio ao qual o sujeito se aliena ou não, como poderíamos entender com o *Seminário 10* (LACAN, 1962-63). O Outro e o inconsciente estruturado como uma linguagem passam a ser concebidos como um trabalho feito pelo vivente sobre *lalíngua*. No *Seminário 20, Mais, ainda*, Lacan (1972-73) nos diz, então, que se ele nos indicou ser a linguagem aquilo como o inconsciente é estruturado, é justamente porque “a linguagem, de começo, ela não existe” (p.149), ela precisa ser construída, colocação que vai ser desenvolvida ao longo do seminário.

Podemos ainda localizar um Outro que fala do sujeito antes mesmo de ele falar. Mas, com ajuda de Caldas (2007), situamos que a diferença é que não se trata mais do Outro como no primeiro ensino – organizado como um sistema. Trata-se agora de um Outro desorganizado, portador de uma fala disjunta da estrutura da linguagem que ressoa e produz efeitos de gozo no corpo da criança. Assim, também a fala do *infans* não se origina estruturada como uma linguagem, nem busca a comunicação, ela serve ao gozo.

Lacan (1972-73) introduz o neologismo *lalíngua*, que remete a algo que cai desse Outro sob a forma de letra, o que desenvolveremos mais adiante. *Lalíngua* não diz respeito à comunicação e sim a um blá-blá-blá sem endereçamento, que não serve primeiramente ao diálogo, mas ao gozo, gozo da fala. Portanto, *lalíngua*, vinda deste Outro e depositada no corpo do *infans*, afeta o vivente por tudo que ela comporta como efeitos, que são afetos, o que faz com que, de sua presença, resultem marcas de gozo no corpo. O *significante* desarticulado que

vem deste Outro e que faz marca é a causa do gozo no ser falante, ele é a causa material do gozo.

Deste modo, Lacan (1972-73) nos diz que o significante é aquilo que não tem relação espontânea com o significado, mas que tem a ver com os ouvidos, com o que se ouve, com o que marca. Já o significado é uma leitura feita do que se ouviu desse significante, ele é efeito do significante e acontece num momento a posteriori. Trata-se justamente do significante que faz marca, que causa o gozo. Manso e Caldas (2013) pontuam que a afirmação de Lacan, de que o significante não tem nenhuma relação com o significado, é sublinhar a face letra do significante, sua face real. Se por um lado, ele é o que pertence ao simbólico, por outro, ele pertence ao real.

Assim, no encontro do vivente com a linguagem, o significante aparece em sua vertente real como o que marca o corpo e causa o gozo. Segundo Bastos e Freire (2006), *lalíngua* é o que se deposita no *infans* dessa fala do Outro, ela é constituída dos detritos da fala desse Outro que se depositam no corpo da criança. Sem intenção significativa, ignorando a comunicação, *lalíngua* não visa ao outro, pois refere-se a manifestações que não se inscrevem no âmbito social da língua. Num verbete sobre este neologismo lacaniano, Ramirez (2016) pontua que essa perspectiva indica o modo mais rigoroso de cernir o impacto da face real do significante sobre o corpo, onde algo é depositado no corpo como letra marcada a ferro em brasa.

Lacan inventou o termo *lalíngua* para tornar palpável o modo como a carne é tatuada pelo verbo muito antes que ele se estruture gramaticalmente em linguagem. *Lalíngua* é uma invenção (...) que faz ressoar a materialidade sonora do significante e seu devir de marca, de letra, quando, assim como o meteorito, ela repercute no corpo do vivente vindo ao mundo (p.191).

No texto *Conferência em Genebra sobre o sintoma*, Lacan (1975) nos diz que é *no encontro das palavras com o corpo* – encontro que é o da criança com *lalíngua*, que é a língua materna, qualquer que seja ela – que alguém recebe sua primeira marca e que alguma coisa se esboça para o sujeito. O modo como os pais falam à criança, vai modelar o sujeito nessa função que ele chamou de simbolismo.

Lacan (1972-73) nos diz que há, então, um projeto em que esse gozo se limita, se organiza, um caminho do gozo no ser falante, que se dá a partir de uma *gramática* e leva um sujeito à sua própria divisão no gozo. É por esse caminho que a linguagem passa a ser indicada como uma resposta do sujeito: ela passa a ser considerada o que se tenta saber sobre essa função de *lalíngua*, na qual se está imerso no começo, e o inconsciente passa a ser tido como algo que se pode fazer com essas marcas que são deixadas. Em suas palavras, “a linguagem, sem dúvida,

é feita de *lalíngua*. É uma elucubração de saber sobre *lalíngua*. Mas o inconsciente é um saber, um saber-fazer com *lalíngua*” (p.149).

Nesse sentido, Bastos e Freire (2006) pontuam que o ser humano está desde sempre imerso na linguagem, no verbo, sendo preciso um trabalho do *infans* para passar da condição de falado por este Outro à condição de falante. Um trabalho de subjetivar a fala que precede a criança, na qual se nasce aprisionado como objeto, tomado por um gozo não localizado. É no só depois que o inconsciente é articulado como linguagem (S1-S2) a partir de *lalíngua*.

Portanto, a linguagem e sua estrutura não são mais organizadas *a priori*, o Outro não é mais um sítio prévio, ele é secundário ao gozo de *lalíngua*. O primado passa a ser do gozo e a articulação significante é derivada do que se estabelece quando o inconsciente se estrutura sobre essas marcas de gozo prévio depositados no corpo. Assim, há uma diferença entre esta bateria significante, este enxame de significantes desarticulados que é *lalíngua* e a articulação significante, a estrutura significante (BASTOS E FREIRE, 2006).

Gostaríamos de trazer o belo modo como Lacan (1975) descreve a relação da criança com a linguagem usando a metáfora de uma peneira que parece ilustrar bem essa discussão. Ele fala (Ibid., p.10) que, pela peneira, a água da linguagem passa e deixa algo, alguns detritos, restos com os quais a criança vai brincar e que, necessariamente, terá que lidar mais tarde, porque é prematura. Mas é graças a isso que ela vai poder fazer a coalescência da realidade sexual com a linguagem, ou seja, do gozo com o saber. Mandil (2003) indica que cada língua não passa de um modo de defesa, de apaziguamento e de adormecimento do que há de enlouquecedor e de impositivo em nossa relação com as palavras.

É pelo modo como *lalíngua* foi falada, e também como ela foi entendida pela criança, que algo reaparecerá nas formações do inconsciente, em todo tipo de formas de dizer. É no materialismo da palavra que reside a tomada do inconsciente e do sintoma (LACAN, 1975). Ou seja, é preciso fazer algo com o que se ouve desse encontro e com as marcas deixadas por ele, fazendo um trabalho de ir localizando este gozo do encontro com *lalíngua*, inserindo-o no discurso.

### 3.3 A letter, a litter

*O que é bom para o lixo é bom para a poesia*

*(Manoel de Barros, 2015)*

Foi um longo percurso até Lacan chegar nesse caráter material da palavra que marca o corpo, como vimos. Foi a partir do conceito de letra, desenvolvido ao longo de seu ensino, que isso foi se radicalizando cada vez mais, e que ele foi aprimorando a sua elaboração sobre a linguagem. É o que veremos neste item.

Em 1957, no texto *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*, Lacan (1957/1998) vai falar do modo de funcionamento do inconsciente como uma linguagem, depois de ocorrer o processo de inscrição psíquica de uma marca, como vimos acontecer a partir da *afirmação* no Capítulo I. Assim, apresenta-nos o inconsciente estruturado como uma linguagem e recorre ao texto freudiano sobre a interpretação dos sonhos para defender sua ideia de que o inconsciente funciona de acordo com as leis do significante. Designa como letra o *suporte material* que o discurso concreto toma emprestado da linguagem, o que evidencia uma ênfase na materialidade da letra, como acontece no *Seminário sobre a carta roubada* (LACAN, 1956) que veremos adiante. No entanto, a letra ainda não é distinta do significante e não é articulada ao gozo.

Mandil (2003) nos esclarece que nesse texto, assim como nesse *Seminário*, Lacan pensa a letra sob o domínio significante, mas a privilegia como elemento tipográfico, que não a deixa confundir com as significações. O interesse passa a ser uma equivalência entre letra e estrutura fonemática, na medida em que, neste momento de seu ensino, há uma primazia da ordem simbólica, sobretudo no que se refere à fala.

Lacan (1957/1998), neste momento, diferente do final de seu ensino, trata a linguagem como anterior ao nascimento do sujeito e à cadeia significante, como algo que insiste à revelia do próprio sujeito, mostrando que se pensa onde não se é, e que, logo, se é onde não se pensa. Por esse motivo, o sujeito é servo da linguagem e, portanto, testemunha a presença de uma alteridade a si mesmo. É nesse sentido que Lacan nos diz que “o inconsciente é o discurso do Outro” (p.529). Com essa indicação, vemos como a linguagem como alteridade ao sujeito se coloca para todos, inclusive aos neuróticos, mas que isto se dá de forma radical nas psicoses. Veremos como Joyce vivencia isso.

Para defender sua concepção da estrutura do significante e sua afirmação do inconsciente estruturado como uma linguagem, Lacan (1957/1998) se fia na linguística e lança

mão do signo linguístico – “S/s” (significante sobre significado) – que ele atribui ao linguista Ferdinand de Saussure, mesmo que não seja escrito por este desse modo. Assim, se apropria desse algoritmo imprimindo sua leitura do texto de Freud, que é marcada pelas acepções de Saussure e de Jakobson.

Ao escrever dessa maneira o signo linguístico, Lacan nos mostra que significante e significado não são indissociáveis, mas que, pelo contrário, são independentes. Por esse motivo, ao invés do traço entre eles, proposto por Saussure, Lacan coloca a *barra* que destaca os termos como distintos e separados por uma barreira que resiste à significação, o que evidencia ligações próprias do significante. Deste modo, insiste que temos de nos livrar da “ilusão de que o significante atende à função de representar o significado” (p.501) e nos dá alguns exemplos que materializam a barra do algoritmo e mostram “como o significante de fato entra no significado”, incide nele, e não que são biunívocos (p.503).

A estrutura do significante consiste em ele ser articulado, suas unidades se reduzem a elementos diferenciais, que são os fonemas, e se compõem segundo leis de uma ordem fechada, de uma “cadeia significante”. O significante sempre se antecipa ao sentido, o que é evidenciado nas frases interrompidas na psicose, que são interrompidas antes do termo significativo, mas que nem por isso deixam de fazer sentido. Portanto, mesmo que significante e significado sejam dissociados, não quer dizer que não haja sentido. É por esse motivo que esse esquema exige pontos de basta (LACAN, 1957/1998).

O que Lacan (1957/1998) conclui é que o sentido se produz no deslizamento da cadeia, nos diz que “é na cadeia do significante que o sentido *insiste*, mas que nenhum dos elementos da cadeia *consiste* na significação de que ele é capaz nesse mesmo momento. Impõe-se, portanto, a noção de um deslizamento incessante do significado sob o significante” (p.506).

Essa estrutura da cadeia significante revela que é possível servir-se dela para expressar algo diferente do que ela diz. Essa função significante que se desenha na linguagem tem o nome de *metonímia*, se apoia “no de palavra em palavra dessa conexão” (LACAN, 1957/1998, p.509), uma primeira vertente que o significante constitui para que nele tenha lugar o sentido, nos diz Lacan. É o que Freud chama por *deslocamento*. Outra vertente é a *metáfora*, na qual um significante substitui o outro, permanecendo presente em sua conexão com o restante da cadeia. “Uma palavra por outra, eis a fórmula da metáfora” (Ibid., p.510), pela qual se produz um efeito de significação que é de poesia ou de criação, que nos termos freudianos chamamos de *condensação*. Esses dois mecanismos descobertos por Freud dizem respeito ao funcionamento do inconsciente e são circunscritos por Lacan como compondo a estrutura de uma linguagem. É o que se enuncia no texto *A interpretação dos sonhos* (FREUD, 1900/2006).

Segundo Lacan (1957/1998), o livro *A interpretação dos sonhos* é a via régia para o inconsciente e articula, logo de saída, que o sonho é um rébus, e que precisamos entendê-lo ao “pé da letra” (p.498). As imagens contidas no sonho devem ser entendidas por seu valor significante, ou seja, pelo que permitem soletrar do que está escrito na forma de um rébus e não por sua significação. Essa estrutura que possibilita a operação de leitura do sonho.

Trata-se de um valor significante da imagem que pode ser lido, decifrado. Para entendê-lo, visto que não tem a ver com a significação, Freud recorre aos hieróglifos do Egito para se orientar nessa “escrita em que até o pretense ‘ideograma’ é uma letra (Ibid., p.514). Lacan(1957/1998) nos diz que é justamente pelo sonho não dispor de materiais para compor as articulações lógicas de causalidade, da contradição, etc., que ele dá provas de tratar de uma questão de escrita, e não de pantomina. Trata-se, assim, de um “texto”.

Miller (2012) localiza que no texto *A instância da letra*, esta é tomada como o significante despojado de significação, prenhe de uma materialidade que é presentificada pelo caractere de imprensa. A interpretação que ele faz é que ela é o significante separado do significado, e que a indicação lacaniana do inconsciente estruturado como uma linguagem demonstra que, quando se trata do inconsciente, estamos na escritura. Lacan teve o trabalho de isolar o que há de escritura na fala.

Miller (2012) diz ainda que pensar o sonho como enigma a ser lido indica que a imagem não vale como figura, como signo figurado, e sim como letra e que tudo no inconsciente é assunto de escritura. Aqui a letra é para ser decifrada e porta um sentido encoberto: “Toda ‘A instância da letra’ enlaça a escritura e a leitura, uma leitura que é decifração, uma vez que o significado pode ser reencontrado, lido, saber interpretar, supondo-se então que há estrutura de linguagem” (p.11).

Em 1956, no texto que abre a coletânea dos *Escritos*(1998) e analisa o conto *A carta roubada*, de Edgar Alan Poe, (LACAN, 1956), podemos localizar uma primeira introdução dessa vertente do significante como letra, que tanto é desenvolvida no *Seminário 20*. Em seu texto, Lacan destaca como no conto de Poe uma carta passa de mão em mão pelos personagens, pouco importando seu caráter de mensagem, de sentido.

O que sobressai desde já é o caráter material, de pedaço de papel da carta, ou seja, a vertente da carta como letra – aproveitando a homofonia destas duas palavras em francês<sup>7</sup>. Para demonstrar isso, Lacan (1956) cita pela primeira vez em seus textos o escritor irlandês James Joyce trazendo a expressão joyceana “*a letter, a litter*” (“uma letra/carta, um lixo”), que indica

---

<sup>7</sup> Em francês, “*lettre*” pode significar tanto “carta” quanto “letra”.

uma equivalência entre letra/carta e lixo. É importante notar que Joyce passa a ser uma referência constante de Lacan para tratar da escrita da letra, como veremos. Mandil (2003) localiza que Lacan encontra em Joyce um interlocutor privilegiado para examinar, a partir de sua obra, os possíveis estatutos que a letra pode adquirir.

No conto de Poe (2008), conta-se a história de uma carta de conteúdo secreto que é roubada dos aposentos reais pelo Ministro D. A carta era endereçada à Rainha e, no momento em que a lia, ela foi interrompida pelo Rei, o que lhe causou enorme embaraço. Assim, ela deixou discretamente a carta sobre uma mesa, por não conseguir escondê-la, e contou com a desatenção do cônjuge real. Mas, se a carta conseguiu escapar aos olhos do Rei, não escapou aos olhos do Ministro D., que entra no local neste momento. Este avista a carta e descobre o segredo contido nela. Estrategicamente, tira de seu bolso um objeto bem semelhante, coloca-o ao lado da carta embaraçosa e, ao sair, leva a carta que não era sua, manobra percebida pela Rainha, que nada pôde fazer.

A polícia, então, é solicitada pela Rainha para recuperar a carta que havia sido roubada. No entanto, por mais astuto e minucioso que seja em seu trabalho, G., chefe de polícia, não dá conta de encontrá-la. Desse modo, ele solicita ajuda ao investigador Dupin. G. conta a Dupin essa primeira cena nos aposentos reais e informa que se sabe que foi o Ministro D. quem roubou a carta e que este a detém, visto que usa do poder de tê-la em suas mãos.

Ouvindo atentamente o relato da polícia e seu modo de busca altamente elaborado realizado na mansão do Ministro, Dupin localiza que o motivo do fracasso nessa procura se deve ao fato de a polícia levar em conta apenas os meios que ela própria usaria para ocultar um objeto. Acredita que se acharia a carta caso a polícia não levasse em consideração apenas o conhecimento de que o Ministro era matemático, mas que se atentasse ao fato dele ser também *poeta* e conhecedor do modo da polícia de agir.

Dupin, assim, vai aos aposentos do Ministro e localiza uma carta suja, amassada, quase rasgada em duas e com um selo diferente, endereçada ao próprio Ministro com uma letra feminina e pequena. Vai embora, esquecendo algo propositalmente, e volta no dia seguinte para buscar. Ao distrair D. com um incidente planejado por ele na rua, Dupin pega essa carta e deixa outra semelhante, com um recado ao Ministro, em seu lugar, sem que este perceba.

(1956/1998) extrai conclusões importantes desse conto e destaca duas cenas. A primeira, que ele chama de cena primitiva, é a que acontece entre a Rainha, o Rei e o Ministro, nos aposentos reais, quando este troca as cartas. A segunda, uma repetição da primeira, acontece entre o Ministro, a polícia e Dupin, no gabinete do Ministro, quando Dupin troca as cartas.

Lacan (1956/1998) pontua que a primeira cena teve como quociente da operação o ministro ter roubado a carta da Rainha e esta saber que ele a detém. Além disso, tem-se um “resto”: a carta deixada pelo Ministro que a rainha poderia fazer “uma bolinha de papel” com ela. O quociente da segunda cena é o Ministro não possuir mais a carta e não ter a menor ideia disso, ficando com outra carta de conteúdo não insignificante. Duas cenas que incluem três tempos, ordenando três olhares que são sustentados por três sujeitos. Estes se revezam no deslocamento, que é determinado pelo lugar que se ocupa no trio o “significante puro” (p.36), que é a carta roubada.

O primeiro tempo é de um olhar que nada vê – na primeira cena ocupado pelo Rei que não vê a carta e na segunda pela polícia que não a encontra. O segundo tempo é o de um olhar que vê que o primeiro nada vê sobre a carta e que se engana por ver encoberto o que se oculta – na primeira cena esse lugar é o da Rainha vendo o Rei desavisado e na segunda o do Ministro vendo que a polícia não vê a carta. O terceiro tempo é de um que vê, desses dois olhares, que eles não escondem o que é para esconder, para que disso possa se apoderar quem quiser – na primeira cena é o Ministro e na segunda Dupin. Deste modo, é a posição em relação à carta como significante puro que designa o lugar ocupado pelo sujeito (LACAN, 1956/1998).

Lacan (1956/1998) discorre sobre o motivo da polícia não encontrar a carta roubada, mesmo esquadrinhando e esgotando o espaço onde era provável que ela estivesse. Para os policiais, a carta só tinha uma “face”: a da descrição que eles tinham, eles ficavam detidos no reverso dela, no qual constava o antigo destinatário – a Rainha. É nesse momento, em que trata desse fracasso das buscas da polícia, que Lacan usa o trocadilho feito por Joyce – *a letter, a litter*: uma carta, uma letra, um lixo. Uma espécie de dejetivo que eles manipulavam e que não lhes revelava sua outra natureza, por estar rasgada.

Assim, Lacan (1956/1998) insiste na “materialidade do significante” para falar da “carta/letra” (começa a grafar sempre assim nesse texto), tanto é que a mensagem contida na carta não é mencionada no conto. Ao falar do significante como já não comportando significação alguma, parece-nos que ele aproxima a carta/letra do real. Parece-nos, portanto, que Lacan está tratando da determinação do sujeito pelo significante, de como a linguagem determina o sujeito, ou seja, de como a ordem simbólica constitui o homem, mas que, mesmo nesse momento de seu ensino, já se aponta para algo desse significante que está para além do significado, da comunicação e da mensagem, algo que inclui o gozo. É isso que ele busca mostrar com o conto de Poe, indicando a carta como letra e destacando o caráter material dela. Isso fica claro nesta passagem:

A essência do conto é que a carta/letra tanto pôde surtir seus efeitos internamente, nos atores do conto, inclusive o narrador, quanto do lado de fora: em nós leitores, e também em seu autor, sem que ninguém jamais tenha tido que se preocupar com o que ela poderia dizer: destino comum de tudo o que se escreve (Ibid., p.61).

Mandil (2003) nos indica que a explicação sobre o modo de Dupin de recuperar a carta é justificada pelo fato de ele perceber a dupla essência de uma carta. Uma carta, ou uma letra, não está inteiramente do lado da mensagem, ela possui também uma materialidade, que a faz ser manuseável, rasgada e tratada como detrito. Assim, é a partir da carta como pedaço de papel escrito – *a letter, a litter* – que Dupin orienta sua investigação e consegue achar a carta.

Essa dupla dimensão, função de transmissão de uma mensagem, *a letter*, mas com um destino que concerne à sua materialidade, *a litter*, é, para Lacan, algo inerente a uma carta (ou uma letra), esta não podendo ser concebida sem a simultaneidade das duas vertentes (p.28).

Essa passagem deixa bem clara as duas vertentes da carta/letra e de como é enfatizado no *Seminário sobre a carta roubada* (LACAN, 1956) a vertente material e de lixo da letra. Essa indicação nos ajuda muito a pensar sobre os destinos dos textos escritos na oficina de jornal. Veremos a seguir como Lacan vai radicalizando esse caráter material do significante ao longo do seu ensino e desenvolvendo o conceito de letra para falar das marcas das palavras no corpo, das marcas cavadas por *lalíngua*, e de algo que se inscreve no aparelho psíquico, na forma de uma escrita, sulcando o corpo e fazendo escoar o gozo. Veremos como se produz essa escritura.

### 3.4 O inconsciente: um trabalho de escrita e leitura

*Mas quando a voz vibra na escrita,  
não será então que o escrever se acha mais próximo do falar?  
M.P.<sup>8</sup>*

Sobre o trabalho feito com as marcas depositadas de *lalíngua*, ou esse trabalho feito de articulação da linguagem visto com o texto *A instância da letra*, no *Seminário 20*, Lacan (1972-73) indica se tratar de um trabalho de escrita, uma escrita que opera no gozo, escrevendo-se as condições do gozo. Trata-se de uma *gramática*, como vimos. Do efeito dessa erosão, uma escrita é feita e a linguagem é o que vem a se tramar disso. O inconsciente, assim, ao estruturar dessas marcas uma linguagem, opera uma “cifragem” desse gozo. Ponto importantíssimo para o nosso trabalho, que pretendemos desenvolver neste item.

---

<sup>8</sup> Trecho extraído de um texto produzido por um usuário na oficina de jornal.

Vieira (2005) nos diz que o que se deposita no corpo se dá à maneira de uma escrita e que, a partir de Miller, podemos ver como o que está escrito no corpo, é escrito de maneira que isso fale. O que proporciona um par de expressões que nos ajudam a entender essas questões, são elas: “escrever o falado” e “falar o escrito”.

Ou seja, escreve-se algo do que, dessa falação de *lalíngua* vinda do Outro, marca o corpo, na medida em que as marcas disso caem fazendo uma escrita – trabalhado de “escrever o falado”. Essa escrita proporciona que se fale dela, que isso fale, a partir do inconsciente – trabalho de “falar o escrito”. Nesse momento, podemos remeter o leitor a epígrafe deste item e considerar também, junto com Vieira (2005), que nas duas expressões a oposição é relativa, considerando que só ao se falar que o escrito passa a existir, por exemplo. Mas, de qualquer modo, como se dá esse percurso, essa passagem, esse trabalho de escritura do inconsciente?

Lacan (1972-73) nos diz que o que se escreve é a letra. A linguagem deixa traço, ou seja, a partir dela um traço é deixado no corpo do *infans*, um *rabisco* pelo qual pode-se escrever alguma coisa. Quando uma linguagem assim se escreve, ela deixa esse *traço*, que ele chama Um, nós procedemos dele, e podemos lê-lo. Já podemos ver esse ponto no *Seminário 10*, quando Lacan (1962-63) aborda o aparecimento do sujeito a partir do encontro com o significante do Outro, e nos diz que só há aparecimento do sujeito a partir da introdução primária de um significante, que é o traço unário. Este é anterior ao sujeito, e, por isso, diz que *no princípio era o verbo*, na medida em que no princípio era o traço unário.

Lembra-nos que é sobre esse processo que ele tratou no texto *Lituraterra*, que veremos mais detalhadamente adiante, quando disse que a nuvem da linguagem faz escrita e que se pode ler isso. Ou seja, a partir do momento em que algo é escrito, isto comporta a possibilidade de uma leitura. É desse modo que anuncia que “a escrita é um traço onde se lê um efeito de linguagem” (LACAN, 1972-73).

Vieira (2014) nos diz que somos frutos de uma chuva contingente de desejos sem sentido do Outro sobre o corpo. Essa presença da alteridade se dá sob sua forma vocal e exige, mais do que qualquer outra, uma resposta do sujeito. Resume este percurso ao dizer que, nas cenas fundamentais que vão se depositando e que traduzem o que o Outro fez conosco, há algo que pode ser isolado, que é o que Lacan chama de letra. Portanto, há um passo que se dá quando a voz do Outro, como objeto, cede lugar à letra, a partir da transformação da voz em traço: “a letra é a voz tornada traço” (Ibid. p.3), possibilitando, assim, a construção de uma trama que pode ser lida.

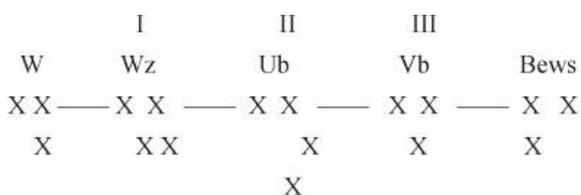
Este é um trabalho, segundo Lacan (1972-73) de extrair de *lalíngua* o que é do significante, introduzindo uma diferença para outro significante – trabalho de articulação da

linguagem, estruturando o inconsciente. É no que *lalíngua* é interrogada como linguagem que se destaca a existência do que a linguística designou com o termo elemento. Trata-se do significante Um (S1), que não é um significante qualquer, mas o que garante a unidade do sujeito com o saber, ele é a ordem significante, no que ela instaura a cadeia.

Ou seja, um trabalho de escrever o inconsciente, cifrar o gozo de *lalíngua*, possibilitando que o sujeito entre no discurso, faça laço. Assim, o inconsciente tem a qualidade de um texto que pode ser decifrado, na medida em que já operou um ciframento.

Essas conclusões de Lacan ficam muito evidentes em alguns textos de Freud. Em *Lituraterra* (LACAN, 1971) somos remetidos à *Carta 52* (FREUD, 1896d/ 2006) para analisar esse trabalho de inscrição de uma marca perceptiva no aparelho psíquico na forma de traço. Consideramos que podemos articular esse ponto justamente com o que vimos no Capítulo I sobre a afirmação (*Bejahung*), que possibilita a entrada do sujeito no campo simbólico. Desse modo, neste momento de nossa pesquisa, tentaremos articular o que vimos no primeiro capítulo com o que estamos tratando agora sobre a inscrição de um traço no aparelho psíquico como uma escrita do inconsciente, para analisar depois a diferença e os recursos inventados na psicose, visto não ocorrer, tal como se faz na neurose, a escrita do inconsciente como uma linguagem.

Na *Carta 52*, endereçada a Fliess, Freud (1896d/2006) investiga a memória e sobre o percurso de inscrição psíquica de uma *marca*, ou seja, de sua passagem da percepção a uma representação dela no inconsciente, chegando à consciência, onde podemos ler esse trabalho de escrita – que não se realiza de uma só vez. O que Freud nos mostra são os tempos desse percurso de inscrição, que passa por três registros, pelo menos. Sob a forma de traços da memória, o material que é assim *transcrito* passa, de tempos em tempos, a uma *retranscrição*. Vejamos este caminho que compõe o modelo do aparelho psíquico que Freud dispunha na época:



Primeiro, temos um momento em que se recebe as percepções, mas sem que se conserve delas algum traço de memória (*W – Wahrnehmungen*); depois, há um primeiro registro dessas percepções, no qual já se conservam os traços, são chamados de “signos de percepção” (*Wz – Wahrnehmungszeichen*); a seguir, há um segundo registro em que os traços inscritos

correspondem a “lembranças conceituais”, que não tem acesso à consciência (*Ub – Unbewusstsein*); há ainda uma terceira transcrição a partir das quais as representações são verbais e tornam-se conscientes (*Vb – Vorbewusstsein*) (FREUD, 1896d/2006).

Entre cada uma dessas fases descritas acima, ocorre uma *tradução* do material psíquico. Isso ocorre na neurose, mas, mesmo assim, devido ao mecanismo do recalque, não é todo material que é *traduzido* a cada fase para chegar até a consciência, o recalque é uma falha na tradução. Um ponto de suma importância para nossa pesquisa é quando se pontua que a cada *transcrição* realizada, entre uma fase e outra, retira-se o excesso de excitação da fase anterior (FREUD, 1896d/ 2006). Lacan (1959-1960) ressalta a importância desse termo escolhido por Freud, ‘tradução’, na medida em que se trata de algo que é da ordem da *escrita*, havendo algo que é possível de se escrever, portanto, de traduzir, e algo que falha nisso e resiste.

Todo esse processo é o que localizamos como o que foi descrito por Lacan (1972-73) como o processo de *ciframento do gozo de lalíngua*, que se dá a partir da afirmação de uma marca que possibilita a inauguração do inconsciente estruturado como uma linguagem na neurose – o que concluímos ser um modo de *ir dando* tratamento ao gozo.

Maleval (2002) diz que a principal função da inscrição do significante do Nome-do-Pai consiste em fazer possível uma coordenação entre linguagem e gozo que permite um ciframento desse último. Para que se produzam efeitos de sentido, é preciso que os S1 de *lalíngua* venham se encontrar com outros significantes, os S2. O ciframento do gozo só se produz nessa articulação. Assim, com a forclusão desse significante, pensaremos o que o dificulta essa cifragem nas psicoses, e outras maneiras de realizá-las.

No texto *A negativa*, Freud (1925/2006) também investiga a origem das representações psíquicas. Começa nos dizendo que uma maneira do material psíquico recalque chegar até a consciência se dá quando dizemos “não”. Por exemplo, quando um paciente diz ao analista: “Não é a minha mãe”, devemos considerar que se trata justamente da mãe dele, pois o “não” é um certificado de sua origem, tal como se dissesse “*Made in Germany*”. Assim, a negativa é uma maneira de tomar conhecimento do que está recalque, visto que, com a condição de ser negado, o pensar se liberta das condições do recalque. Há uma suspensão do recalque mesmo que não se aceite o que está recalque, o que evidencia uma separação da função intelectual do processo afetivo.

Esse assunto levou Freud (1925/2006) a se debruçar sobre a função do julgamento intelectual, visto que a tarefa dessa função é *afirmar (Bejahung)* ou *negar* algo. Essa função está relacionada a duas espécies de decisões: o juízo de atribuição e o juízo de existência. No primeiro, “afirma ou desafirma a posse, em uma coisa, de um atributo particular” (p.266),

fazendo com que algo que é percebido seja introjetado ou não no eu. Dito na linguagem das pulsões orais, seria: gostaria de comer isso ou cuspi-lo fora, de pôr para dentro de mim ou mantê-lo fora. É como o eu-prazer funciona, introjetando o que é bom e ejetando o que é mau e instituindo um dentro e um fora. A outra decisão refere-se a algo que já tem uma representação psíquica, ela “assevera ou discute que uma representação tenha uma existência na realidade” (p.266), ou seja, trata de saber se algo que foi percebido e existe como representação pode ser redescoberto na percepção/realidade.

Assim, nos mostra que a antítese entre objetivo e subjetivo não existe desde o início, ela surge apenas quando se tem a capacidade de trazer como representação na mente algo que já foi percebido, mas sem que o objeto externo esteja lá, objeto que foi perdido (FREUD, 1925/2006). Trata-se de momentos lógicos em que se afirma algo, que passa a existir como representação, sendo possível, a posteriori, recalá-lo ou negá-lo. Trata-se, como vimos no Capítulo I, de uma afirmação primordial, de uma exigência para o começo da simbolização: um processo de inscrição/escrita psíquica e sua tradução em fases sucessivas, que permitem um processo de rememoração – o que foi descrito por Freud na *Carta 52*.

Como disse Lacan (1955-56), ao investigar o texto *A negativa*, esse ponto diz respeito à entrada do sujeito no mundo simbólico, de uma dimensão fundadora da simbolização, que imprime o acesso do ser humano à realidade, realidade que é marcada, de saída, por uma aniquilação simbólica. Como vimos, a constituição do sujeito na psicose não se dá pela via da afirmação de uma marca perceptiva inaugural e sim da *Verwerfung*, ou seja, da *forclusão* desse significante primordial, de sua não inscrição no aparelho psíquico, sem que se constitua o signo de percepção (*Wz*), como vimos com a *Carta 52*. Essa marca, então, retornará como gozo no real, o que veremos no item a seguir.

Uma maneira encontrada por Freud (1925/2006) para ilustrar esse processo de inscrição psíquica, sem perder o rigor de sua pesquisa, foi a partir do exemplo do *Bloco mágico*. Ele nos leva a aproximar cada vez mais esse processo de inscrição de uma marca perceptiva transformada em traço e em lembranças conceituais com uma escrita e uma rememoração. Vai nos ajudar também a pensar, então, no uso de um outro tipo de escrita na psicose.

Em *Uma nota sobre o bloco mágico*, Freud (1925/2006) articula a memória com a escrita. Ele nos diz que é como se nosso aparelho mnêmico levasse uma “caderneta ou folha de papel (...) invisível” (p.255) dentro dele. Uma maneira de suplementar nossa capacidade de memória, seria utilizando-se de uma superfície onde pudéssemos escrever uma nota. Um modo de se fazer isso é escrever à tinta em uma folha de papel, o que nos garante “um traço de memória permanente” (p.255). Mas, temos duas desvantagens com esse procedimento:

primeiro, o fato de a folha ter limites, ser finita, e se requisitar de mais folhas para se escrever mais; segundo, quando o interesse pela memória que foi escrita se perder, temos que jogar fora a superfície de escrita. Um outro procedimento possível é escrever numa lousa com um giz, assim, tem-se uma superfície ilimitada para escrever – visto que se apaga os escritos à medida em que se quer escrever mais – e pode-se apagar o que não mais interessa. Mas, mesmo assim, esse método tem uma desvantagem, pois ele não conserva um traço permanente.

A folha de papel e a lousa, segundo Freud (1925/2006), não dão conta de exemplificar duas funções do psiquismo: a capacidade de receber constantemente novas percepções pelo Sistema Pcpt-Cs, que as recebe sem reter o traço permanente delas, reagindo, assim, como uma “folha em branco a toda nova percepção” (p.256) e a de registrar traços permanentes das percepções, embora alteráveis pelo sistema Ics. Nessa linha, ele lança mão de um pequeno invento: o bloco mágico, que fornece tanto uma superfície receptiva sempre pronta, como traços permanentes das notas feitas nele. Vejamos como ele funciona:

Ele é composto de uma prancha de cera, uma folha de papel encerado sobre ela, e uma camada de uma folha de celuloide sobre esse papel. Nele, não se usa tinta ou giz, mas algo que “calca a superfície, cujas depressões nela feita constituem a *escrita*” (Ibid. p.257, grifos nossos), como se fazia com o método antigo de escrever. A folha de celuloide é onde aplicamos o ato de escrever, ela serve como “escudo protetor” para que não se escreva direto no papel encerado, visto que ele rasgaria. Ao levantarmos as duas folhas, a escrita se apaga e a superfície do bloco mágico fica limpa, capaz de receber novas impressões.

O que Freud(1925/2006) chama atenção é que, mesmo se apagando o que foi escrito, o traço permanente fica retido na prancha de cera e, sob uma luz apropriada, é possível lê-lo. Assim, relaciona o papel encerado e a folha de celuloide com o sistema *Pcpt-Cs* e a prancha de cera com o *Inconsciente*. Esse invento exemplifica muito o que temos visto sobre a escrita das marcas de *lalíngua* que calcam a carne e a construção de uma escrita do inconsciente a partir disto.

### **3.5 *Lituraterra*: litoral, sulcos e rasuras**

É em *Lituraterra* que vemos mais detalhadamente este trabalho de escrita e seus efeitos sob o gozo a partir do avanço no que concerne ao conceito de letra. Esta passa a ser descrita como distinta do significante, o que não era tão discernido anteriormente, como vimos. Agora, a letra não é o significante e não tem primazia em relação a ele (LACAN, 1971). Retomando o trocadilho joyceano – *a letter, a litter* – e o *Seminário sobre a carta roubada*, Lacan (Ibid.)

pontua que o fato da missiva não ter seu conteúdo revelado e exercer um efeito sob quem a detém mostra que a carta/letra se distingue do significante que ela carrega. Assim, ele avança ainda mais nas suas elaborações sobre a letra e sua relação com o significante e com o gozo.

Mandil (2003) nos diz que há uma promoção do escrito em relação à fala, ou seja, uma contraposição entre letra e significante, distinção que se torna explícita agora. Percebemos mais claramente o apagamento da mensagem e o surgimento de uma materialidade desconectada do sentido, evidenciando duas dimensões da carta/letra: uma significante, mensageira, e outra que se traduz na sua materialidade. Uma outra novidade é que Lacan coloca a letra como operador de articulação dessas duas dimensões. Vejamos como.

A letra é proposta como *litoral* entre gozo e saber e não como uma fronteira entre esses dois registros. Uma *fronteira* separa simbolicamente dois territórios iguais, que têm algo em comum. O litoral é diferente, ele indica que um campo inteiro é estrangeiro do outro, que eles não são recíprocos. A letra, então, é indicada como litoral desses dois territórios heterógenos (gozo e saber), ou seja, ela enlaça esses campos, sem negar uma descontinuidade, um furo entre eles, desenhando “a borda do furo no saber” (LACAN, 1971, p. 18).

Há ainda duas outras metáforas, pinçadas por Mandil (2003), para falar da letra como dimensão essencial do escrito, uma é ideia de “rasura” e a outra é a do escrito como “sulco”. Elas que compõem, junto com a metáfora do litoral, o tripé sobre o qual Lacan assenta a letra nesse momento de seu ensino. Elas indicam o que se deposita a partir do efeito de precipitação e de inscrição.

Para visualizarmos essas dimensões, Lacan (1971) nos conta um trecho de sua história. Fala de uma viagem de retorno do Japão à França, em que, por um desvio de rota, ele sobrevoou a planície da Sibéria e experimentou, pela primeira vez, o que chama por *litoral*. Ele usa a imagem vista da janela do avião como metáfora para falar do processo de escrita, desde o que se precipita da linguagem até o que marca e cava sulco, e dos conceitos que vem desenvolvendo.

Por entre as nuvens, ele via aparecer os riachos e seus cursos d'água na planície siberiana. Via, assim, o escoamento das águas como um único traço, o que o remeteu ao aparecimento do traço unário e, ao mesmo tempo, aquilo que o apaga. Nos diz que é pela conjugação desses dois tempos que se faz o sujeito: pelo aparecimento de um traço – que podemos associar a partir da *Bejahung* freudiana - e seu apagamento. Diferencia ainda a rasura pela qual pode-se escrever e apagar, mas uma rasura de traço algum. Mas de que se origina esse primeiro traço visto aqui como o riacho?

Neste ponto, Lacan avança indo além do que Freud deixou sobre o processo de inscrição psíquica. Para responder a origem da inscrição, ele recorreu às nuvens da paisagem: o que nelas

era matéria em suspensão, se precipita a chuva da linguagem, a bateria significante, que se dá por uma ruptura do semblante e se apresenta, assim, o ravinamento das águas. Essa imagem é justamente o que se trata no efeito da escrita: é do que choveu do semblante que se constitui o significante.

Podemos retomar o comentário feito no *Seminário 20* (LACAN, 1972-73) sobre essa cena descrita em *Lituraterra*: “A nuvem da linguagem (...) faz escrita” (p.163). Ele nos mostra que o que mais se aproxima do significante, nesse processo que é descrito por Freud na *Carta 52*, situa-se no primeiro registro das percepções que chegam ao aparelho, o *Wz*, o signo de percepção.

Lacan (1971) esclarece que quando se rompe o semblante, o que se destaca é o gozo. Portanto, nos diz que não há nada mais distinto do vazio escavado na terra pela escritura do que o semblante, na medida em que “o primeiro é o godê sempre pronto a dar acolhida ao gozo” (p.25). Mandil (2003) conclui que, nesse momento do ensino de Lacan, a conjugação entre simbólico e real ocorre na medida em que o real é concebido como resíduo, dejetado expelido pelo simbólico de seus domínios, deixando sobre ele sua marca indelével. A *letter*, um elemento simbólico, e a *litter*, um elemento residual, o gozo como lixo.

Lacan (1972-73) vai dizer, então, que a linguagem é um aparelho. Na medida em que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, essa linguagem se coloca como um modo de aparelhar o gozo, dar acolhida ao gozo. É nisso que o inconsciente, no que diz respeito à sua cifragem, só pode estruturar-se como uma linguagem sempre hipotética em relação à *lalíngua*. Uma imagem exemplo disso é a teia construída por uma aranha: da superfície que surge de um ponto opaco da aranha, desenha-se o traço desses escritos, o que mostra o real acedendo ao simbólico.

A linguagem, assim, aparece como saber, um trabalho de construção feito com *lalíngua*, de extrair dela o que é do significante, apropriar-se disso e transformá-lo em enunciação. É um trabalho de *escrever* o inconsciente, ou seja, de aparelhar o gozo. O inconsciente passa a ser concebido como um modo de saber-fazer com *lalíngua* (BASTOS E FREIRE, 2006).

No entanto, Lacan (1972-73) nos diz que há algo, que é para todos, que não se escreve, que não vira traço. Algo da própria linguagem que não se deixa entrar na estrutura gramatical e lexicográfica, que não se traduz totalmente. Este ponto que não se inscreve no aparelho psíquico concerne ao fato de não haver relação sexual. A relação sexual não se pode escrever.

Deste modo, ele é algo que *não para de não se escrever*, ou seja, trata-se de um impossível de simbolizar, visto que é impossível de inscrever a relação sexual. Lacan (1972-73) aponta que, se há um momento em que algo para de não se escrever e se escreve, com a

introdução do S1, como vimos, e depois algo que se escreve o tempo todo, que é o Falo como significante, a não relação sexual implica que algo não se escreve nunca. Ela não se submete à cifragem inconsciente e não entra nas malhas do discurso.

Na aula em que Lacan (1972-73) trata da função do escrito, nos diz que é justamente por não haver relação sexual que há escrito. “Tudo que é escrito parte do fato de que será para sempre impossível escrever como tal a relação sexual” (p.40). Assim, a linguagem estruturada tal como o é na neurose é indicada como uma “suplência” a isso impossível de simbolizar, como algo que é tramado em torno desse ponto de impossível.

Essa afirmação parece indicar a necessidade de uma suplência para todos, não só na psicose. Nos perguntamos que outras maneiras de suplência são postas em jogo para tentar dar conta disso que é traumático no encontro com *lalíngua* e que não se escreve? Será que podemos localizar esse inassimilável com o que Freud (1950[1985] /2006) apresentou como *das Ding* no *Projeto para uma psicologia científica* introduzida a partir do Complexo do próximo?

O que é indicado é que, no momento de constituição do aparelho psíquico, o que resulta do encontro do *infans* com o *Nebenmensch*, o semelhante, se divide em dois componentes: um produz uma impressão constante e permanece unido como uma *coisa* (*das Ding*, em alemão) e o outro pode ser compreendido por meio de uma atividade de memória. Ou seja, é decomposto num componente não assimilável (a coisa) e constantemente incompreendida e num componente compreensível e conhecido do ego através de sua própria experiência (FREUD, 1950[1985] /2006).

Neste ponto, retomamos uma questão lançada no começo deste capítulo que foi a pergunta se o ato de escrever, de se lançar na escrita, não seria uma maneira de tentar lidar com isso que não se escreve, com o real que atordoia, com o que não tem sentido e não cabe nas palavras. Holck (2010) nos traz dois exemplos de escritores que nos ajudam a pensar essa questão. Marguerite Duras e Jorge Semprun testemunharam o surgimento de uma certa escrita devido ao encontro com o real. Em Duras, há a aparição de uma outra escrita a partir do encontro com o sexo numa experiência erótica e em Semprun a partir da angústia suscitada pelas lembranças do encontro com a morte em um campo de concentração. Ambos se lançam na escrita como forma de tratar o real avassalador, que se impôs com sua dimensão de indizível.

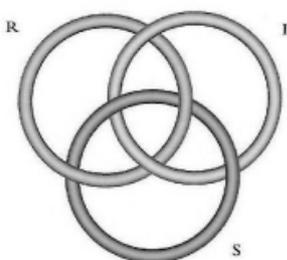
Com isso que resta de inassimilável, que não se traduz pelo trabalho de linguagem, mas que faz parte da vida e que, em alguns momentos, se mostra de forma radical, trata-se de fazer dessa letra, lixo, a partir de uma escrita diferente da que se faz a partir do inconsciente, uma escrita que não passa pelo sentido.

Podemos, então, nos valer de outro par de Miller trazido por Vieira (2005), que trata de dois modos da escrita, ou ‘dois corpos da escrita’: uma do sentido e outra fora do sentido. De um lado, um escrito que se constitui como discurso, tem sentido e faz o sintoma. De outro, a escrita como marca, como letra, que não se lê e não se compreende, uma escrita pelo nó, pelo *sinthoma*. É o que veremos.

### 3.6 A escrita dos nós

É no *Seminário 23*, sobre o *Sinthoma*, que Lacan (1975-76) avança mais sobre essa “outra escrita”. A partir de sua construção dos nós como uma maneira de funcionar a articulação entre os três registros, ele nos orienta que é preciso escrevê-los para que possamos ver como o nó funciona. Assim, chega a uma formulação importante, a de que “a escrita, portanto, é um fazer que dá suporte ao pensamento” (p.140). Essa outra escrita não resulta da precipitação do significante e não tem a ver com o que se modula da voz, como vimos acima. Trata-se da escrita do nó, que muda completamente o sentido da escrita. Vejamos:

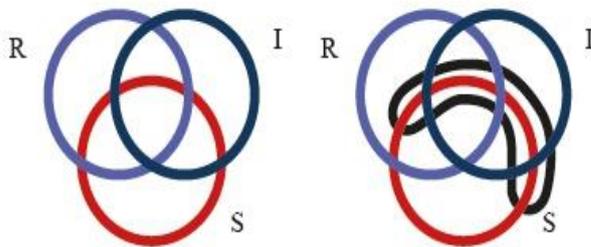
Nesse seminário, Lacan (1975-76) apresenta e tira consequências importantes do nó borromeano – um tipo de nó inscrito no brasão da família Borromeu. Esse nó serve a Lacan para tratar da interação entre real, simbólico e imaginário e o enlaçamento deles. Assim, cada elo representa um dos registros. O nó borromeano tem a característica de ser constituído por, no mínimo, três anéis que se ligam de tal maneira que, se um se soltar, os outros dois também ficam livres. A imagem abaixo representa uma das maneiras de desenhá-lo. É importante ressaltar que há inúmeros modos de se fazer esse nó, desde que se mantenha a exigência que o caracteriza: se um elo se soltar, todos se soltam. Durante o seminário, Lacan faz um imenso esforço para elaborar/escrever muitos deles.



Nó borromeu: (R) Real, (S) Simbólico e (I) Imaginário.

No entanto, ao longo das aulas, esse nó de três é posto em questão, pois ele parece muito instável. É preciso algo a mais que faça manter os registros enlaçados borromeamente. Lacan

(1975-76) diz, então, que é preciso ser tetrádico o que faz o laço borromeano, ou seja, que é preciso, no mínimo, uma relação de 1 com outros 3 anéis. Portanto, para enlaçar imaginário, simbólico e real, é preciso um *quarto elo*, que é chamado de *Sinthoma*, escrito com “th” tal como a maneira antiga de se escrever ‘sintoma’. Nas palavras de Lacan, “é sempre em três suportes, que nesse caso chamaremos de subjetivos, isto é, pessoais, que um quarto vai se apoiar (...), o quarto será o que enuncio este ano como o *sinthoma*” (p.50). O *sinthoma* é o que permite ao nó de três não se manter só um nó de três. Vejamos abaixo os três elos soltos e o *sinthoma* enlaçando-os borromeamente.



Nesse seminário, o imaginário é designado como o suporte do que é a *consistência*, o que mantém junto, dá forma; o simbólico tem o *furo* como o que lhe é essencial e o real o que se sustenta na *ex-sistência* em relação aos outros registros, o que está fora. Portanto, o nó borromeano de quatro, ao enlaçar os três registros, permite que cada um se diferencie dessa maneira – o que não é dado de saída para o *falasser* – e que eles, ao mesmo tempo, tenham uma retenção, enlaçando o objeto *a*. Segundo Maleval (2002), a instauração da estrutura borromeana é correlata de uma localização do gozo do ser falante.

O Nome-do-Pai, no caso da neurose, seria um quarto elemento que enoda as outras três rodinhas do real, simbólico e imaginário, sendo um *sinthoma* (LACAN, 1975-76) e um modo de localizar o gozo. O que se coloca a partir disto é que o Nome-do-Pai deixa de ser imprescindível na medida em que passa a ser um dos *sinthomas* possíveis, um dos modos de atar os registros, visto haver inúmeros outros. O paradigma desse momento da obra de Lacan, portanto, deixa de ser a neurose e passa a ser a psicose com suas inúmeras maneiras de atar os registros.

Jimenez (2014) nos ajuda a pensar essa questão quando diz que um neurótico sempre tem um quarto elo, pois o Nome-do-Pai e/ou *sinthoma* está presente desde o início, ou desde a resolução do complexo de Édipo, e, no mais tardar, na puberdade. Um psicótico pode ter

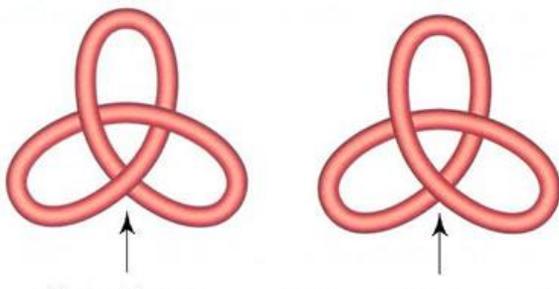
também um sintoma, mas de outra forma, é o que veremos com Schreber e, mais detalhadamente, com Joyce.

No caso do nó de três, caso se rompa, não comporta essa diferença entre as rodinhas e imaginário, simbólico e real ficam em contiguidade. Assim, se um sujeito enoda a três os registros, fica-se suportado apenas pela continuidade deles, o que faz com que eles tenham uma única e mesma consistência. Este é o caso da psicose paranoica, nos diz Lacan(1975-76).

Jimenez (2014) nos fala dessa instabilidade do nó de três e diz que, ao se romper, os registros, ao ficarem em contiguidade, se transformam numa rodinha de barbante que configura o *nó de trevo* e os registros, então, se confundem entre si. Um exemplo disso é o caso da alucinação verbal na psicose que é, a um só tempo, real, pois aparece como o real de uma voz; simbólica, pois aparece uma palavra desencadeada das outras; e imaginária, porque existe uma consistência verbal, uma significação, atribuída a essa palavra.

Assim, ao se desfazer, o nó de três pode virar um nó de trevo verdadeiro – que permanece amarrado – restando algum lugar para o sujeito, lugar que pode ser dado pela alucinação, como é o caso das de Schreber, que é chamado de “Miss Schreber”, isso lhe dá a possibilidade de uma futura estabilização. No entanto, quando se produz um nó de trevo falso – sem nenhum enodamento – o sujeito fica sem lugar subjetivo, como no caso da esquizofrenia simples, o que não dá possibilidade de estabilização ou de tentativas de cura (JIMENEZ, 2014).

Na imagem abaixo presente no *Seminário 23* (LACAN,1975-76), podemos ver o nó de três que permanece amarrado e em seguida o nó de três com erro, que faz com que ele possa ser reduzido à uma simples rodinha.



Jimenez (2014) suspeita que Schreber tinha uma amarração de três elos. Indica que antes de seu grande surto, quando ele teve crises de hipocondria, o imaginário se fissurou incompletamente, entrando em contiguidade com o real, mas sem que as rodinhas se soltassem totalmente. “O real dos órgãos apareceu dentro do ego corporal, desarranjando pontualmente sua unidade, mas sem produzir um apagamento dos contornos do corpo” (p.217). Já em seu

grande surto, o imaginário se confundiu completamente com o real, o corpo perdeu a imagem especular e a unidade, e houve a fragmentação do corpo. Depois de um tempo, com a metáfora delirante é que ele consegue uma amarração do que se dispersou.

É a partir de Joyce que Lacan (1975-76) aborda o quarto termo, o *sinthoma*, e que se pode pensar o que funciona como *sinthoma* para cada um. No caso de Joyce, Lacan conclui que ele lança mão de sua arte como o que completa o nó do imaginário, do simbólico e do real, ou seja, que ele restabelece o nó com sua arte e não a partir do Nome-do-Pai. Assim, o caso de Joyce é considerado um modo de suprir um desenodamento do nó.

O pai do escritor era o que se chama por um pai indigno, um pai carente. Ele falava muito disso. O desejo joyceano, de ser um artista que fosse assunto do mundo todo, mostra a compensação do fato de que seu pai nunca foi um pai para ele. Assim, há, no fato de Joyce ter se sentido chamado, algo como uma compensação dessa *forclusão*. Isto é a mola própria pela qual o nome próprio é estranho para ele e, ao se pretender um nome, ele faz uma compensação da carência paterna. A arte de Joyce, portanto, lhe serviu para suprir a firmeza fálica, ela foi o fiador de seu falo, o que fez com que sua arte fosse algo tão particular que o termo *sinthoma* é o que lhe convém (LACAN, 1975-76).

Em Joyce, a arte da escrita é alçada ao estatuto de *sinthoma*. Por este motivo que é a partir da função do escrever para esse escritor que Lacan (1975-76) vai pensar a respeito de uma escrita dos nós, pois a escrita pode ter sempre alguma coisa a ver com a maneira que escrevemos o nó – visto que um nó se escreve. A escrita, então, lhe interessa porque parece que é por meio desses pedacinhos de escrita que, historicamente, entramos no real, que paramos de imaginar. A escrita de letrinhas matemáticas é o que suporta o real e, quando se escreve, pode-se tocar o real. Trata-se de alguma coisa que tem uma relação estreita com a instância da letra como tal.

Assim, quando Lacan (1975-76) fala dos nós, ele indica que “é preciso fazê-lo” e isso significa “escrevê-lo”, não bastando apenas pensar a respeito do nó. Se o nó borromeano, que ele apelida por *nó bo*, “é preciso escrevê-lo para ver como ele funciona” (p.140), Lacan conclui ser a escrita um fazer que dá suporte ao pensamento. Nesse sentido, é proposta uma escrita do nó, que muda o sentido da outra escrita que resulta da precipitação do significante, do que se modula da voz, como vimos acima, na medida em que ela vem de um lugar diferente da escrita do significante.

Por ora, vimos como uma resposta singular ao encontro com *lalíngua* é exigida a todo ser falante. Um caminho possível de realizá-la se dá a partir da invenção do inconsciente estruturado como uma linguagem, como se faz na neurose quando o nó é escrito de forma

borromeana com o Nome-do-Pai enlaçando os registros. Essa forma de resposta possibilita que o gozo passe ao discurso tendo um lugar demarcado nele, e que os S1 de *lalíngua* se enganchem nos S2, organizando a linguagem e limpando os zunidos na língua. Uma forma de escrita pelo inconsciente que comporta a leitura que se pode fazer dele, mas que, no entanto, não dá conta de tudo escrever. Resta algo que, ainda assim, não se traduz, pois é impossível de simbolizar, que continua fazendo ruído e requisita um trabalho constante, algo que não cessa de não se escrever.

Há outras formas singulares de saber-fazer com *lalíngua*, que também possibilitam, de alguma forma, cifrar o gozo, aparelhá-lo, como ocorre nos casos das psicoses e dos autismos, por exemplo. Uma escrita que não se dá pela afirmação de uma marca, pela inscrição de um traço e de um S1 que organiza o enxame de significantes de *lalíngua*. É o que veremos a seguir.

É importante perceber aqui, como lembra Guerra (2010), que, se é impossível para qualquer sujeito tudo representar, o elemento foracluído exige de todos uma solução única para atar real, simbólico e imaginário. Assim, a exigência de uma solução está colocada para todos os sujeitos, mas cada um vai se servir dos recursos e da singularidade de que dispõe sua estrutura. Assim, a *foraclusão* é geral e a solução é singular.

### 3.7 A escrita na psicose

Se, como vimos, a relação do psicótico com a linguagem é radicalmente diferente da que o neurótico estabelece, suspeitamos que sua relação com a escrita também o seja. Vimos que a relação do psicótico com o conjunto do aparelho de linguagem é de exterioridade e que ele é habitado por ela. Devido à *foraclusão*, a marca perceptiva não se inscreve e não corresponde a um traço inconsciente, não sendo possível transformá-la em lembranças conceituais, por isso ela se torna real e vem de fora. Na neurose, a invenção do inconsciente estruturado como uma linguagem (S1-S2) – o que vimos ser da ordem de uma inscrição ou de uma escrita – é um modo de tratar a imposição de *lalíngua* e seu gozo no vivente, ou seja, uma maneira de ficar um pouco surdo ou desavisado do ruído da fala e do fato de que ela nos é imposta.

Deste modo, na medida em que na psicose não se trata de uma escrita do inconsciente inaugurando o simbólico, nos perguntamos quais são as invenções feitas nessa estrutura para lidar com o que há de atordoante da língua. Assim, temos algumas questões sobre a escrita na psicose que já colocamos de saída: mesmo sem a escrita do inconsciente, podemos localizar uma escrita pelo sentido e uma outra fora de sentido, tal como é possível ocorrer das duas

maneiras na neurose? O ato de escrever pode ser uma forma de suplência? Toda suplência requisita uma escrita que é a do nó? Qual será, então, a função de escrever para esses sujeitos?

Uma pista nos é dada por uma participante da oficina de jornal que, lendo seu texto ao grupo, nos conta da perda de um homem que ela muito amava, e que, por esse motivo, ele nunca sairia “dos seus cadernos de anotações”, ao que eu, ingenuamente, esperava ouvir “de minhas lembranças”. Parece que não se trata exatamente de um bloco de notas invisível no aparelho psíquico, tal como Freud descreveu. É preciso algo concreto, no papel.

A rejeição do significante do Nome-do-Pai – que seria um elemento que, no campo da linguagem, ordenaria uma narrativa, uma história, uma série de significações, e até mesmo o que podemos chamar de realidade – implica o que se impõe ao sujeito como “fora de si”. Com a rejeição desse significante, é abolido um elemento fundamental do registro do simbólico e isso que se impõe como fora de si toma a forma de um enigma (LAIA, 2001). Esse fora de si, muitas vezes, requisita ser tratado com recursos concretos, como no caso acima, a produção de um texto ou de uma obra podem fazer essa função.

Schreber nos dá muitos depoimentos em seu livro sobre a imposição da linguagem vivida por ele e dos enigmas assim impostos. Freud (1911/2006) ressalta que a *língua fundamental* ouvida pelo presidente era a língua falada pelo próprio Deus de seu delírio. Trata-se de um alemão vigoroso e antiquado. Schreber (1905) explica que, no seu caso, ele era obrigado a se utilizar dessa língua, que ele também chamava de “língua dos nervos” (p.51). Quando comenta sobre o fato dela ser ininterrupta, diz: “no meu caso, desde a mencionada reviravolta crítica em minha doença nervosa, ocorre que meus nervos são postos em movimentos *a partir do exterior*, e isto incessantemente, sem interrupção” (p.52, grifos do autor). O que nos aproxima muito das conclusões freudianas do retorno desde fora. Durante seu texto, Schreber nos ensina sobre esta língua fundamental, tornando-a acessível ao seu leitor.

Assim, as almas apareciam em sua “cabeça na qualidade de vozes” (Ibid., p.53) de diferentes pessoas. Antes, elas entravam como pensamentos dando informações que lhe interessavam e, depois de um tempo, consistiam em “repetição espantosamente monótona das mesmas frases (aprendidas de cor) que retornam continuamente” (p.54). Diz ele: “frases vazias que retornavam constantemente, com as quais fui e ainda sou atormentado, durante anos, frases repetidas milhares de vezes, de um modo quase insuportável (p.120).

Schreber foi inventando algumas soluções para lidar com essa imposição da linguagem e todo esse ruído de *lalíngua*. Nos conta: “a tagarelice desvairada das vozes que falam comigo fica abafada” (Ibid. p.121) enquanto tocava piano. Um “fenômeno interessante” (p.157), que ele chama de “desenhar”, no sentido da língua das almas, também surge. Diz ele: “no martírio

que me era proporcionado pelo falatório idiota das vozes, esta capacidade (do desenhar) muitas vezes, quase a cada dia e a cada hora; constituía para mim um verdadeiro consolo e um real refrigério” (p.158). Esse recurso também o permitia reproduzir os “quadros” das recordações que estavam em sua memória. Vendo essas imagens, os raios lhe penetravam sem a violência destrutiva peculiar deles. Tanto no caso da paciente da oficina, quanto no desenho de Schreber, são usados recursos concretos como escrever ou desenhar para lidar com fatos da história de vida deles.

Além desses recursos, Schreber (1905) escreveu notas ao longo da sua vida e seu livro quando atingiu sua estabilização. Vai comentando, ao longo do livro, momentos que, durante a escrita, descobre e desenvolve algo sobre sua vida ou sobre seu delírio. Esses depoimentos nos ajudam a pensar o ato de escrever como uma forma de organização da lógica delirante do psicótico, a partir das colocações de Lacan (1955-56) e nos ajudam a pensar sobre o estatuto do ato de escrever para os psicóticos.

Laurent (1995) nos ajuda pensar a questão da escrita na psicose, pela qual podemos pensar, então, no psicótico mais como escritor do que poeta, tal como indicado por Lacan. Ele nos indica que “o sujeito psicótico escreve como o sujeito neurótico fala” (p.184). Exemplifica esse fato nos lembrando dos psicóticos muito reivindicadores, que se utilizam de dossiês, relatórios e queixas nas delegacias e nos hospitais psiquiátricos. O psicótico torna-se, assim, seu próprio secretário dispondo de um sistema de tomadas de notas, como vimos em Schreber. Esse sistema é tão substancial à psicose quanto o é o teatro interno no sujeito histérico. Por este fato, Freud notou o inconsciente exposto na psicose, e Lacan o inconsciente encoberto na neurose.

Mandil (2010) também nos ajuda a pensar sobre a escrita na psicose quando se pergunta como um sujeito, que não tem o recurso da metáfora, se defende do que é vivido por ele como invasivo. Responde que esse procedimento de defesa também pode ser acionado pelo nível da escrita. Portanto, vemos como escrever pode ser um recurso possível para lidar com o excesso. O autor diz ainda que a literatura pode acolher esses procedimentos e que, valendo-se da escrita, o psicótico pode, além de se defender dos aspectos enlouquecedores de sua relação com as palavras, estabelecer também um novo laço com o social, inclusive através da sua inscrição como escritor.

Um procedimento de escrita, enfim, que, apesar de não tomar a forma do inconsciente, pode, no entanto, cumprir a função de localização dos aspectos invasivos de sua relação com a língua, permitindo ao sujeito inscrever seu nome-próprio no campo social e também constituir para si um corpo passível de ser habitado (MANDIL, 2010, p.63).

Portanto, uma escrita - que não é a do inconsciente mas que tem valor de suplência- que possibilita drenar o ruído da fala a partir da construção de um texto e inventar um lugar no laço social e uma relação possível com o corpo.

. Mas, na medida em que a escrita do inconsciente na neurose comporta uma leitura correlata da possibilidade de interpretá-la, como vimos acima, Laurent (1995) coloca uma questão de suma importância para nosso trabalho, que nos interessa pensar a partir do que foi desenvolvido até este ponto. Trata-se de saber qual o lugar do psicanalista frente à produção escrita na psicose, já que a via da interpretação lhe é barrada.

Antes de pensarmos essa questão, é importante destacar que o psicótico pode prescindir do psicanalista – o que é diferente de prescindir do endereçamento – na realização de seu trabalho, tal como Schreber e Joyce o fizeram. Com essa interrogação não pretendemos situar o analista como imprescindível, mas tentar cernir, a partir do que esses dois escritores nos ensinam, qual o trabalho possível a se fazer. De qualquer modo, um impasse já se coloca, pois os escritos dos psicóticos não estão ali para serem analisáveis, trata-se de objetos inanalísáveis, o que localizamos a partir da indicação de Lacan (1972-73) de que um escrito não é para ser lido. Miller (2012) considera este um estatuto extremo do escrito, que indica que há algo mais ou algo distante do que significativo.

Segundo Laurent (1995), Lacan indicou que a posição do psicanalista é a mesma que teve Freud frente ao texto de Schreber: a de introduzir o sujeito como tal, que significa não avaliar a psicose em termos de déficit, mas em termos da própria lógica do inconsciente. Assim, é pela via de tornar-se secretário do alienado O que não é simplesmente tomar notas, mas introduzir o sujeito no texto do psicótico e ordenar a produção que irá manifestar-se no tempo.

Avançando ainda mais, Laurent (1995) indica que introduzir a categoria de sujeito no texto do psicótico é valorizar a literatura como ficção, mas ficção não no sentido de fantasia, e sim como uma estrutura de distribuição do gozo.

Assim, a introdução da categoria de sujeito pelo psicanalista leva, em primeiro lugar, a considerar o texto do psicótico como ficção e distribuição de gozo e, em segundo lugar, a valorizar essa função do texto não como uma exibição de identificações, mas, propriamente falando, como um esvaziamento do gozo (Ibid. p.189).

Neste ponto, há uma indicação precisa sobre a relação da escrita com o corpo na psicose. Nos parece que, escrevendo, algo pode ser feito com o gozo que não se condensou sobre a forma do objeto *a* extraído do corpo, como vimos no capítulo anterior. Assim, pode-se dar um destino ao excesso de gozo de *lalíngua*, que não se inscreveu no aparelho psíquico não escoou

pelos riachos sulcados na terra e que continua assolando tanto o corpo quanto os pensamentos, por exemplo, sob a forma de um retorno a partir de fora. Escrevendo, pode ser possível drenar a fala atordoante no texto. Laia (2001) indica que o escrito, tal como acontece em Joyce, pode dar corpo às palavras e, lançando-o para fora de si, veicula o gozo e uma satisfação localizável na própria trama da escritura.

A proposição da escrita na psicose por uma lógica do esvaziamento nos é valiosa para articular as questões da escrita e do corpo nas psicoses. Em um estudo sobre as relações com o corpo nessa estrutura, Muñoz et al (2014) afirmam que a experiência desses casos exige a fabricação de meios particulares para se arranjar com o corpo. É preciso encontrar uma “chave de localização” que oriente o sujeito e seu corpo no mundo, e lhe confira uma integridade corporal. Os autores apontam a escrita como um saber-fazer com o que se desregula nesses casos, na medida em que esse recurso é capaz de articular restos da língua que requisitam o corpo. O texto, assim, possibilita delimitar um espaço vazio, produzindo uma borda e um escoamento do que é vivido como excesso.

Deste modo, a lógica do esvaziamento é crucial para se pensar um trabalho feito pelo psicótico frente à sua relação com a linguagem e com o corpo. Isso implica pensar o lugar do psicanalista na clínica com a psicose como um lugar possível de se instalar, desde que seja o de uma aparência de furo que o sujeito tenta produzir em seu delírio, lugar que visa que a letra como lixo venha a se perder. Portanto, na função de secretário do alienado na análise, no que concerne ao texto do psicótico, não se toma simplesmente notas, mas tem-se a função eminente do secretário, a de expedir as cartas que remete a despachar as letras, livrar-se das letras, como disse Lacan no seminário sobre Joyce (LAURENT, 1995). Veremos a seguir um ponto a mais possível na posição do analista frente ao texto do psicótico.

### **3.8 Endereçamento, publicação e circulação: a escrita em André Gide e Schreber**

Neste momento, trataremos das questões sobre o destinatário de um texto e a publicação a partir do escritor francês André Gide e do presidente Daniel Paul Schreber. Apesar de não se tratar de um caso de psicose, o estudo de Lacan a respeito de Gide vai nos ajudar a pensar o caráter material de uma letra/carta e esse lugar do psicanalista indicado por Laurent (1995) diante da produção escrita dos psicóticos.

Em seus *Escritos*, Lacan (1958) destina o texto *A juventude de André Gide ou a letra e o desejo* para falar sobre esse escritor. Nele, trata da questão da letra em sua materialidade e de sua função para além da transmissão de uma mensagem. Gide chamou a atenção de Lacan,

sobretudo para pensar a respeito de seu estilo literário no que se refere às cartas por ele escritas e a função que elas tinham em relação à economia de gozo, ponto que acrescenta neste trabalho.

Miller (2015) nos diz que, nesse texto, Lacan não tratou do escritor francês como uma resenha exaustiva de um caso clínico, mas antes, como uma demonstração sobre o que ele considera ser o problema das relações do homem e da letra. Assim, o texto *A juventude de André Gide* (1958) é o terceiro texto, seguido de *Seminário sobre a carta roubada* (1956) e de *A instância da letra* (1957), que completa esse estudo da letra, pelo viés da correspondência, textos nos quais Lacan se colocou eminentemente a questão do destinatário, o que nos interessa bastante neste item.

Lacan (1958) comenta longamente o livro que o psiquiatra e escritor Jean Delay fez sobre Gide. Com seu livro, Delay destacou um novo gênero na literatura: a psicobiografia, no qual as notas escritas por um autor reaparecem como parte integrante da obra deste. É esse material que se usa no livro em questão: notas pessoais de Gide, trechos inéditos do diário, caderno de leituras, correspondências com sua mãe e com sua esposa e cartas inéditas. A aposta lacaniana é a de que Delay seria o destinatário dos escritos de Gide, mesmo que estes fossem escritos nominalmente à outra pessoa, pois nesses escritos havia uma preocupação de Gide com sua mensagem, mas havia desde sempre, uma preocupação com a sua biografia. Era claro o endereçamento de Gide a Delay, o que lhe fez dar a matéria que iria satisfazê-lo. “É de fato ao biógrafo que elas (as notinhas) são endereçadas e não a qualquer um” (p.754).

Segundo Jimenez (1993), o escritor encaminhou ao seu biógrafo uma série de “pequenos papéis” entre diários, notas, cartas e rascunhos. Nesse caso, há uma pergunta dirigida ao “Outro” e Gide, ao contrário do que veremos em Schreber, endereça essa questão a um Sujeito Suposto Saber. No entanto, mesmo colocando seu psicobiógrafo nesse lugar, há uma diferença entre a obra escrita de Gide e um processo de análise, em que o analista é suposto saber, na medida em que neste caso aparece somente a via para o Outro, que é instalado a decifrar seu enigma, mas sem volta na direção do sujeito. Lacan (1958) diz que a psicanálise só se aplica como tratamento a um sujeito que fala e que ouve. Mesmo assim, as cartas de Gide não deixam de nos ensinar sobre o endereçamento na neurose.

Lacan (1958) aponta ainda que as cartas de Gide endereçadas à sua esposa Madeleine tinham uma função importante na sustentação desta relação conjugal, função que só se esclarece depois de um momento fatídico, em que ela, tomada por uma “fúria provocada pela única traição intolerável” (p.772), queima as cartas que lhe eram endereçadas. Havia uma dissociação entre amor e desejo em Gide, na medida em que Madeleine era objeto do amor, numa relação

desencarnada, e os garotos mais novos objetos de desejo de uma escolha homossexual declarada.

Madeleine, ao ficar tomada de ciúmes de um único rapaz, tem um ato de “uma verdadeira mulher em sua inteireza de mulher” (Ibid., p.772) queimando as cartas que portava. Isso fez Gide viver um momento de luto pela perda do que ele proclamava ser o mais precioso legado que deixaria à posteridade, e o fez ter uma retirada de seu desejo da relação conjugal. Este último ponto põe em evidência a natureza de fetiche que as cartas tinham para ele, elas sustentavam o laço amoroso entre ele e a esposa, como indica Lacan (1958).

Mandil (2003) pontua que neste texto de Lacan, assim como no *Seminário sobre a carta roubada*, a letra, ou carta, se situa num nível distinto da função mensageira, como ficou claro. Em sua dimensão de materialidade, a carta/letra cumpre uma função também sexual na relação de Gide com Madeleine: a função de fetiche. Deste modo, a carta veiculava algo mais do que uma mensagem: elas eram veículo de gozo.

No caso de Schreber (1905), a ideia de publicar suas *Memórias* não era um objetivo colocado desde o início, ela foi sendo tecida ao longo da escrita de seu trabalho, como diz ele no prólogo de seu livro (p.20). Mesmo avaliando as objeções que se opõe a uma publicação, o ato de publicar se impôs a ele pois lhe parecia ser valioso para a ciência e para a religião possibilitar, ainda durante sua vida, observações aos profissionais sobre seu corpo e sobre seu destino. Na carta aberta destinada a Flechsig, no início do livro, ele disse: “Tenho a inamovível certeza de que disponho, neste domínio, de experiências que – uma vez obtido o reconhecimento geral de sua exatidão – poderiam atuar da maneira mais frutífera possível sobre o resto da humanidade” (p.22).

Podemos notar que houve um *endereçamento* claro à comunidade científica e a seu médico e que isso o possibilitou *publicar* seu texto: com a *circulação* de seu livro, ele almejava ser *reconhecido*. Lacan (1955-56) nos diz que, apesar da suficiência que o louco tem de seu próprio mundo e de sua autocompreensibilidade, não devemos cair na ideia de que ele não tenha a necessidade de ser reconhecido pelo outro. Uma visão desse tipo fica próxima de uma leitura que pode ser feita de Freud de que, devido ao desligamento da libido dos objetos e um retorno dela ao eu, não haveria transferência possível na clínica com a psicose. Vemos o quanto isso não se sustenta e o quanto essa é uma visão equivocada. Lacan (Ibid.) afirma que não podemos dizer que o louco vive sem o reconhecimento do outro.

Schreber nos prova isso em seu testemunho aberto delirante, já que se trata de um “discurso publicado” (LACAN, 1955-56, p.96) que almeja chegar ao leitor. Se ele escreve sua obra enorme é para que ninguém ignore o que ele sofreu, e para que os especialistas verifiquem

os fenômenos que foram vividos e sofridos por ele. Isso se propõe justamente como um esforço para ser reconhecido, afirma Lacan (Ibid.).

Neste ponto, aproximamos as ideias de *transferência e endereçamento* com as de *publicação e reconhecimento*. Logo, percebemos uma diferença da psicose em relação ao neurótico no que concerne a estes pontos, visto que Schreber revela algo que ele tinha a completa certeza de ter vivido, não havia sombra de dúvidas para ele e sim uma certeza “inamovível” a respeito do que ele quis transmitir a seu leitor. Ou seja, o saber estava do seu lado e a transferência não tinha como motor o sujeito suposto saber.

Em seu livro, houve ainda um esforço de transmissão de algo muito singular vivido por ele: a invenção da *língua fundamental*. Essa língua exposta na psicose, que vinha de fora, pôde ser escrita por Schreber e ainda traduzida a seu leitor. Com seu livro, houve a possibilidade de tradução dessa língua particular para uma língua mais pública, inserindo-a no discurso e fazendo circular essa invenção dele.

Estes pontos nos ensinam muito sobre o lugar do psicanalista na clínica com as psicoses. Lacan (1955-56) nos fala da função de *secretário do alienado*, em que, não só devemos passar por seus secretários, mas também tomar ao pé da letra o que o louco nos conta. Nesse sentido, a escuta de um testemunho de uma relação com a linguagem extremamente singular e original do psicótico e a acusação de seu valor, tornam-se ferramentas princeps nessa clínica, visto que não é do lugar de quem sabe que se ouve. Ou seja, Schreber nos ensina o lugar que devemos ocupar: o de ouvir o delírio e acusar recebimento dele, justamente o lugar nomeado por Lacan como o de secretário do alienado.

No entanto, com o seu testemunho delirante exposto na forma de um livro de “caráter completo, fechado, pleno, acabado”, como descreveu Lacan (1955-56, p.95) e com a carta aberta destinada a Flechsig, Schreber nos ensina algo mais sobre a posição do analista: a de ser um lugar de endereçamento esvaziado de saber, a partir do qual o psicótico pode se desfazer de um papel escrito, de um objeto. Com um texto escrito num papel ou com um texto publicado, há a cessão de algo, uma perda de gozo nisso, proporcionando, algum alívio para o sujeito. Schreber nos ensina, como disse Laurent (1995), a nos colocarmos num lugar de furo que possibilite que a letra como lixo venha se perder; que um texto, endereçado, possa ser entregue e cedido. Esse ponto será crucial para pensarmos o meu lugar na oficina de jornal no Caps a partir da lógica de um esvaziamento.

Com a passagem de uma língua particular para uma língua mais pública endereçada ao leitor, Schreber ainda nos ensina sobre a transferência e o endereçamento nas psicoses. No livro *As psicoses ordinárias* (BATISTA e LAIA, 2012), indica-se que a oferta do psicanalista ao

psicótico pode instituir uma nova forma de demanda, ou seja, uma nova forma de transferência, chamada de “neotransferência” que possibilita a criação e o uso de uma “*lalíngua* de transferência” (p.156). Essa ideia parte da constatação, que também tivemos aqui, de que o par *sujeito suposto saber-transferência* funciona de outra maneira nas psicoses, pois não é o sujeito suposto saber que motiva a transferência nessa clínica, já que o saber está sempre do lado do psicótico. Deste modo, para tratar das psicoses, se propõe o par *lalíngua-transferência*, entendendo que é *lalíngua* que motiva a transferência “como um novo artefato para tecer o laço social” (Ibid. p.174).

Neste sentido, “*lalíngua* de transferência” é “uma cadeia significativa de *lalíngua*, fora de sentido, que aparelha o gozo, desenhando um percurso que vai do simbólico ao real” (p.162). A questão do saber do analista se transforma, assim, na questão de um aprender. “É porque o analista supõe ao psicótico um saber-fazer com a língua que ele se presta à sua aprendizagem, e que, graças ao desejo do analista, esse saber já posto no psicótico poderia se elaborar, então, como elucubração de saber sobre *lalíngua*” (p.169).

Um exemplo dado nesse livro é o caso de uma garotinha que falava a *língua Donald* com seu analista, onde ela matraqueava “quack” de várias maneiras: uma criação languageira muito particular dela que encarna *lalíngua*. O analista, que nada entendia, pôs-se a inventar e ir aprendendo essa língua junto com ela e, com a homofonia entre “quack” e “quatro”, uma palavra foi criada: “quacktro e dez”, o que causou risos na menina. Essa invenção no atendimento foi introduzindo uma “*lalíngua* de transferência” para forjar o laço social. Um recurso que permite ao significante fazer signo – e não ir pelo sentido – de algo que está fora do sentido, criando uma onomatopeia, um traço, por exemplo. Uma “*lalíngua* do som” (p.160) foi criada. Em Schreber, há uma passagem dessa língua fundamental, que não servia ao diálogo, para uma língua compartilhada com seus leitores a partir de seu testemunho aberto, o que lhe possibilitou ir tecendo um laço social.

Deste modo, vemos no caso do presidente, que ele organiza seu delírio pela escrita, tal como Lacan (1955-56) indicou sobre os delirantes, e que ele visa transmitir ao leitor o que viveu sobre sua experiência, traduzindo sua língua particular, ao mesmo tempo em que se desfaz de um objeto acabado na forma de seu livro. Há um trabalho com as duas dimensões de uma carta/letra em Schreber: a de mensagem a ser transmitida e a de lixo a ser descartado.

Mandil (2003) localiza uma imagem na obra de Joyce que melhor figura a relação entre letra e lixo, ou seja, entre uma carta e um fragmento de lixo que tem a ver com a publicação. A cena se encontra no episódio dez de *Ulysses* e nos servirá muito para pensar a respeito da

publicação e do endereçamento na clínica das psicoses e, sobretudo, do destino dos textos produzidos na oficina de jornal.

Na cena, um padre pede a um jovem que deposite uma carta sua na caixa do correio. Retira a carta do *peito* e entrega ao rapaz, fazendo um alerta para que este não acabasse postando a si mesmo. A carta, então, é depositada pelo rapaz dentro da caixa, como se jogasse um lixo na lixeira. A semelhança entre a caixa e a lixeira aproxima o ato de postagem ao ato de atirar, no lixo, objetos que não servem mais. Outra questão a destacar é a aproximação da dimensão-lixo da carta com as partes do corpo, pois o padre a tira do peito e não do bolso e alerta o rapaz para não ser tragado para dentro da caixa (MANDIL, 2003).

Neste fragmento de *Ulisses*, a carta surge como objeto destacável, e é assim que se recomenda que seja, pois a imagem de sua continuidade com o corpo acabaria por levar a uma queda, a um mergulho para dentro do lugar onde esses objetos são atirados (Ibid. p.44)

Lacan (1972-73), no *Seminário 20*, ao falar de seus *Escritos* – que não são para serem lidos – cria um neologismo que aproxima o ato de publicação com o ato de jogar, numa lixeira, objetos que não servem. Ele inventa uma palavra que é traduzida em português por “publixo” (p.32). Esse termo nos ajuda muito a pensar na relação da publicação de um escrito com a ação de ser desfazer de restos.

Na literatura vemos alguns exemplos dessa aproximação, e foi justamente a partir dela, que Lacan foi desenvolvendo seu conceito de letra. O poeta brasileiro Manoel de Barros (2015) parece fazer de suas poesias um modo de lidar com a letra, na medida em que ele trabalha com o que não tem serventia, com trapos e objetos sem importância para a civilização. Apostamos que se trata de um saber-fazer com os restos, dando-lhes um destino. Vejamos este texto:

(...)  
Cada coisa sem préstimo  
tem seu lugar  
na poesia ou na geral

O que se encontra no ninho do João-Ferreira:  
caco de vidro, garramos,  
retrato de formatura,  
servem demais para poesia

(...)  
Tudo aquilo que a nossa  
civilização rejeita, pisa e mijá em cima  
serve para poesia

(...)  
O que é bom para o lixo é bom para a poesia

(...)

As coisas sem importância são bens de poesia (BARROS, 2015, p. 45-47)

Manoel não estava interessado no sentido e na compreensão de seu texto. Em uma rara entrevista dada para um documentário<sup>9</sup> sobre ele, falou que sua “poesia não é para compreender, poesia é para incorporar”. Aqui vemos uma escrita que não passa pelo sentido, mas que se interessa pelo caráter material da letra e por um saber-fazer com isso.

Como vimos, esse caráter da letra, que é pensada como distinta do significante, foi se destacando cada vez mais ao longo do ensino de Lacan e permite, segundo Mandil (2003), apreender a circulação dessa substância, dessa materialidade à qual vai sendo gradativamente associada por Lacan ao gozo.

Assim, podemos pensar na publicação de uma carta ou de um texto como possibilidade de se desfazer da letra, fazendo-a lixo, ou seja, na circulação dos textos vemos um modo de veiculação do gozo, como foi visto nos casos acima. Podemos, deste modo, pensar a escrita e a publicação a partir de uma aproximação com as questões do corpo, na medida em que se trata de um fazer que produz algum alívio, e retira um excesso que acomete o corpo do psicótico, corpo assolado pela presença do objeto não destacado.

Apostamos, a partir de Jimenez (1993), que, mesmo se diferenciando das conquistas obtidas ao longo de um processo de análise, toda obra literária pode ser da ordem do *sinthoma*. Deste modo, não somente na psicose, mas senão em toda estrutura, a arte poderia funcionar como esse quarto elemento que enoda o nó borromeano a quatro, já que o nó de três sempre fracassa. E que o psicanalista não é apenas secretário do alienado, na medida em que ele é apontado por Lacan (1975-76) como um *sinthoma*, cuja função é articular os registros.

Veremos a seguir como a escrita, a publicação e o endereçamento na obra de Joyce tiveram uma função para ele, que não passou pelo sentido e pela transmissão de uma mensagem. Veremos como Joyce fez da letra, dejetivo, apagando cada vez mais a dimensão mensageira em sua obra.

### **3.9 A escrita do corpo em Joyce**

O *Seminário 23, O Sinthoma* foi todo construído a partir das inquietações de Lacan a respeito do escritor James Joyce. Lacan (1975-76) nos conta que cruzou com Joyce pela primeira vez em uma livraria em Paris quando tinha apenas dezessete anos. Além de ser um

---

<sup>9</sup> *Só dez por cento é mentira* (Pedro Cezar, 2008, 76 minutos)

leitor assíduo da obra joycena, lia também os inúmeros trabalhos dedicados a desvendar os enigmas de Joyce, o que lhe fez acumular uma pilha de livros desse caráter. No entanto, a leitura lacaniana situa-se num lugar diverso da dos comentadores que se ocupam de Joyce, tal como este profetizou que ocorreria. A leitura de Lacan não se situa a partir do lugar de professor ou de universitário, sua leitura é como analista, retirando da obra de Joyce o que se pode aprender sobre a psicanálise.

Vieira (2007) nos diz que quando Lacan se pergunta “Seria Joyce louco?”, ele não visa decifrar Joyce, mas sim o modo como ele cifra. Portanto, sua preocupação é clínica e o faz ler Joyce como quem busca a singularidade do caso e aposta no que se escreve como solução, fazendo dele um caso clínico. Deste modo, não busca a patologia no texto, mas o *saber-fazer* joyceano quanto ao desafio, que é de todos os seres falantes, de fazer com que a vida caiba no que pensamos e sentimos. E aí que situamos a delicadeza de Lacan na sua leitura de Joyce, a partir da qual ele trata da escrita como uma ferramenta clínica importante.

No *Seminário 23*, Lacan vai analisar a relação entre corpo e escrita em Joyce. A questão que se coloca no último capítulo, “A escrita do ego”, é sobre o que escrever significa para Joyce especialmente. A partir dela, conclui-se que a escrita de Joyce tem a ver com seu *ego*, pois o que chamamos correntemente de ego tem um papel muito diferente nele (LACAN, 1975-76). Esse dado tem suporte numa confidência feita no livro *Retrato de um artista quando jovem*, escrito por Joyce em 1916 (JOYCE, 2014).

Trata-se de uma cena, pinçada e trabalhada por Lacan (1975-76), em que o personagem Stephen, o Joyce que Joyce imagina, leva uma surra de seus colegas e é jogado contra uma cerca de arame farpado:

Ele (Stephen) se perguntou por que naquele instante não guardava nenhum rancor em relação aos que o haviam atormentado. Não tinha esquecido um detalhe da covardia e da crueldade, porém a memória não evocava sentimentos de raiva (...) ele tinha sentido que algum poder o destituía da raiva recém tecida *como a fruta é destituída da casca macia e madura* (JOYCE, 2014, p.98-99, grifos nossos).

Lacan (1975-76) comenta que quando Joyce/Stephen se pergunta o que lhe fez não guardar rancor depois desse evento, este, para exprimir-se, metaforiza sua relação com o corpo, constatando que seu corpo se esvaiu “como uma casca”. Este fato evidencia uma relação peculiar de Joyce com seu corpo- relação que já é imperfeita em todos os seres humanos e nos faz pensar sobre a imagem confusa que temos do nosso corpo-, imagem que comporta afetos. Nesse caso, ele testemunha algo diferente, pois não goza de forma masoquista no momento da

surra, não há afetos, só houve uma reação de repulsa a seu próprio corpo, alguma coisa que foi largada como uma casca.

Ter uma relação com o próprio corpo como estrangeiro é possível a qualquer um pelo simples fato de usarmos o verbo “ter” para nos referirmos ao nosso corpo. Temos um corpo e não somos um corpo. No entanto, a forma como Joyce *deixa cair* a relação com o corpo parece muito suspeita a Lacan (1975-76). Nele, não há um ego dito narcísico que suporte o corpo como imagem e sim algo distante de uma ideia de si como um corpo. Por esse motivo lhe parece que o ego tem uma função muito particular para Joyce.

Um outro exemplo dessa relação do corpo como estrangeiro é contada por Joyce (2014) no momento em que Stephen sofre injustamente a palmatória dada por um padre em seu colégio interno:

Uma pancada quente ardida e dolorida como o estalar de um graveto quebrado fez a mão crisar-se como uma folha lançada às chamas: e com o som e a dor lágrimas escaldantes encheram-lhe os olhos. Todo o corpo estremeceu de temor, o braço começou a tremer e a mão crispada ardida e pálida tremia como uma *folha solta no vento*. (...). Pensar naquelas mãos feridas e inchadas pela dor de repente *fez com que sentisse pena delas como se não pertencesse a ele mas a outra pessoa* que houvesse despertado um sentimento de pena (p.60-61, grifos nossos).

Salta aos olhos de qualquer leitor que tenha experiência com a clínica das psicoses como, durante as páginas de *Retrato do artista*, Stephen vive uma experiência psicótica em relação ao seu corpo, à linguagem e aos outros. Além desses momentos de vivência do corpo como estrangeiro, ele confessa inúmeras vezes como, mesmo ao estar com colegas, não fazia laço com eles e não se sentia pertencendo a um grupo, como vemos nestas passagens: “O barulho das crianças brincando irritou-o e aquelas vozinhas estupidas fizeram-no sentir (...) que *era diferente dos outros*. Ele não queria brincar” (p.77, grifos nossos); “Não tinha conhecido nem o prazer da companhia de outros nem o vigor da saúde masculina e rústica nem a devoção filial. Nada animava as profundezas de sua alma além de uma luxúria fria e cruel desprovida de amor” (p.115). Nessa última passagem, podemos ainda incluir a impossibilidade de se situar na partilha sexual e as questões de filiação, questões que não temos a pretensão de explorar.

Quanto à sua relação com a linguagem, esta é sentida por ele como um *parasita falador*: as falas são impostas; o ruído e o barulho o invadem de forma atordoante e a escuta de algo como alucinações auditivas na forma de vozes não deixam de ser narradas. Ele encontrava pequenas soluções para esses fenômenos.

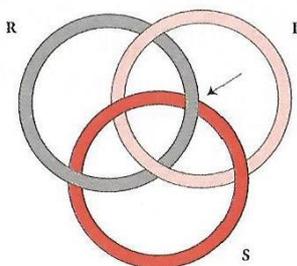
Lacan (1975-76) se pergunta como todos nós não sentimos que as falas de que dependemos são todas impostas e o porquê de um homem normal não perceber que a fala é um

parasita, um câncer pelo qual o homem é afligido. Joyce nos dá uma suspeita de que há quem chegue a senti-lo, pois, no que concerne a fala, alguma coisa lhe era imposta. Ao longo de sua obra, é difícil não ver uma certa relação com a fala cada vez mais dessa maneira. Vejamos outra cena vivida por Stephen:

Apoiou os cotovelos na mesa e fechou e abriu a concha das orelhas. Ouvia o barulho do refeitório toda vez que abria as conchas das orelhas. Era um rugido como o de um trem noturno. E quando fechava as conchas o rugido era abafado como um trem ao entrar no túnel (...) era bom ouvi-lo rugir e parar e depois rugir outra vez na saída do túnel e depois parar (JOYCE, 2014, p.15).

Além desses fenômenos, há ainda muitos momentos em que Stephen não se reconhece e vive uma indiferenciação entre ele e o outro: “Mal conseguia reconhecer os próprios pensamentos como sendo seus, e repetiu devagar para si mesmo: - Eu sou Stephen Dedalus. Estou caminhando ao lado do meu pai Simon Dedalus” (p.111). Foi preciso dizer seu nome para se reconhecer.

A partir desses dados clínicos, sobretudo pela cena da surra, Lacan (1975-76) supõe, então, que há um erro no nó de Joyce, que não se trata de um nó borromeano. Supõe que, em seu caso, a rodinha do Simbólico passa por cima da rodinha do Real, ao invés de passar por baixo como seria na imagem abaixo.



Lacan (1975-76) descreve que, quando o S passa por cima do R, como ocorre na imagem a seguir, o anel do I fica solto e, desse modo, ele pode cair fora, se soltando dos outros dois anéis. O imaginário, “ele desliza, exatamente como o que acontece com Joyce depois de ter levado aquela surra. Ele desliza, a relação imaginária não acontece” (p.147). O nó de Joyce rateia, mas há, depois, um artifício de correção desse erro. Na próxima imagem vemos, então, o erro e a correção dele.

Em Joyce, o real estava unido ao simbólico e o imaginário solto. Mas, por uma espécie de *broche*, que seria o ego, o imaginário fica preso e real e simbólico se unem de novo. O ego – quarto elo que faria uma amarração – seria o *sinthoma* de Joyce (JIMENEZ, 2014).

O que Lacan (1975-76) supõe como *sinthoma* é marcado por uma rodinha que se produz no exato lugar em que o traçado do nó sai errado. A escrita passa a ter uma função importantíssima em relação a esse erro. Conclui-se que há em Joyce uma correção do que não enoda borromeamente o imaginário, justamente, pelo artifício de escrita. É por esse artifício que Joyce recompõe o nó borromeano e, por isso, a escrita é essencial ao seu ego. No que Joyce escreve, ele passa sempre por uma relação de enquadramento, que está ligado ao estofo mesmo do que ele conta. Isso lembra as rodinhas do nó que também são suporte de algum enquadramento.

Mandil (2008a) nos fala que nas análises que Lacan faz de James Joyce, das ocasiões em que o seu corpo é convocado a responder como consistência imaginária, ele mostra que algo desliza como a casca de uma fruta, sob a forma de um *deixar cair*. O que faz Lacan concluir que a ideia que Joyce tem de si como um corpo encontra suporte e sustentação na escrita e não no corpo como imagem. A partir da escrita, ele inventa um modo de amarração de seu corpo.

Portanto, para Mandil (2008b), a função da arte, para Joyce, tem o objetivo de lhe conferir algo da dimensão corporal. A relação dele com a imagem corporal é da ordem de uma tessitura, de um texto, mais do que de uma relação de apropriação de um reflexo no espelho, como o esquema óptico nos demonstra. O acento, portanto, está colocado sobre um *corpo-texto* e não sobre um *corpo-reflexo*, nos diz o autor, é a escrita que tece seu corpo.

Laia (2001) pontua que em Joyce, a obra situa-se como uma tessitura na qual o escritor organiza sua própria composição. Um meio pelo qual ele se aperta, se concerne como um nó, como algo que amarra e enlaça. Trata-se do irrepresentável ganhando uma certa inscrição, tal como vimos Lacan falar sobre a teia da aranha.

No texto de Joyce vemos uma fala que é quebrada, desmantelada, e, assim, acaba por ser escrita, dissolvendo a própria linguagem. Sem dúvida, há aí uma reflexão no nível da escrita. Lacan (1975-76) se pergunta se, por intermédio da escrita ao se decompor a fala que se impõe como tal, seria o caso de se livrar do *parasita falador* ou, ao contrário, de deixar-se invadir pela *polifonia da fala*.

Laia (2001), ao seguir bem de perto a obra de Joyce, texto por texto, nos indica que este modo joyceano de usar as palavras até obter a exaustão da linguagem não é um procedimento que se realiza desde os primeiros escritos, isso não se faz de repente. Foi uma conquista que foi se avançando aos poucos, ao longo da escrita de sua obra. De *Stephen Hero*, que precede o *Retrato do artista quando jovem*, a *Finnegans Wake*, houve um caminho de desgaste das palavras.

Sobre esse texto cada vez mais ilegível, Lacan (1975-76) nos aconselha lê-lo sem procurar compreendê-lo. Se é uma leitura que nos cansa, na qual não nos identificamos, ela o é na medida em que o sintoma de cada um de nós é a única coisa que nos interessa, e que o sintoma de Joyce não nos concerne em nada e não há chance de ele engancha em alguma coisa do nosso inconsciente. Esse autor parece ilegível e não nos evoca simpatia exatamente porque, talvez, seu ego tenha uma natureza muito diferente, como estamos vendo.

No entanto, Lacan (1975-76) diz que, se podemos lê-lo, é porque “sentimos presente o gozo daquele que escreveu isso” (p.161). Fala que esse gozo, essa gozação, é a única coisa que podemos pegar do seu texto. O que faz o leitor ficar fascinado diz respeito a esse gozo que o próprio nome de Joyce ecoa: uma relação com *joy*, o gozo (*jouissance*, em francês).

Mandil (2003) comenta que o texto de Joyce não requer uma leitura passiva, de consumo, mas faz o leitor trabalhar. Trata-se de uma obra que propõe regenerar a fala primitiva. Regenera-se o impacto traumático da linguagem sobre o ser falante, o que é a função de toda língua: adormecer o que há de enlouquecedor e impositivo na relação com as palavras. Trata-se de um texto entre a fala e a escrita.

Vieira (2007) se pergunta “como abordar uma escrita fora do sentido que, no entanto, se lê” (p.2). Para Lacan sustentar esse paradoxo, precisou aproximar a escrita de Joyce de um artesanato com a letra quando a definiu como a montagem de um nó. A entrada nesse texto não se dá pela via do sentido e da narrativa. Ela ecoa em nós algo anterior ao sentimento, ao sentido, o que chamamos de gozo. Partindo do gozo no texto, a porta de entrada a ele é indicada por Vieira (2007) como sendo pela letra: encontro entre som e sentido, matéria e ideia, como um litoral, que não é nem um nem outro.

Vieira (2007) resume que a crença no pai é um modo específico de estabilizar gozo e sentido, e que o delírio é um outro modo “padrão” para tal, como vimos. Mas Joyce mostra uma outra via, “nem neurótica, nem delirante que tira o gozo do lixo e o inclui na escrita sem esfacular o texto” (p.7). Um exemplo dado pelo autor é uma cena *do Retrato do artista*. Nela, os amigos do colégio interno perguntam a Stephen se ele beijava sua mãe antes de se deitar. Primeiro, ele responde que sim e, quando vê que todos riem, responde que não. No entanto, riem mais uma vez. Ele sente o corpo todo quente e confuso e se pergunta qual seria a resposta certa, sem encontrar nenhuma resposta padrão para isso (JOYCE, 2014).

Seria certo beijar a mãe ou seria errado beijar a mãe? O que significa um beijo? Ele erguia o rosto para dizer boa noite e a mãe abaixava o rosto. Isso era um beijo. A mãe pousava os lábios na bochecha do filho; os lábios dela eram macios e umedeciam-lhe a bochecha; e então ouvia-se um pequeno ruído: um beijo” (JOYCE, 2014, p.16).

Ele não podia se ancorar em uma significação compartilhada: o amor filial ou materno, a importância dos bons modos, por exemplo. Então, descreve a cena de forma mecânica e o beijo se apresenta como um barulho – o próprio som da palavra. Eles se unem ali pelo som, aleatório a um e a outro. A escrita da palavra gozo ‘beijo’ estabiliza o texto por se escrever como âncora, como ponto de basta, ela incorpora a voz ao texto e o que poderia ser perturbação, torna-se aliado. Podemos entender essa palavra como letra. Joyce evidencia, assim, uma ruptura com os sentidos prévios da cultura como base do laço entre mãe e filho; o sentido, nesse caso, é sustentado por um som (VIEIRA, 2007).

Mandil (2003) indica que a letra vai gradativamente preponderando ao sentido das palavras, tornando possíveis jogos entre sons e sentidos, como vimos no exemplo do beijo. Há, em Joyce, uma conexão entre som e voz, pelo procedimento de apagamento do sentido das palavras, ele acaba por produzir o isolamento da voz. Indo de *a letter* para *a litter*, Joyce faz com sua arte o que se espera do fim de uma análise. Então, segundo Laia (2001), no começo da obra joyceana,

As lâminas (de Joyce) são somente afiadas permitindo a Stephen descascar, da linguagem, o sentido, até encontrar a matéria fugaz corporificada no som das palavras e na modificação que esse som lhe impõe quando, repetidas até a exaustão, elas se encaixam uma nas outras” (p.59-60).

Mas nessa afetação pela corporeidade sonora, não se trata ainda de perpassar as palavras até atingir o seu osso, ou seja, até se deparar com esta outra materialidade que são as letras. É em *Ulysses* que o “corte das palavras fica afiado” (LAIA, 2001, p.67), em que Stephen se apresenta menos como “servo da linguagem” (Ibid.), e menos com o cansaço do servo e mais com a exaustão do próprio domínio das palavras, o que culmina em *Finnegans Wake*. Assim, as palavras tomam corpo no escrito e, lançando-o para fora de si, elas se evidenciam como veiculadoras de um gozo, de uma satisfação localizável na própria trama da escritura.

De acordo com Laurent (1995), podemos ver, com Lacan, como Joyce equivale- a partir de seu trabalho de escrita- *letter* e *litter*, letra e lixo, tal como se espera que ocorra num final de análise. O jogo de palavras joyceano no final de sua arte não produzia alívio no recalque dos leitores, tal como Freud anunciou ser uma das funções da arte, seu texto não permite ao leitor rir. No entanto, Joyce ria ao escrever *Finnegans Wake*. “Eis aí uma arte curiosa, que abole assim o prazer do texto, mas onde se aparelha o gozo do autor” (p.136).

## CAPÍTULO IV. <sup>10</sup> A ESCRITA NA CLÍNICA

### 4.1 O caso João: o uso de artifícios para regular o gozo que retorna no corpo

Este trabalho é fruto de questões trazidas por um caso que atendo há quase três anos em um Caps III. João me parece inventar algumas maneiras para localizar e esvaziar o excesso que o invade, o que nos possibilita, portanto, abordar as soluções frente ao acúmulo da libido no eu, e recolher alguns modos possíveis de dar contorno ao corpo e de aparelhar o gozo nas psicoses.

#### 4.1.1 Começo dos atendimentos

No começo, João narrava atos que se repetiam sem cessar: tentativas de se jogar de lugares altos, inúmeros acidentes de bicicleta e anunciava outros mais. Às vezes, chegava com partes do corpo engessadas. Não havia angústia em sua fala, pelo contrário, falava com um riso que me angustiava. Mas aceitava os atendimentos extras que eu propunha diante de alguma situação grave. Quando lhe perguntei como as tentativas de suicídio começaram, ele disse que foi após uma pergunta da irmã sobre como seria morrer, “aí eu tento para ver como é”. Notei que algumas falas ficam como um imperativo para ele, assim como algumas situações que o faziam agir sem nenhuma barra. Este dado clínico me alertou a ter muito cuidado com o que eu dizia e foi me orientando na construção do diagnóstico.

Foi assim por um tempo, até que ele me conta do acidente em que caiu e tem sua primeira convulsão. Me diz: “não fui eu quem me joguei, eu que cai”. Depois disso, ele pôde contar que não parava nos sinais e não dava pausas. Passado um tempo, alguma mudança aconteceu e ele conseguiu dar uma pequena trégua a isso, contando dos acidentes que via e dos que estava envolvido.

Houve algum trabalho quando o que era um puro ato, passa a surgir como “pensamentos” que o invadem. Com muita dificuldade, foi contando da grande fragilidade dos laços com sua família e da falta de um lugar nela. Foi localizando que pequenos desentendimentos o levavam às tentativas de suicídio, pois, nesses momentos, ficava tomado por um “pensamento” de se matar e “se pensa, precisa fazer”. Percebo que, ao me dizer sobre os pensamentos, João já faz algum intervalo e, em uma dessas ocasiões, pude indicar sua primeira internação, a que ele aceitou prontamente.

---

<sup>10</sup> Agradeço à Doris Diogo, à Nuria Munoz, à Giselle Falbo e à Bianca Bruno pelas contribuições na construção do caso João e da oficina de jornal.

Na internação, suas convulsões pioraram muito e só deram uma pausa a partir da intervenção de uma médica. Foi constatada uma síndrome genética<sup>11</sup> e, após a alta, me contou que sua mãe tinha dito que ele iria morrer caso tivesse muitas convulsões e que, então, ele pesquisou como fazer para tê-las e, assim, “parar tudo”. Pareceu ouvir um desejo de morte de sua mãe e responder a ele com ato. No Caps, as convulsões aconteciam quando era alvo de muitos olhares e nos momentos de voltar para casa, numa dificuldade em se separar. Esse ponto ficou claro quando disse que, para ficar longe da mãe, poderia fazer um “corte”, bastava pegar uma faca, o que me fez indicar mais uma internação.

Depois de um tempo, conheceu um grupo de jovens que, segundo ele, faziam cortes no corpo, tinham *piercings* e tatuagens. Não fez laço, mas, como um espelho, fez as mesmas coisas, sobretudo se cortar. As tentativas de se jogar/matar cessam, mas os cortes pioram. O curioso é que ele se corta no Caps, o que me colocava uma questão, pois seus atos pareciam endereçados.

Sua relação com o corpo, com a linguagem e com mundo me pareceu muito suspeita. Freud (1914/2006) e Lacan (1949; 1962-63) indicam como o sujeito e seu corpo são constituídos. Na neurose, com o recurso ao Nome-do-Pai, é possível passar de uma desordem pulsional, originária a todo ser falante, a um corpo unificado como imagem. Para tal, é preciso a extração do objeto *a*, que esvazia o corpo de gozo e o remete às zonas erógenas.

Já na psicose, o “*a* fica em seu lugar ao lado de *i(a)*” (LACAN, 1962-63, p.154), ou seja, não se separa do sujeito, sendo carregado no bolso, e, o que foi *fora*cluído, retorna no real. Isso imprime uma relação peculiar do psicótico com o corpo e com a linguagem. Com Freud (1911/2006), podemos ver na esquizofrenia, a partir da regressão da libido ao autoerotismo, os efeitos de despedaçamento corporal provocados pela ausência de fabricação de uma unidade e, na paranoia, a partir de uma regressão ao narcisismo, uma relação puramente dual com o semelhante, sem sustentação pelo Outro.

João não parece dispor de uma imagem unificada, de “uma ideia de si como um corpo” suportada pelo simbólico, muito menos de uma regulação do gozo no corpo. Pelo contrário, este faz retorno em seu corpo, que padece de uma fragmentação corporal. Os pensamentos passam a surgir como parasitas, retornam no real e lhe impõe um fazer sem mediação. Não há

---

<sup>11</sup> Uma variação muito rara da Síndrome de Klinefelter: ele possui três cromossomos X e um Y (XXXY) em um dos pares cromossômicos, ao invés de ter um X e um Y (XY), como o normal. Isso justifica sua alta estatura; cabeça, mãos e pés pequenos; as convulsões e a falta de caracteres masculinos, já que ele não produziu os hormônios que deveriam ser produzidos no início da adolescência. Mesmo com essa discrepância em sua aparência física, notada de longe por qualquer leigo, a família nunca tinha desconfiado de nenhum possível problema.

distância nem intervalo entre ele e a fala do outro, o que o leva a colar nos ditos e na imagem do semelhante.

Com seus atos, João não deixa de indicar que se trata de seu lugar como puro objeto dejeito, tal como Lacan (1962-63) falou sobre a passagem ao ato. Esta é descrita como momentos em que o sujeito se identifica de forma absoluta com o objeto *a*, não como objeto causa do desejo, mas como rejeitado, estando fora da cena. As convulsões e as quedas mostravam um *deixar-se cair*, um abandonar-se, onde seu corpo ficava “colado no chão” ou “ia embora no mar”, momentos em que ele dizia que ia “desmoronar”. Um corpo sem sustentação, que se esvai. Os cortes me parecem atos pelos quais ele tenta se livrar da presença desse objeto.

#### 4.1.2 O uso de artifícios

Por conta do excesso de cortes, ele ficou um tempo acolhido no Caps. Num dia em que ele se cortava muito, lhe mostrei uma frase, no jornal do serviço, escrita por uma usuária que dizia: “escrever é cortar”. Disse a ele que no Caps tinham pessoas que faziam cortes de outras maneiras, convidando-o a participar da oficina de jornal coordenada por mim.

Ao sair do acolhimento, ele participa pontualmente da oficina. A uma fala de saudade, responde: “não é porque está longe que não está junto” e pôde contar, pela primeira vez, que morou com sua avó, do falecimento dela e de quando foi morar com a mãe. Escreveu: “tudo na vida muda, é preciso se despedir e mudar”. Chorou por muitos dias pela perda da avó como algo recente, o que ocorrera anos atrás.

João nos indica que não houve separação entre ele e objeto, mas que ele está fazendo algum trabalho nesse sentido. Percebi que algo se desamarrou após a perda da avó. Na psicose desencadeada, a libido, desinvestida dos objetos, faz retorno ao eu (FREUD, 1911/2006), o gozo é deslocalizado e requisita trabalho.

João cria alguns recursos para dar contorno ao corpo, na tentativa de lidar com o excesso que o invade, o que consideramos pequenas “invenções” a partir de Miller (2003). Este nos diz que o esquizofrênico é obrigado a inventar seus recursos para poder usar o corpo e o faz sem um discurso estabelecido. João passa a vestir uma roupa de surf bem justa e luvas de academia nas mãos, nos momentos em que anunciava que ia se “estraçalhar todo”. Também passou a fazer exercícios físicos pelos quais “monta a base do corpo”.

Assim, diante do retorno do gozo no corpo, que lhe causa uma dispersão corporal, e dos “pensamentos”, que o atormentam, ele recorre a “artifícios” que lhe conferem algum contorno e aos cortes no corpo na tentativa de esvaziar o excesso. Além disso, à presença do outro, que

não é nada modulada, ele inventa alguma distância: em sua casa fica no terraço e, no Caps, conversa pelo lado de fora do muro ou fica de capuz.

Por um momento, parece que vai construir algum delírio ao falar que descobriu sobre “o início”: Lúcifer era um anjo que caiu do céu e que recebe as almas de quem se mata ou se joga. Mas isso não vai adiante. Parece que, por agora, não é pela via delirante, localizando o gozo no Outro (LACAN, 1966), que ele segue para dar conta de um buraco em sua história e de um retorno de gozo no corpo.

#### 4.1.3 A invenção de uma escrita

O convite à fala sem uma mediação começou a ser um problema na transferência. Percebo que falar passa a desestabilizá-lo, intensificando os “pensamentos”. Ele também passou a se cortar durante as consultas. Me questionei se seria o caso de interromper os atendimentos individuais, o que me fez recorrer a uma supervisão. Decidi por começar a escrever nas sessões, junto com ele, o que ele ia me contando: seus pensamentos, como ele estava, fatos de sua história e de sua doença, o que vou arquivando em uma pasta identificada com seu nome, que fica guardada no serviço.

A partir disso, ele vive um período de maior apaziguamento e pude perceber que, nos dias que escrevemos, ele se corta menos e consegue ir de forma mais regular ao tratamento, respeitando os dias de seu projeto terapêutico. Além disso, ele pôde ter um lugar no Caps, onde sua história fica guardada, pôde formular perguntas sobre seu lugar na família e passou a ter medo de algumas situações que o colocavam em risco, pedindo acolhimento para ficar mais protegido.

Lacan (1975-76) indica a escrita como um fazer que dá suporte ao pensamento, o que confere a Joyce algo da consistência corporal e que lhe permite atar o imaginário, que deslizou como uma casca de um fruto, aos demais registros, amarrando seu corpo. Laurent (1995) trata da escrita nesses casos como estrutura de distribuição e esvaziamento do gozo e que, na função de secretário do alienado, não se toma simplesmente notas, mas tem-se a função de ordenar a produção no tempo e expedir as cartas, que remete a despachar as letras.

Escrever com João, numerar as páginas, anexar outras folhas entregues por ele e anotar seus pensamentos têm sido recursos de mediação na transferência e que, em alguns momentos, lhe traz algum alívio. Frente ao retorno de gozo no corpo, ele não segue pela construção delirante, mas pelo que lhe proporciona contorno à dispersão do corpo e pelos atos como tentativa de esvaziamento. Parece que se automutilando foi localizando de alguma forma o

excesso de gozo. Forma grave, mas que lhe possibilitou algumas invenções: *piercings* e planos de fazer tatuagens, escrevendo seu nome na pele, e me ditando o que eu escrevo ou não com ele.

Percebo que, atualmente, a partir desse artifício de escrita nos atendimentos, ele tem conseguido circular mais pelo serviço, fazer amigos, desenhar com caneta no corpo, durante as consultas, ao invés de se cortar e se interessar por quem lê seu texto. Ele também recorre à sua pasta quando tem que lidar com outros profissionais do Caps, confirmando seu lugar naquela instituição. Recentemente, quando percebeu a quantidade de folhas que já tinham sido escritas, me disse: “esse é o maior texto que eu já escrevi”.

## 4.2 A oficina de jornal

Neste momento, contarei sobre o privilégio e também sobre os impasses de poder conviver semanalmente com psicóticos escritores em uma oficina literária e de produção de jornal que acontece no CAPS<sup>12</sup>. Neste breve relato, pretendo ressaltar a importância de oficinas terapêuticas na clínica com a psicose, e, no que se refere à temática dessa oficina em especial, tratar da função do ato de escrever e seus efeitos recolhidos um a um. Analisaremos também o meu lugar como um lugar de endereçamento, que possibilita dar destino ao texto desses participantes.

### 4.2.1 Começando a navegar: a escrita como solução singular

Em meados de 2015, a partir da minha inserção em um serviço de saúde mental – um hospital-dia – e de minha disponibilidade para a clínica naquele local, alguns usuários me fizeram o convite de retomar com eles uma oficina que havia sido interrompida há alguns anos: uma oficina de confecção de um jornal. Aceitei o convite e, com lápis e papel, iniciamos encontros semanais para escrevermos juntos. Eu não sabia como seria a oficina e nem o que sairia dali. Pega de surpresa, não tinha uma ideia prévia, tampouco um projeto formulado a ser posto em prática. Fui apenas acompanhando o que eles me indicavam e propunham e fui seguindo com eles.

Já havia uma oficina de escrita nesse serviço, então, eu me perguntava qual seria a especificidade desta atividade que estava iniciando e o que justificaria mais um grupo com o

---

<sup>12</sup> Esta oficina é coordenada por mim e por mais uma psicóloga, além de contar com a presença de estagiários que passam pelo serviço. Contudo, falarei mais do meu lugar e do que pude ir recolhendo nesse grupo.

mesmo fim: escrever. Percebi que nossa oficina tinha algo a mais: o fato de poder publicar os textos na forma de um objeto acabado e fazer com que eles circulassem, ou que eles simplesmente tivessem algum destino, cada um a sua maneira, mesmo os textos que não iam para as páginas do jornal, o que foi se construindo ao longo do tempo, como veremos.

O nome “Jornal” me remetia equivocadamente a algo próximo de um noticiário, mas fui percebendo que textos desse molde eram os mais raros. O que eles sugeriam entre si, e o que explicavam a cada participante novo que entrava no grupo, era que se pudesse escrever o que se tivesse vontade, o “tema” era “livre”, diziam. Esta característica mais literária fica notória pelo próprio nome do jornal proposto pelos usuários: *O bom navegante*. Esse nome foi inventado porque o serviço se chamava *Cais* – que não remete a uma sigla, mas simplesmente a *cais do porto* – um nome mais poético para textos que seguiam suas rotas singulares, rotas traçadas por cada usuário a seus próprios escritos. O interessante é que tinham um ponto de ancoragem: o nosso encontro semanal.

Assim, começamos a oficina, escrevendo livremente e escolhendo os textos que seriam digitados e publicados no jornal, que é lançado a cada três meses. Dessa forma, nos reunimos, os usuários começam a escrever e, à medida em que acabam, vão lendo para o grupo em voz alta seus textos. Geralmente, eles tecem comentários e discutem sobre o que ouviram ou falam de coisas da vida enquanto escrevem.

Com poucos participantes no começo, cerca de 5 usuários, a oficina de escrita e publicação do jornal foi sofrendo modificações importantes e aumentando seu número de escritores até chegar à configuração que tem hoje – por volta de vinte e cinco. No começo, quase todos os textos escritos eram publicados, parecia que eles escreviam sempre para a próxima edição a ser lançada. Um usuário, que há muitos anos tinha feito um curso de datilografia, se voluntariou desde o início a digitar os textos. Desde então, ele trata com afincamento esse trabalho que realiza duas vezes por semana com ajuda de estagiários.

Apesar das mudanças e reconfigurações da oficina até o presente momento, o que tem ficado claro para mim é que foi se criando um espaço, sempre no mesmo dia e no mesmo horário, que possibilita algum laço entre pacientes, na sua maioria psicóticos, que já tinham alguma relação com a escrita e com a leitura. Ali podiam tornar um trabalho, que já faziam de forma solitária, coletivo.

Deste modo, temos em nossa oficina tanto psicóticos que tem o delírio como um recurso de reconstrução do mundo, quanto psicóticos que não o tem. Percebi que o que faz aquele grupo, que foi ficando cada vez maior, se reunir, e o que ele tem em comum, é o fato de cada participante ter uma relação especial com a escrita e de se deixar levar pelo ato de escrever.

É comum os usuários recusarem o título de poetas quando alguém se refere a eles desse modo, como veremos no caso de Heitor. Parece até que eles sabem que o que se produz é uma escrita na loucura, que é diferente de uma escrita poética, apesar de haver muita beleza em tantos textos. Trata-se aqui do louco mais escritor do que poeta, tal como Lacan (1955-56) falou sobre o presidente Schreber, pois é uma escrita que privilegia menos a metáfora. Como indicou Laurent (1995), no texto do psicótico se valoriza a literatura não como ficção, não como uma exibição de identificações, mas como uma estrutura de distribuição do gozo, valorizando o texto como um modo de esvaziamento do que é vivido como excesso.

Vimos que na psicose, vive-se uma relação de exterioridade com a linguagem; que o gozo é deslocado e faz retorno desde fora, na medida em que não se condensou sob a forma do objeto *a* extraído do corpo; e que o modo de *saber-fazer* com o falatório de *lalíngua* não se dá a partir de uma escritura do inconsciente, como é feito na neurose. Assim, na psicose, não se trata de uma escrita que toma a forma do inconsciente, mas uma escrita em que predomina uma lógica do esvaziamento pelo uso da metonímia e de um *saber-fazer* com a letra e com restos da língua que atordoam a cada um.

É o caso de **Luísa** que, em sua primeira internação, diz que “perdeu a escrita”. Na oficina, ela passou a escrever frases pontuais, fazendo uma sessão de “haicais” para o jornal, nos quais conta pequenos momentos de sua vida.

Ou de **Augusto** que escreve toda semana sobre um time de futebol. Ele nunca escreveu sobre outro assunto, tanto que quando vai começar sua leitura, todos já sabem sobre o que ele irá falar. Uma vez, quando contou de uma partida em que o time havia perdido, um participante da oficina lhe perguntou se ele tinha ficado triste com o resultado do jogo, ao que ele respondeu, me surpreendendo, que não gostava muito desse time. Ficou claro que não é um time com o qual ele se identifica ou que tenha alguma relação particular, mas que, simplesmente, é um assunto que ele escreve.

O caso de **Marília** é de uma senhora esquizofrênica que, em todos os encontros, desenhava um quadrado grande numa folha em branco e abaixo dele escrevia seu nome. Em todos os encontros, fazia o mesmo desenho, há anos e anos. Certo dia, ela pôde começar a desenhar alguns traços dentro desse quadrado, enfeitando-o cada vez de uma forma diferente e pôde dizer ao grupo que se tratava de um “porta-retratos”. Marília parecia construir, assim, uma moldura que lhe proporcionava algum enquadramento e que lhe possibilitava escoar o gozo e, agora, ainda cobri-lo com uma tela, escrevendo sempre seu nome em baixo.

Como nos indica Greco (2003) trata-se de um trabalho que produz significantes a partir do gozo, num efeito de resposta ao real e não num efeito de significação. São escritas que privilegiam mais o caráter material da letra do que sua vertente de mensagem.

#### 4.2.2 Secretariando os textos

Em abril de 2016, o Hospital-dia se transformou em um Caps III, acolhendo, sobretudo, situações de crise, em paralelo aos cuidados diários com os casos de grave sofrimento psíquico. Assim, o número de usuários matriculados no serviço aumenta expressivamente a cada dia, do mesmo modo como o número de integrantes da oficina. Com mais participantes e com uma escrita mais regular e intensa, ficou inviável publicar tantos textos. Algumas questões, que já se colocavam para mim, ficaram ainda mais urgentes: todos os escritos teriam o mesmo destino? Percebi que alguns usuários se sentiam convocados a escrever e acabavam ficando angustiados com a publicação de seus textos no jornal, como o caso de Fabiana que veremos adiante, por exemplo. Perguntava-me, então, *o que eu faria com tantos papéis que se acumulavam e qual era o meu lugar diante deles.*

Com essas perguntas, recorri a uma supervisão e uma primeira torção aconteceu. Fui percebendo e acompanhando que cada usuário já tinha um trabalho e uma forma de dar destino aos seus próprios textos e que faziam trabalhos paralelos à oficina com seus escritos. Assim, pude ver com cada um seu modo de lidar com a escrita e de encaminhar seus papéis. Fiz uma pasta para cada participante e, a cada edição lançada, separei os textos que serão publicados e depois arqueei os que ficam comigo na pasta de seu respectivo autor. Isso proporcionou que algumas pessoas me procurassem para acessar seu arquivo, para usar algum escrito dali em outra atividade ou com outro objetivo que não o jornal, como faz Maitê.

Depois da criação das pastas, à medida em que o tempo passava, a cada encontro, ia surgindo alguma autonomia naquele grupo. Por exemplo, fui me deparando com os usuários já reunidos na sala da atividade, com as mesas e cadeiras já organizadas por eles, antes mesmo de eu chamá-los para começar a oficina. Vi que um trabalho de arrumação, que eu fazia sozinha, passou a acontecer coletivamente. Além disso, eles mesmos começaram a distribuir as folhas e canetas para quem quisesse escrever, sem que eu precisasse convidá-los para isso, como eu fazia antes. Assustava-me que, em pouco tempo, a grande maioria das folhas já estava repleta de escritos. Um dado se sobressai toda semana para mim: eles escrevem muito!

Fui percebendo que eles estavam cada vez mais prescindindo da minha presença e funcionando como uma equipe de redação, como eles passaram a chamar. Atenta a isto, fui me

recolhendo um pouco e continuei me deixando a aprender com aquele grupo. Entendi que o meu lugar era o de sustentar, a partir do meu desejo, que aquele encontro semanal pudesse acontecer naquela instituição.

Foi ficando cada vez mais claro que, no que se refere à produção escrita do psicótico, não se trata de um texto a ser lido e interpretado, como se faz na neurose. Lacan (1972-73) nos disse que um escrito, ele não é para ser lido. É preciso, segundo ele (LACAN, 1955-56), introduzir o sujeito no texto, assim como fez Freud com o livro de Schreber, tornando-se secretário do alienado. Isto quer dizer, não avaliar a psicose em termos de déficit, mas pela própria lógica do inconsciente. Nesse sentido, Laurent (1995) nos indicou que tornar-se secretário do alienado não implica simplesmente tomar notas, mas sim introduzir o sujeito no texto e ordenar, no tempo, a produção que vai se manifestando.

Assim, minhas intervenções situam-se a partir de um lugar de quem ouve as leituras atentamente, acusando recebimento junto com o grupo, sem interpretações delas. Além disso, tenho a função de ir organizando as edições do jornal, separando os textos nas pastas por cada período de publicação; analisando com cada um o que fazer com seus textos, secretariando os papéis, cartas, fotos, desenhos, que são produzidos na oficina e às vezes fora dela, mas que são trazidos ali – um trabalho de secretariar a produção escrita daquelas pessoas.

A concepção que Lacan foi aprimorando ao longo de seu ensino sobre a letra/carta como distinta do significante, portando uma materialidade, como um pedaço de papel, mais do que como uma mensagem a ser transmitida, é de suma importância nessa oficina para pensar o meu lugar nela e a função de circulação dos textos. Isso porque entendemos que a função eminente do secretário é a de expedir as cartas que remete a despachar as letras, livrando-se delas (LAURENT, 1995), e de que a circulação dos textos se aproxima da circulação dessa substância, da materialidade que Lacan associa ao gozo.

Esse ponto nos ajuda a pensar o meu lugar como destinatário desses textos. Estar atenta ao fato de que o saber está do lado do psicótico e poder ouvir não do lugar de quem sabe, possibilitou que eu ocupasse, na oficina, um lugar de endereçamento esvaziado de saber, a partir do qual os participantes podem me endereçar seus escritos. Assim, ao se desfazerem de seus papéis cobertos de escrita, deixando-os sob os meus cuidados, me dando trabalho para organizá-los, podem ceder um objeto, ter alguma perda de gozo e algum alívio, o que possibilita que a letra, como lixo, venha a se perder. A publicação, seja nas edições do jornal, seja na leitura ao grupo, nos aproxima da expressão “publixo” de Lacan (1972-73), que assemelha o ato de publicação de um escrito com a ação de jogar objetos pela lixeira, fazendo da letra, lixo; veiculando o gozo e produzindo alívio ao excesso que acomete o sujeito.

#### 4.2.3 Tecendo trocas: de *lalíngua* singular a uma *lalíngua* de transferência

Com o aumento de participantes do jornal, a sala tornou-se pequena. Foi preciso mudar para um ambiente maior, foi o que fizemos. No entanto, com a mudança de espaço, algo mudou no ritmo e na organização da oficina. A nova sala ficou muito ampla, tinha muitas informações: discos, livros, quadros, tintas, computadores. O grupo ficou disperso. Além disso, passamos a ser um grupo grande, entre 18 e 25 usuários por encontro.

Algo que já acontecia antes, passou a ser mais evidente: ficou difícil dos usuários ouvirem uns aos outros. **Renato** e **Sarah**, por exemplo, começavam a falar ou ler em voz alta de forma solitária no meio de uma conversa do grupo, sem que o coletivo estivesse preparado para ouvi-los. Não havia interlocutor ou diálogo. Às vezes, falavam no meio de uma leitura de alguém, sem se preocupar com quem estava lendo naquele momento ou se alguém estava ouvindo o que eles falavam. Um caos difícil de organizar e dar liga.

Precisei me colocar numa postura mais ativa, diferente do trabalho de recolhimento que eu vinha fazendo. Uma vez, no meio de muito tumulto, numa oficina que não parecia render trabalho, **Cássio**, um usuário, começou a me ajudar a coordenar. Organizou quem ia falar, inscrevia o nome de quem gostaria de ler, cedia a palavra a alguém, etc. Com essa participação, sugeri que a cada encontro, um usuário diferente pudesse coordenar a oficina.

Agora, logo no início, uma pessoa se candidata a ser o coordenador. Surpreendentemente, a partir dessa nova função operada por algum usuário, as falas, os escritos e as leituras passaram a ser mais endereçadas. **Renato**, que falava quase sozinho interrompendo os outros, passou a pedir a palavra e trazer perguntas ao grupo, pedindo sugestões sobre questões de sua vida. Depois, passou a ocupar o lugar de coordenação com grande frequência, ouvindo cada um e organizando as falas no grupo. Os textos começaram a conversar: a partir do texto de **Sarah**, **Elias** pôde escrever sobre o mesmo tema que ela, como uma resposta ao que a primeira tinha escrito. Começaram a surgir trabalhos coletivos: Fabiana ditava para Fausto escrever para ela, Natan ensinou novos desenhos à Marília. Como disse Cássio, a oficina pôde operar depois disso e tem funcionado assim neste momento.

Um outro exemplo dessa posição dos usuários conduzindo as questões dos colegas fica visível no caso de **Jairo**, um senhor que foi encaminhado ao grupo por ter escrito muitas poesias em sua juventude, e que há algum tempo não escrevia mais. Toda semana fazia a mesma pergunta ao grupo: “Por que eu não escrevo desde que adoeci?”, referindo-se à sua primeira crise. Essa pergunta, que se repetia, foi respondida *pelo grupo* com um convite a desenhar. Ele passou a fazer desenhos simples: uma casa, com uma árvore ao lado e um céu ensolarado. Num

dia, pegou uma folha e pôs-se a escrever uma poesia e, agora, a cada encontro escreve uma nova. Jairo, com a proposta dos participantes da oficina sem nenhuma demanda por escrever, apenas com uma sugestão de desenhar, pôde passar dos traços, rabiscos e desenhos à escrita de seus belos textos.

Parece que, depois dessa função de coordenação, eles se autorizaram mais a intervir nas questões trazidas pelos outros participantes e a transferência se pulverizou entre eles que também estão, sobretudo, no lugar de destinatário uns dos outros.

Localizo que essa função possibilitou um passo que vai de uma *lalíngua singular* e solitária, que não serve à comunicação ou ao diálogo, mas que serve, antes de tudo, ao gozo (LACAN, 1972-73) para uma *lalíngua de transferência*, como se falou no livro *A psicose ordinária* (BATISTA; LAIA, 2012). Houve alguma coisa que fez limite ao monólogo autista do gozo, e possibilitou ir da falta de diálogo a um vínculo entre eles, fazendo com que a solidão do gozo pudesse ser tomada em um discurso.

Vejamos agora três casos que estão na oficina desde o começo e que caminharam um tanto até aqui.

#### 4.2.4 Três casos: reconstruindo o mundo a partir da escrita

**Heitor** trabalhava como operador de tratores. Depois de um acidente de trabalho, não pôde mais exercer seu ofício, o que o deprimiu de forma muito grave e lhe tirou todo elã de vida. Ele “era as máquinas”, só isso sabia fazer. Durante uma internação, iniciou a escrita de um caderno de forma intensa e solitária e, depois de um longo tempo assim, começou a participar da oficina onde lia trechos deste livro, intitulado *Vida sem vida*. Era notório como ele se surpreendia muito com o retorno positivo dos ouvintes da leitura de seus textos e, a partir do fato de ser reconhecido, começou a escrever muitas poesias, sempre falando dos tratores e de seu corpo como uma máquina.

No entanto, retrucaram no grupo dizendo que ele deveria esquecer os tratores, ao que ele disse: “esquecer não é apagar, não dá para apagar isso como se apaga uma letra com uma borracha”. Supreendentemente, depois disso, escrever foi lhe possibilitando “esquecer um pouco os tratores” e não apagá-los, e foi ajudando-o numa mudança: “a cada vez que escrevo, eu mudo”. Mudava de “tratorista para *escritorista*”, o que é diferente de ser poeta, dizia ele. Escrever, portanto, deu um novo “sentido em sua vida” e lhe possibilitou retomar o convívio com a família, para a qual lê seus textos, e a criar laços com os usuários do serviço.

Com muitas poesias, criou, junto com sua técnica de referência, uma pasta que fica guardada no serviço. Nela, ele anexa e cataloga todos seus poemas. Assim, vi que ele já separava, previamente ao dia da oficina, a poesia que gostaria de ler no grupo e que, outras vezes, escreve na hora do nosso encontro. Sempre escreve com papel e caneta, depois digita no computador e imprime. Para as edições do jornal, nos envia por e-mail as poesias que quer publicar e guarda todas em sua pasta.

Heitor, a partir do ato de escrever, pôde recuperar alguma consistência do corpo que tinha se desvanecido, pôde ter seus textos reconhecidos por outras pessoas e organizar sua obra. Agora ele opera com a escrita, a partir de algo que não se apaga com a borracha, mas que é passado a limpo, rasurado. Um trabalho com a letra, como ele diz, que teve lugar na oficina de escrita. Foi de uma escrita solitária e melancólica a um livro compartilhado.

**Maitê** era uma grande e bela atriz que escrevia de modo incessante livros e mais livros, mas sem a publicação de nenhum. Com um fracasso financeiro em sua carreira, as perdas acarretadas pela velhice, a destruição total dos laços que tinha na vida e um completo abandono dos cuidados com o corpo, ela recorre a uma internação e inicia tratamento no serviço diariamente. O que predomina em seu caso é a vivência de uma angústia avassaladora e a certeza de que ela é muito melhor do que as outras pessoas que frequentam o Caps, o que a impede de fazer vínculos com os outros usuários. Ficou muitos meses apenas presente na oficina, sem produzir nada e sem conseguir ouvir as conversas no grupo, imersa em seus problemas. Precisávamos repetir seu nome algumas vezes, até que ela percebesse que falávamos com ela.

Em conversas após a oficina, me dizia do medo de sua obra acabar se perdendo quando ela não estivesse mais viva. Eu respondia convidando-a a ler seus textos na oficina, mas nada a animava. Certo dia, surpreendentemente, trouxe um de seus livros de contos e começou a ler um conto por encontro. Uma vez, pediu a outra pessoa que lesse para ela, pois estava rouca. Ouvir seu texto lido por alguém teve um efeito inédito para essa usuária. Segundo ela, isto lhe trouxe vontade de voltar a escrever, o que não fazia há anos. Com este trabalho em curso, já leu um de seus livros para o grupo, começou a ler outro e passou a escrever pequenos “flashes da realidade” durante a oficina. Curiosamente, se interessa pelos comentários que fazem de seus textos e ainda faz questão de ouvi-los, mesmo que eles sejam completamente delirantes.

Recentemente, depois de um convite meu de criarmos um blog para postar seus textos que não saíam no jornal e suas produções antigas, ela aceitou e iniciou uma nova prática que também estava adormecida: a leitura de livros. Se antes Maitê ficava inerte no sofá do Caps, hoje ela não para de ler, um livro atrás do outro. Ela, que vivia constantemente em plena

angústia, com um corpo largado, pôde retomar a escrita e a leitura, recursos que já dispunha, para regular o excesso, reinvestindo a libido acumulada no eu, que lhe toma na forma desse afeto avassalador, dando algum destino a ele com o ato de ler/escrever. Ainda pôde ter sua obra testemunhada por outras pessoas, sem o risco de não ser jamais lida.

**Fabiana** escreve aos montes. Passa o dia a andar pelo corredor do Caps sorrindo, às vezes gargalhando, e outras bem aflita. Fica muito contente e agradecida quando consegue folhas e caneta e encontra um canto mais quieto para sentar e escrever. Ela claramente organiza seu delírio escrevendo, faz contas e prescrições. Seus escritos são sempre cartas endereçadas a alguém (algun familiar, técnico do serviço ou algum usuário), e ela as entrega aos seus destinatários ao longo do dia.

Técnicos e usuários não conseguem acompanhar muito a lógica de sua construção delirante, mas não deixam de escutá-la, retribuindo a doçura de sua presença e de suas perguntas. Parece que não importa para ela se seu interlocutor compreendeu o que disse ou interrogou, tampouco a resposta ele dá à sua pergunta. Ela pede apenas, depois de uma fala muito enlouquecida e confusa, que se “pisque o olho” para ela. Parece que Fabiana busca não uma leitura do que ela fala ou escreve, mas apenas que se acuse recebimento, do que ela disse, com uma piscadela.

Na oficina de jornal, ela continua seu trabalho incessante de escrita e cuidadosamente ouve atenta os textos dos outros, compartilhando suas interpretações muito delirantes do que ela ouviu, o que surpreende os outros leitores em volta. Sua leitura dos textos mostra de forma clara como o significante não tem nenhuma relação com o significado. No que se refere aos seus textos, no entanto, ela nunca lê para o grupo as muitas páginas nas quais deposita sua escrita. Segundo ela, seus textos são “só para constar” e não para serem lidos. Inauguramos assim, uma pasta com esse título para quem desejar fazer o mesmo. Sempre ao final da oficina, ela me entrega um chumaço de folhas escritas e se desculpa pelo “trabalho” que me dará para organizá-las em sua pasta. Recentemente, me indica as que devem ir para a sua pasta e as que são para serem jogadas no lixo. Joyce falava do “trabalho” que daria aos universitários com sua obra e nos indicou sobre a relação entre letra e lixo.

Parece que Fabiana usa da carta/letra em suas duas vertentes, tanto na sua dimensão de mensagem, de carta endereçada, mas também como um escrito que a mensagem contida nele pouco importa, um escrito que não é para ser lido, compreendido, e sim para ser expedido, demonstrando a vertente da carta como pedaço de papel a ter um destino concernente a sua materialidade. Fabiana faz da carta/letra, lixo.

Três usuários, três percursos singulares, com a escrita e com a leitura, que nos ensinam muito sobre o trabalho que sabem fazer com a letra e com o gozo de *lalíngua*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na medida em que a relação com o corpo e sua constituição nas psicoses se passa num registro radicalmente diferente do que acontece na neurose, este trabalho teve como objetivo investigar os modos de invenção corporal e de regulação do excesso que afeta esses sujeitos. Vimos que nesses casos há um mal-estar deslocalizado, o que caracteriza as vivências de fragmentação corporal e de megalomania, por exemplo. Assim, tivemos como objetivo analisar os modos de dar tratamento ao gozo desregulado e os caminhos para se construir uma relação possível com o corpo nas psicoses, concluindo que o delírio e a escrita podem ser recursos para localizar a libido e fornecer uma estruturação corporal.

Para percorrer este caminho, no primeiro capítulo falamos sobre as elaborações acerca da clínica das psicoses feitas por Freud e por Lacan. Foi a partir da leitura dos textos freudianos, que abordam essa temática, que a questão do excesso, nesses casos, foi aparecendo para mim. A partir disso, retiramos um fio condutor que percorre toda nossa pesquisa, ele se refere aos modos como se dá tratamento a algo insuportável que acomete a todos os sujeitos, e tentamos cernir como se lida com esse mal-estar especialmente nas psicoses.

Na primeira parte desse capítulo, vimos como Freud (1894; 1911/ 2006) foi localizando e diferenciando o mecanismo fundante da estrutura psicótica que acarreta um retorno desde fora do que foi rejeitado, e como ele concluiu, a partir da leitura do testemunho escrito por Daniel Paul Schreber, que esse mecanismo implica uma retirada da libido dos objetos e um retorno dela ao eu, o que acontece de forma silenciosa. Vimos que *um* modo de reinvestir essa libido se dá pelo trabalho do delírio. Este funciona como um tratamento desse excesso, construindo um remendo na fenda que se abriu entre o psicótico e a realidade, o que é considerado como uma tentativa de cura, mesmo que aconteça de forma ruidosa. Assim, além do delírio, questionamos que outros modos são possíveis para reinvestir a libido e, deste modo, o ato de escrever se colocou como uma possibilidade de tratamento deste excesso.

Na segunda parte do primeiro capítulo, pudemos ver como Lacan (1955-56; 1957-58a), a partir do termo *Verwerfung* de Freud, indica que na entrada do sujeito no mundo simbólico, não há na psicose uma afirmação primordial como há na neurose, mas uma *foraclusão*: a rejeição de um significante que implica seu retorno no real. Trata-se da *foraclusão* do significante Nome-do-Pai no lugar do Outro, que viria substituir o que foi primeiramente simbolizado pela ausência da mãe. Abordamos também que um desencadeamento se dá quando o sujeito é convocado a responder aos apelos da vida e não tem o recurso a esse significante. Vimos, assim, os efeitos no corpo vividos pelos psicóticos após o desencadeamento, e as

tentativas de estabilização da desordem que foi provocada no sentimento de vida desses sujeitos na tentativa de construir algum contorno ao corpo e reinvestir a libido que se acumulou no eu.

Esse capítulo nos serviu para, além de fundamentar um percurso teórico sobre a clínica das psicoses, pensar que o modo de constituição do sujeito nesses casos implica uma relação com a linguagem e com o corpo radicalmente diferente. Nessa estrutura, vive-se uma relação de exterioridade ao conjunto do aparelho de linguagem e um estranhamento com o corpo, na medida em que uma marca perceptiva inaugural, tal como Freud (1896d/2006) descreveu na *Carta 52*, não se inscreve no psiquismo e não se pode entrar no discurso compartilhado. Essa conclusão nos levou a questionar a relação do psicótico com a escrita, já que não houve essa primeira inscrição psíquica.

É neste trilho que fomos ao segundo capítulo pensando sobre a constituição do corpo na neurose e na psicose, pois mostrou-se necessário analisar quais são as implicações sofridas na constituição do sujeito e de seu corpo devido a *foraclusão*. Esse percurso foi importante para analisar como o excesso é enquadrado na neurose e deslocalizado na psicose.

Ao longo desse capítulo, aprendemos com os casos de psicose que a fabricação do corpo não é dada de saída a nenhum ser falante, ela precisa ser inventada. Assim, optamos por fazer um estudo sobre o corpo, que nos permitiu chegar à conclusão de que o que caracteriza a experiência humana é uma desordem pulsional originária, e que o neurótico lança mão de um artifício a partir do recurso ao Nome-do-Pai para unificá-la, seguindo por uma “estrada principal”. Deste modo, vimos a importância da imagem e dos significantes que vêm do Outro para a constituição do corpo velando a desordem (LACAN, 1953-54), bem como da extração de um resto do corpo, de uma parte da libido que não passa à imagem especular: o objeto *a*, correlato da castração, a partir do qual se separa e localiza esse excesso de gozo do corpo (LACAN, 1962-63).

Na medida em que nas psicoses não há extração do objeto *a* (LACAN, 1967), nos perguntamos, na última parte desse capítulo, o que acontece com o gozo que não se separou do corpo e não teve um lugar demarcado para aparecer. Assim, concluímos que o gozo nas psicoses está deslocalizado, não investido no mundo via fantasia e que é preciso um outro trabalho para localizá-lo, seguindo por “pequenos caminhos” para se inventar um corpo.

Para pensar essa questão, retomamos a indicação de Freud (1911/2006) de que a libido retorna ao eu de formas diferentes na esquizofrenia e na paranoia, articulando essa referência com a indicação de Lacan (1962-63) de que o corpo na psicose é invadido por um gozo, devido a não extração do objeto *a*. O excesso de libido no eu – tanto no corpo despedaçado, quanto na

imagem cheia de gozo – requisita trabalho. Pensamos, assim, as soluções encontradas para tratá-la e reinvesti-la, ou seja, as invenções para localizar e esvaziar esse retorno do gozo.

É nesse sentido que apontamos o delírio como um modo de localizar o gozo no Outro (LACAN, 1966) e um trabalho de articulação do que invade o sujeito, uma articulação dos fenômenos elementares que retornam no real (LACAN, 1955-56). Deste modo, o delírio ganha o estatuto de um trabalho simbólico, de interpretação por uma construção de sentido delirante. Com a análise que fizemos do caso de Schreber, indicamos este recurso, o de se fazer a mulher de Deus, como um modo de dar um molde ao corpo do presidente, de construir um lugar no mundo e uma localização da libido.

No terceiro capítulo, perguntamos se a escrita também pode ter essa função, e colocamos esses dois recursos como formas que possibilitam alguma estabilização da relação com o corpo e com a linguagem na psicose. Começamos interrogando a escrita como um recurso possível a qualquer sujeito para se defender do que há de atordoante na relação com as palavras, visto que o mal-estar está colocado para todos, e fomos acompanhando como ela pode servir como solução, em especial, às psicoses.

Assim, entramos na questão da escrita e vimos como, nessa estrutura, o ato de escrever pode ser uma maneira de articulação e organização do próprio delírio, a partir de anotações incessantes em folhas de papel. A escrita colocou-se como possibilidade tanto aos psicóticos que deliriam quanto aos que não tem esse recurso, e apontamos o louco como escritor e não como poeta (LACAN, 1955-56).

Como Lacan (1972-73; 1975-76) avança sobre a escrita ao final de seu ensino, recorreremos aos últimos textos, e vimos como o excesso primordial vivido pelo ser falante é tratado a partir de uma escrita. Nos últimos seminários, esse excesso passou a ser abordado como o impacto de *lalíngua* e seu gozo sobre o corpo do vivente. Para isso, fomos acompanhando o percurso feito por Lacan até chegar à materialidade da palavra que marca o corpo, o que foi se radicalizando a partir do desenvolvimento do conceito de letra. Fomos da aproximação entre uma carta ou uma letra com algo a ser jogado no lixo como é apresentado no *Seminário sobre a carta roubada* (LACAN, 1956) à letra como distinta do significante em *Lituraterra* (LACAN, 1971) e vimos como foi predominando, ao longo do ensino de Lacan, o caráter material da letra em prol da sua função mensageira.

Concluimos, então, a partir do *Seminário 20* (LACAN, 1972-73), que, na neurose, os detritos da fala desarticulada que caem do Outro se depositam na carne sob a forma de letra e que, a partir da inscrição do traço, algo pode se escrever na forma do inconsciente estruturado como uma linguagem. Este advém das marcas cavadas por *lalíngua*, a partir de algo que se

inscreve no aparelho psíquico sob a forma de uma escritura, sulcando o corpo e fazendo escoar o gozo. Ou seja, um trabalho de escrever o inconsciente, cifrar o gozo de *lalíngua*, fazendo com que o sujeito entre no discurso, faça laço e fique um pouco surdo ao ruído da fala ou ao fato de que ela é imposta a qualquer sujeito. Trata-se do inconsciente como um texto que pode ser lido e decifrado, na medida em que já operou um ciframento. De qualquer modo, vimos que, ainda assim, há algo que resiste e não se escreve, requisitando um trabalho constante ao sujeito a partir de uma outra escrita.

É neste trilho que seguimos para a escrita dos nós (LACAN, 1972-73), uma escrita que não passa pelo sentido, mas que tem a ver com a letra, com o que não se lê e não se compreende: uma escrita pelo nó, pelo sinthoma – um quarto elo que enlaça real, simbólico e imaginário, circunscrevendo um lugar ao objeto *a*.

A partir dessa forma de tratamento do gozo nas neuroses, fomos pesquisar que modos de escrita são possíveis nas psicoses. Que outras formas de saber-fazer com *lalíngua* são possíveis para operar um ciframento do gozo, já que não se trata de uma escrita do inconsciente estruturado como uma linguagem? Quais invenções são feitas para lidar com o que há de atordoante da língua? Um fato clínico ficou claro: muito se escreve nesses casos. A partir disso, perguntamos que escrita é essa e qual sua função.

Vimos que a escrita está para o psicótico assim como o teatro interno está para o neurótico (LAURENT, 1995), e que na psicose os registros se dão menos a partir de lembranças conceituais e mais no concreto do pedaço de papel. Concluimos que a escrita pode servir como um modo de defesa do que é vivido pelo sujeito como invasivo. Uma escrita que não é a do inconsciente, mas que tem valor de suplência e que se coloca como um recurso para lidar com o excesso, drenando o ruído da fala, inventando um laço com o social e uma relação possível com o corpo. Escrevendo, se faz algo com o gozo que não se condensou sob a forma do objeto *a* extraído do corpo, e pode-se dar um destino ao gozo de *lalíngua* que não se inscreveu/escreveu no aparelho psíquico e que continua assolando o sujeito desde fora.

Assim, vimos que o texto do psicótico não é para ser lido e interpretado. Frente a ele, o psicanalista tem a função não de simplesmente tomar notas, mas de ordenar no tempo essa produção na função de secretário, que também expede as cartas/letras, fazendo delas lixo, entendendo o texto do psicótico como uma estratégia de distribuição e esvaziamento de gozo (Ibid.).

Nesse sentido, vimos a diferença do endereçamento de um texto na neurose com André Gide e na psicose com Schreber. Este, como nos disse Lacan (1955-56), nos deu um testemunho aberto a partir de seu discurso publicado sob a forma de um livro acabado sobre o que ele tinha

a absoluta certeza de ter vivido, num esforço de ser reconhecido, além de traduzir sua língua particular ao seu leitor, tornando-a pública e fazendo circular sua invenção. Schreber nos ensinou o lugar que devemos ocupar: o de secretário do alienado, mas também um lugar de endereçamento esvaziado de saber, a partir do qual o psicótico pode ceder um pedaço de papel, um objeto.

Assim, vimos que Schreber faz um trabalho com as duas dimensões de uma carta/letra: a de mensagem a ser transmitida e a de lixo a ser descartado. Pensamos, a partir disto, a publicação de uma carta ou de um texto, na psicose, como um ato que possibilita que a letra como lixo se perca e a circulação dos textos como um modo de veicular o gozo. O que implica, na relação do psicótico com o corpo, um fazer que produz algum alívio do que é vivido como excesso, pontos que nos ajudaram sobremaneira a pensar a oficina de jornal.

Com isso, analisamos a função da escrita em James Joyce, a partir das análises de Lacan (1975-76) sobre este autor. Vimos que o corpo de Joyce não se constituiu pela via da imagem narcísica, que comporta a ideia de si como um corpo. Seu ego é tecido a partir de sua escrita, ela enoda o imaginário que deslizou como uma casca, produzindo um modo de amarração desse corpo. Percebemos, assim, que a escrita para Joyce não passa pelo sentido ou pela transmissão de uma mensagem, mas tem a função de tecer seu corpo, aparelhando o gozo.

Ao final, a partir de todo este percurso feito, chegamos ao quarto capítulo. Nele, apresentamos duas situações clínicas no Caps III em que trabalho: um caso em que eu começo a escrever nos atendimentos com o paciente e a oficina de escrita e publicação do jornal do serviço em que eu acompanho psicóticos que escrevem, e muito.

Vimos no caso de João a ausência de uma unidade corporal, a vivência de um gozo desregulado e o uso de muitas passagens ao ato com cortes no corpo para localizar de alguma forma o excesso que o invadia. Acompanhamos a invenção de uma escrita que regulou a transferência, deu um lugar a ele no serviço, construiu uma história e tem ajudado na sustentação de seu corpo, produzindo algum alívio ao retorno do gozo e construindo um texto.

Com a oficina de jornal, compartilhei os encontros semanais que realizo com usuários do Caps, sobretudo psicóticos, que têm uma relação especial com a escrita e que se deixam levar pelo ato de escrever. Assim, foi possível que pessoas, que tinham uma relação solitária com a escrita e com a leitura, pudessem tornar esses trabalhos mais coletivos. Vimos que, nesses casos, trata-se de uma escrita que privilegia mais a metonímia e o caráter material da letra. Falamos da importância de me colocar a partir de um lugar de furo para poder, além de secretariar os textos, ocupar também um lugar de endereçamento, como destinatária dos escritos, dando-lhes um destino e possibilitando que eles circulem. Concluímos, assim, que a

produção de um texto pode construir uma borda para o corpo e permitir escoar o que se acumula como excesso e que, esses usuários, ao deixar um papel sob os meus cuidados e publicar um escrito, podem ceder um objeto, tendo uma perda de gozo nisso. E, tal como o ato de jogar fora algo na lixeira, fazer da letra, lixo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, M. (2015). *Meu quintal é maior que o mundo*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- BASSOLS, M. (2016). *O corpo, o visível e o invisível*. Disponível em: <http://www.congressoamp2016.com/pagina.php?area=8&pagina=109>. Acesso em: julho, 2016.
- BASTOS, A.; FREIRE, B. (2006). Sobre o conceito de *alíngua*: elementos para a psicanálise aplicada ao autismo e às psicoses. In: BASTOS, A. (Org). *Psicanalisar hoje*. Rio de Janeiro, Contra Capa Ed.
- BATISTA, M. E LAIA, S. (2012). *A psicose ordinária*. Belo Horizonte: Scriptum Livros.
- BRASIL. (2004). *Saúde mental no SUS: os centros de atenção psicossocial*. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Brasília, 2004, 86 p.
- BROUSSE, M. H. (2014). Corpos lacanianos: novidades contemporâneas sobre o Estádio do espelho. *Opção Lacaniana Online*. n.15, ano 5, nov.
- CALDAS, H. (2007). *Da voz à escrita: Clínica Psicanalítica e Literatura*. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria.
- CALDAS, H. (2015). Trauma e linguagem: acorda. In: *Opção Lacaniana Online*. n.16, ano 6, março.
- SCHREBER, D. P (1905). *Memórias de um doente dos nervos*. Rio de Janeiro: Graal Ed, 1984, 316p.
- FREUD, S. (2006). *Edição Standard Brasileira de Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (ESB)*, Rio de Janeiro: Imago, 24 vols.
- \_\_\_\_\_. (1894). As neuropsicoses de defesa. p. 51-72, vol. III.
- \_\_\_\_\_. (1950[1985]). Projeto para uma psicologia científica. p. 335-454, vol. I.
- \_\_\_\_\_. (1895). Rascunho H – Paranóia. p.253-258, vol. I.
- \_\_\_\_\_. (1896a). Carta 46. p.276-280, vol. I.
- \_\_\_\_\_. (1896b). Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa. p. 159-188, vol. III.
- \_\_\_\_\_. (1896c). Rascunho K – As neuropsicoses de defesa. p.267-276, vol. I.
- \_\_\_\_\_. (1896d). Carta 52. p. 281-287. vol. I.
- \_\_\_\_\_. (1899). Carta 125. p.331-331. vol. I.

- \_\_\_\_\_. (1900). A interpretação dos sonhos. p. 15-363, vol. IV.
- \_\_\_\_\_. (1905). Os três ensaios. p. 119-217, vol. VII.
- \_\_\_\_\_. (1911). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (dementia paranoides). p.15-89, vol. XII.
- \_\_\_\_\_. (1912). A dinâmica da transferência. p. 109-119, vol. XII.
- \_\_\_\_\_. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. p.77-108, vol. XIV.
- \_\_\_\_\_. (1918[1914]/2006). História de uma neurose infantil. p. 15-129, vol. XVII.
- \_\_\_\_\_. (1923). Neurose e psicose. p. 165-171, vol. XIX.
- \_\_\_\_\_. (1924). A perda da realidade na neurose e na psicose. p. 203-209, vol. XIX.
- \_\_\_\_\_. (1925). A negativa. p. 263-269, vol. XIX.
- GRECO, (2003). *A letra em seu devido lugar*. Em: <http://poslit.letras.ufmg.br/pt-br/>. Acesso em dezembro, 2017.
- GUERRA, A. (2007). *Estabilização psicótica na perspectiva borromeana: criação e suplência*. Rio de Janeiro, 2007, 272f. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Pós- Graduação em Teoria Psicanalítica, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- GUERRA, A. (2010). *A Psicose*. Rio de Janeiro: Zahar.
- HOLCK, A.L.L. (2010). *Uma certa escrita*. In: Arquivos da Biblioteca 7. Rio de Janeiro. EBP-Rio, p. 39-46.
- JIMENEZ, S. (1993). CI-Gide: Efeitos subjetivos da obra literária. In: QUINET, A. J. *Lacan: a psicanálise e suas conexões*. Rio de Janeiro: Imago Ed.
- JIMENEZ, S. (2014). *No cinema com Lacan: o que os filmes nos ensinam sobre os conceitos e a topologia lacaniana*. Rio de Janeiro: Ponteiro.
- JOYCE, J. (2014) *Retrato do artista quando jovem*. Porto Alegre, L&PM.
- LACAN, J. (1949) - O estádio do espelho como formador da função do eu. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998. p. 96-103.
- \_\_\_\_\_. (1953-54) *O Seminário, Livro 1 – Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.
- \_\_\_\_\_. (1955-56). *O Seminário, livro 3: As Psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2002
- \_\_\_\_\_. (1956-57) *O Seminário, Livro 4 – A relação de objeto*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

\_\_\_\_\_. (1956). Seminário sobre a carta roubada. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998. p. 13-66.

\_\_\_\_\_. (1957). A instância da letra ou a razão desde Freud. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998. p. 496-533.

\_\_\_\_\_. (1957-58a). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998. p. 537-590.

\_\_\_\_\_. (1957-58b). *O Seminário, Livro 5 – As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

\_\_\_\_\_. (1958). Juventude de Gide ou a letra e o desejo. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998. p. 749-775.

\_\_\_\_\_. (1959-60). *O Seminário, Livro 7 – A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

\_\_\_\_\_. (1961). Observações sobre o informe de Daniel Lagache: “Psicanálise e estrutura da personalidade”. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998. p. 653-691.

\_\_\_\_\_. (1962-63). *O Seminário, Livro 10 – Angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

\_\_\_\_\_. (1964). *O Seminário, Livro 11 – Os quatro conceitos fundamentais de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

\_\_\_\_\_. (1966) O Aturdido. In: \_\_\_\_\_. *Outros escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 448-497, 2003.

\_\_\_\_\_. (1967). Pequeno discurso aos psiquiatras, 10 de novembro de 1967. Inédito. Acesso em: <http://www.ecole-lacanienne.net/pastoutlacan60.php>.

\_\_\_\_\_. Lituraterra (1971). In: \_\_\_\_\_. *Outros escritos*, Rio de Janeiro: Zahar Ed, pp. 15-25, 2003.

\_\_\_\_\_. (1972-73) *O Seminário, Livro 20 – Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

\_\_\_\_\_. (1975-76). *O Seminário, livro 23: O Sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2007.

\_\_\_\_\_. (1975) Conferência em Genebra sobre o sintoma. In: Opção Lacaniana. Ano. Opção Lacaniana – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, n.23. São Paulo: Editora Eólia, p.14, 1998.

LAIA, S. (2001). *Os escritos fora de si – Joyce, Lacan e a loucura*. Belo Horizonte: Autêntica/FUMEC.

LAURENT, E. (1995). *Versões da clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 248p.

- MALEVAL, J.C. (2002). *La forclusión del Nombre del Padre: el concepto y su clínica*. 1ed. Buenos Aires: Paidós.448p.
- MANDIL, R. (2003). *Efeitos da letra: Lacan leitor de Joyce*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Contra Capa Livraria / Faculdade de Letras UFMG.
- MANDIL, R. (2008a). “Formas de relação com o corpo próprio”. In: *Latusa Digital*, n.32, ano 5, mar.
- MANDIL, R (2008b). “Joyce e a ‘ideia de si como corpo’”. In: Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, interações e convergências, 2008, São Paulo, SP.
- MANDIL, R. (2010). Escritor, mas não poeta. In: Arquivos da Biblioteca 7. Rio de Janeiro. EBP-Rio, p. 53-63.
- MUÑOZ, N et al (2014). Incorporando histórias: a recomposição do corpo próprio na perspectiva dos usuários de serviços de saúde mental. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, v.17, n. 4, p.872-886, dez.
- MANSO, R.; CALDAS, H. (2013). Escrita no corpo: gozo e laço social. In: *Ágora*. Número especial, v. XVI. Rio de Janeiro, abril, p. 109-126.
- MILLER, J-A. (1995). A invenção do delírio. In: *Opção Lacaniana Online*. Acesso em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/antigos/pdf/artigos/JAMDelir.pdf>
- MILLER, J-A. (2003). A invenção psicótica. In: *Opção Lacaniana*, n. 36, maio.
- MILLER, J.A. (2012). Os seis paradigmas do gozo. In: *Opção Lacaniana Online*. Ano3, n.7, março.
- MILLER, J-A. (2015). Sobre o Gide de Lacan. In: *Opção Lacaniana Online*. Ano 6, n.7, julho.
- OLIVEIRA, R. (2008). *A invenção do corpo nas psicoses: impasses e soluções para o aparelhamento da libido e a construção da imagem corporal*. Rio de Janeiro: 2008, 200 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- PATROCÍNIO, S. (2009). *Reino dos bichos e dos animais e meu nome*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial. 2ed.
- POE, Edgar Allan (2008). A carta roubada. In: \_\_\_\_\_. *Histórias extraordinárias*. Tradução, seleção e apresentação de José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. pp. 48-68.
- RAMIREZ, C. Lalíngua. (2016) In: *O corpo falante: sobre o inconsciente no século XXI*. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, p. 192-193.
- VIEIRA, M (2005). Os dois corpos da escrita. In: *Latusa Digital*. Rio de Janeiro, n.17.
- \_\_\_\_\_. (2007) No banquinho de Joyce (Lições da psicose). In: *Latusa*. Rio de Janeiro, EBP, v. I n. 12, novembro 2007, pp. 161-186

VIEIRA, M. (2014). Traço e rede. In: *Latusa*. Rio de Janeiro, n.19, p. 171-178.